



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

BÁRBARA ROBERTA ALMEIDA TREVISAN

**O FEMINISMO POSSÍVEL NA *FOLHA DE LONDRINA* DA
DÉCADA DE 1970:
O TRABALHO DAS MULHERES DA FOLHA FEMININA**

BÁRBARA ROBERTA ALMEIDA TREVISAN

**O FEMINISMO POSSÍVEL NA *FOLHA DE LONDRINA* DA
DÉCADA DE 1970:
O TRABALHO DAS MULHERES DA FOLHA FEMININA**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras –
Estudos Literários, da Universidade Estadual de
Londrina.

Orientadora: Profa. Dra. Suely Leite

Londrina
2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

T816	Trevisan, Bárbara Roberta Almeida. O feminismo possível na Folha de Londrina da década de 1970 : O trabalho das mulheres da Folha Feminina / Bárbara Roberta Almeida Trevisan. - Londrina, 2026. 133 f. Orientador: Suely Leite. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2026. Inclui bibliografia. 1. Autoria feminina - Tese. 2. Folha de Londrina - Tese. 3. Apagamento - Tese. 4. Jornalismo - Tese. I. Leite, Suely. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título. CDU 82
------	--

BÁRBARA ROBERTA ALMEIDA TREVISAN

**O FEMINISMO POSSÍVEL NA *FOLHA DE LONDRINA* DA DÉCADA DE
1970:**

O TRABALHO DAS MULHERES DA FOLHA FEMININA

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Orientadora Suely Leite
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Barbara Cristina Marques
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Maria Isabel Borges
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Cláudia Cristina Ferreira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 31 de julho de 2026.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Celma e Emílio, que dedicaram suas vidas para que eu pudesse me tornar quem sou hoje e que sempre acreditaram em mim. Eu não seria a pessoa que sou sem o amor deles.

À minha orientadora, professora Suely Leite, que todos os dias inspira todos à sua volta e exerce seu trabalho com muito carinho e paciência. Ela foi fundamental para que esta pesquisa fosse concluída.

Aos meus amigos Larisa, Lucas e Evilásio, que sempre me deram apoio, confiança e força necessários para que eu pudesse fazer o melhor trabalho possível.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação que compartilham o amor à literatura e conhecimento com seus alunos todos os dias.

A toda a minha família, vó Maria, vó Dirce, vô Nelo (*in memoriam*) e a todas as pessoas que, mesmo sem entender o significado deste sonho, sempre me apoiaram e acreditaram em mim.

Ao meu primo Felipe, que com sua calma e sabedoria, sempre se colocou à disposição para me ajudar, me aconselhar e me ouvir.

Às professoras da minha banca de qualificação, Bárbara Marques e Cláudia Cristina Ferreira, pelas contribuições valiosas para o aperfeiçoamento deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, pela bolsa de incentivo, que contribuiu financeiramente para a realização da pesquisa.

Às mulheres que trabalharam na *Folha de Londrina* e possibilitaram a pesquisa, Rose Arruda, Christiane Helena, Linda Bulik, Joana Lopes, Teresa Urban, Karen Debértolis e Celia Musili.

A todas as mulheres que vieram antes de mim.

RESUMO

TREVISAN, Bárbara Roberta Almeida. **O FEMINISMO POSSÍVEL NA FOLHA DE LONDRINA DA DÉCADA DE 1970:** o trabalho das mulheres da Folha Feminina. 2025. Dissertação para obtenção de título de Mestre. Universidade Estadual de Londrina, 2026.

O objetivo desta pesquisa é investigar o que foi publicado em exemplares do caderno feminino da *Folha de Londrina* no decorrer de 1970 a 1975. Historicamente, o jornalismo foi uma das principais portas de entrada das mulheres na esfera pública e para a autoria feminina. Em sociedades marcadas por fortes estruturas de gênero, a imprensa, principalmente jornais e cadernos femininos, possibilitou que autoras escrevessem, ainda que muitas vezes sob pseudônimos ou em seções consideradas menores. No entanto, no Paraná as mulheres, em sua maioria, não criaram periódicos voltados ao público feminino, a participação das paranaenses foi, predominantemente, em jornais tradicionais e hegemônicos, portanto, existe uma necessidade de pesquisas em relação a autoria feminina nestes periódicos. Pensando no jornalismo da década de 1970, deve-se destacar a repressão e censura sofridas por jornais e jornalistas em decorrência da ditadura militar brasileira. Assim, para o estudo das formas de jornalismo exercidas pelas escritoras brasileiras e paranaenses nos ancoraremos em autores como Duarte (2023), Kucinski (1991) e Rocha e Woitowicz (2018) e para a análise do conteúdo das publicações Beauvoir (1967), Friedan (2025), Woolf (2014) entre outros. A *Folha de Londrina* contratou suas primeiras jornalistas entre o fim da década de 1960 e início de 1970: Linda Bulik, Teresa Urban e Joana Lopes, que não trabalharam no caderno feminino, além de Christiani Helena e Rose Arruda, que foram responsáveis pela Folha Feminina em épocas diferentes. Além do perceptível objetivo de manutenção da vida da mulher como rainha do lar, é possível encontrar matérias de cunho informativo acerca do movimento de libertação da mulher e sobre a participação das mulheres na vida pública. O que se destaca na pesquisa é o apagamento simbólico sofrido pelas jornalistas do periódico analisado, a grafia equivocada de nomes, quantidade escassa de homenagens e textos jornalísticos sobre essas mulheres contribuem para a invisibilidade e apagamento de colaboradoras.

Palavras-chave: *Folha de Londrina*; Folha Feminina; autoria feminina; jornalismo; apagamento.

ABSTRACT

TREVISAN, Bárbara Roberta Almeida. ***THE POSSIBLE FEMINISM IN FOLHA DE LONDRINA IN THE 1970s: the work of women in Folha Feminina***. 2025. Dissertation to obtain the title of Master. Londrina State University (Universidade Estadual de Londrina), 2026.

The objective of this research is to investigate what was published in newspaper of the women's supplement *Folha Feminina* of *Folha de Londrina* between 1970 and 1975. Historically, journalism was one of the main gateways for women into the public sphere and into female authorship. In societies marked by strong gender structures, the press—especially newspapers and women's supplements—made it possible for women authors to write, even though they often did so under pseudonyms or in sections considered of lesser importance. However, in the state of Paraná, women, for the most part, did not create periodicals aimed specifically at a female audience; the participation of women from Paraná occurred predominantly traditional and hegemonic newspapers. Therefore, there is a need for research on female authorship within these periodicals. When considering journalism in the 1970s, it is important to highlight the repression and censorship suffered by newspapers and journalists because of the Brazilian military dictatorship. Thus, to study the forms of journalism practiced by Brazilian and Paraná women writers, this research draws on authors such as Duarte (2023), Kucinski (1991), and Rocha and Woitowicz (2018). For the analysis of the content of the publications, it engages with Beauvoir (1967), Friedan (2025), Woolf (2014), among others. *Folha de Londrina* hired its first female journalists between the late 1960s and early 1970s: Linda Bulik, Teresa Urban and Joana Lopes, who did not work in the women's supplement, and Christiani Helena and Rose Arruda, who were responsible for *Folha Feminina* at different times. In addition to the clear objective of maintaining women's lives as queens of the home, it is possible to find informative articles about the women's liberation movement and about women's participation in public life. What stands out in the research is the symbolic erasure suffered by the journalists of the analysed newspaper: the incorrect spelling of names, the scarce number of tributes, and the lack of articles about these women contribute to the invisibility and erasure of female contributors.

Keywords: *Folha de Londrina*; *Folha Feminina*; female authorship; journalism;

erasure.

LISTA DE EXCERTOS

Excerto 1 – A mulher segundo o periódico A Violeta.....	30
Excerto 2 – A importância da mulher.....	31
Excerto 3 – As minhas patrícias.....	32
Excerto 4 – Religiosidade.....	33
Excerto 5 – Educação.....	34
Excerto 6 – Emancipação Feminina.....	35
Excerto 7 – Francisco Barroso e a emancipação feminina.....	35
Excerto 8 – Excertos.....	36
Excerto 9 – Sexo Frágil.....	37
Excerto 10 – Não são as mulheres que querem arruinar o mundo.....	38
Excerto 11 – Abandono matrimonial.....	39
Excerto 12 – Vitoria Feminista Sul-Americana.....	40
Excerto 13 – Após o sufrágio o sonho da imortal.....	40
Excerto 14 – <i>A Mocinha</i>	48
Excerto 15 – Mulher metalúrgica.....	54
Excerto 16 – Matéria sobre Anistia.....	55
Excerto 17 – Direito ao aborto.....	56
Excerto 18 – Casamento e virgindade.....	56
Excerto 19 – Parte da capa <i>Brasil Mulher</i>	57
Excerto 20 – Matéria sobre tendências de moda.....	72
Excerto 21 – Matéria sobre moda unissex.....	73
Excerto 22 – Moda infantil.....	74
Excerto 23 – Moda masculina.....	75
Excerto 24 – Matéria sobre a nova tendência para 1970.....	76
Excerto 25 – Beleza como sinônimo de saúde.....	77
Excerto 26 – Cirurgia plástica e financiamento.....	78
Excerto 27 – Tratamento estético.....	79
Excerto 28 – Obesidade.....	80
Excerto 29 – Receitas.....	83
Excerto 30 – Bordado.....	83
Excerto 31 – Molde de luvas.....	84
Excerto 32 – Truquezinhos.....	86

Excerto 33 – Decoração.....	87
Excerto 34 – Psicóloga responde.....	88
Excerto 35 – Trabalhar fora afeta o desenvolvimento infantil?.....	89
Excerto 36 – Desatenção dos pais.....	91
Excerto 37 – Custos das voltas às aulas.....	92
Excerto 38 – O preço do seu Natal.....	93
Excerto 39 – Dia das Crianças.....	94
Excerto 40 – SOCILA.....	97
Excerto 41 – Serviço militar para mulher.....	99
Excerto 42 – André Laug.....	100
Excerto 43 – Maria Leopoldina Rezende.....	101
Excerto 44 – A literatura aconteceu.....	102
Excerto 45 – Participação da mulher na sociedade.....	104
Excerto 46 – Os problemas da pílula.....	106
Excerto 47 – Anticoncepcional chinês.....	107
Excerto 48 – Fórum internacional.....	108
Excerto 49 – A ONU e as mulheres.....	109
Excerto 50 – Maneiras de ser mulher.....	110
Excerto 51 – As mulheres do <i>Women's Lib</i>.....	112
Excerto 52 – Respostas das leitoras.....	114

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	PERCURSO HISTÓRICO.....	15
1.1	O PATRIARCADO NA VIDA E NO CORPO DAS MULHERES	15
1.2	CONTEXTO E IMPORTÂNCIA DA IMPRENSA FEMININA	18
1.3	TIPOS DE IMPRENSA.....	22
1.4	A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA IMPRENSA.....	24
1.5	UMA BREVE LINHA DO TEMPO DA IMPRENSA FEMININA E FEMINISTA.....	25
2	O PARANÁ NO MAPEAMENTO.....	43
2.1	OS PERIÓDICOS PARANAENSES <i>A MOCINHA</i> (1888) E <i>SENHORITA</i> (1910)	48
2.2	A MILITÂNCIA FEMININA E FEMINISTA.....	50
2.3	<i>BRASIL MULHER</i>	52
3	A FOLHA DE LONDRINA.....	59
3.1	<i>FOLHA DE LONDRINA</i> : DA CRIAÇÃO AOS DIAS ATUAIS.....	63
3.2	AS MULHERES DA <i>FOLHA DE LONDRINA</i>	64
3.3	O QUE DIZEM AS MULHERES DA FOLHA FEMININA.....	68
3.4	O MITO DA BELEZA.....	69
3.5	SER MULHER NO MUNDO PATRIARCAL.....	81
3.6	O ANTIFEMINISMO E OS DISCURSOS HEGEMÔNICOS NA <i>FOLHA DE LONDRINA</i>	95
3.7	O FEMINISMO POSSÍVEL NA FOLHA FEMININA.....	104
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
	REFERÊNCIAS.....	119
	HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA.....	124
	PLATAFORMA PERGAMUM.....	126
	APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DO EXCERTO 2.....	129
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DO EXCERTO 24.....	130
	APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DO EXCERTO 26.....	131
	APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DO EXCERTO 34.....	132
	APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DO EXCERTO 42.....	133

INTRODUÇÃO

A escrita de autoria feminina está presente em diversas áreas da sociedade, mas nem sempre foi assim. Todos os direitos conquistados pelas mulheres foram apenas possíveis após a luta de pessoas que chamamos hoje de feministas, algumas nem imaginavam que seriam conhecidas por tal “rótulo”, muitas vezes utilizado de forma negativa. Mesmo sem saber o que as esperava foram responsáveis por termos os direitos de ler, escrever, estudar, votar e diversos outros privilégios, atualmente considerados direitos básicos, conquistados após muito esforço e sofrimento. Hoje as chamamos de feministas, de forma positiva.

Sabe-se que cada onda do feminismo era reivindicada um tipo de demanda que contribuísse para a libertação da mulher, o protofeminismo e a primeira onda buscaram o direito à educação, já que o conhecimento era o primeiro passo para a universalidade de direitos entre homens e mulheres. Com o decorrer do tempo e a partir da inserção da mulher no mundo das letras abriram-se possibilidades na literatura, no jornalismo, na educação e um espaço público para reivindicações dessa minoria de mulheres letradas.

Segundo Constância Lima Duarte (2023), os jornais e as revistas foram os principais veículos de produção de autoria feminina, além da literatura. É também pontuado pela pesquisadora que a imprensa feminista e a literatura de autoria feminista também surgem praticamente ao mesmo tempo no Brasil, no início do século XIX. À vista disso, é importante no estudo de autoria feminina que se pesquise por completo a produção letrada das autoras, incluindo textos além dos ficcionais, como o jornalístico, ensaios, crônicas, diários etc. Textos além dos literários podem nos mostrar abertamente o que se debatia e era relevante para as mulheres daquele período e como tais temas poderiam ser entendidos pela sociedade em questão, muitas vezes sem a utilização de metáforas.

As quatro ondas feministas foram extremamente significantes para as conquistas dos direitos das mulheres. A segunda onda feminista ocorreu em meados da década de 1960 até 1980, que entre outras reivindicações buscava ter controle sobre o direito reprodutivo e entender o que era ser mulher. Enquanto em alguns países se debatia o anticoncepcional e o direito ao aborto, no Brasil a segunda onda se mistura com outros tipos de reivindicações em consequência da ditadura militar brasileira que durou cerca de 21 anos (1964 - 1985). Entre as lutas possíveis para as

feministas desta onda brasileira se destacam ainda a busca pela Anistia e a criação do Movimento Negro Unificado (MNU).

É neste contexto de ditadura, AI-5 e segunda onda feminista que se busca investigar o que era publicado na Folha Feminina do jornal *Folha de Londrina*, entre os anos de 1970 e 1975. Espera-se que a pesquisa possa nos levar a respostas sobre os objetivos específicos do trabalho: determinar quem eram os responsáveis ou as responsáveis pela coluna feminina do periódico, definir se realmente eram mulheres que escreviam, compreender se era possível abordar todos os assuntos que podiam interessar ao público-alvo da época e entender se com base nos exemplares coletados existiam assuntos que acabavam por não aparecer naquele espaço destinado a mulheres.

A ideia para o tema da seguinte dissertação surgiu no grupo de pesquisa da Professora Suely Leite ao estudar a autoria feminina nos contos da década de 1970. O projeto era intitulado “Representações de gênero em contos de autoria feminina elencados nas obras O Conto Brasileiro Contemporâneo (1985), Geração 90: os transgressores (2003) e História da Literatura Brasileira (2004).” O projeto de pesquisa resultou em trabalhos e apresentações feitas em seminários e congressos. Para entender o contexto de escrita da época foi necessário ler um artigo intitulado “Mulheres no Brasil dos anos 1970: militância, mídia e padrão de beleza”¹, que abordava entre outros temas a escrita de autoria feminina em jornais e revistas.

A pesquisa é de caráter documental histórico e foi feita utilizando a base de dados da plataforma Pergamum, responsável pelo acervo *online* dos museus do Paraná. A plataforma pertence a Associação Paranaense de Cultura e atualmente é gerenciado pela Assessoria de Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, é um ambiente colaborativo para consulta de acervos de instituições variadas, como museus, universidades e bibliotecas. A pesquisa apenas foi viável pois o jornal *Folha de Londrina* doou o próprio acervo para a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e graças a um projeto ainda em andamento intitulado “Preservação de Coleções da Prefeitura Municipal de Londrina no Museu Histórico da cidade” do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica Enezila de Lima (NDPH) com o Museu Histórico de Londrina (MHL) foi possível encontrar os exemplares antigos do periódico na plataforma Pergamum de um dos principais jornais do Paraná.

¹ Nadiesda Carolina Dimambro Capuchinho – Extraprensa, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 157 – 178, jan./jun. 2019.

A pesquisa está organizada em seções que partem da imprensa feminina e feminista brasileira com treze excertos de periódicos variados, sendo o primeiro do ano de 1849 e o último de 1934. Após abordar amplamente como se desenvolveu a autoria feminina em jornais a nível nacional partiu-se para a contribuição paranaense sendo utilizado seis excertos, o primeiro excerto é datado de 1888 e o último de 1975, pode-se perceber uma participação pequena do estado na imprensa feminina e feminista. Finalmente após compreender o desenvolvimento dos jornais femininos e feministas e como foi a participação do estado do Paraná é que tem-se os excertos relativos a *Folha de Londrina*. A partir do vigésimo excerto todos são relativos ao jornal pesquisado.

Faz-se necessário diferenciar o que é considerado imprensa feminina e o que é considerado imprensa feminista. A primeira aborda temáticas de interesse do público feminino de forma ampla como moda, literatura, beleza, assuntos como o cotidiano das mulheres e a maternidade.

Já a imprensa feminista é mais voltada à luta por direitos e é mais contestadora, tinha cunho intelectual e buscava difundir suas ideias. As duas formas de abordar temas de interesse feminino podiam coexistir em um mesmo jornal ou revista, mas provavelmente acabariam ficando de lados opostos se tratando da luta por direitos e política, pois é comum que a imprensa feminina fosse mais alinhada ao conservadorismo.

Inicialmente imprensa feminina e/ou feminista era feita por homens para mulheres. Após alguns anos, as mulheres passam a enviar textos para a publicação e, posteriormente, consolidaram-se os jornais feitos por mulheres e para mulheres. Existe um caminho histórico a ser percorrido que tem direta relação com o contexto social do Brasil dos séculos XIX e XX, observa-se a pouca participação paranaense no jornalismo feminino e feminista, para entender o motivo foi necessário recorrer a pesquisadoras e pesquisadores das áreas de História e Comunicação.

Segundo as pesquisadoras Paula Melani Rocha e Karina Janz Woitowicz (2019), no Paraná as mulheres passaram a fazer parte do jornalismo por meios tradicionais, ou seja, o caminho percorrido por aqui foi diferente. Enquanto em alguns estados o número de jornais criados especificamente para o público feminino era elevado, no Paraná era quase inexistente. As paranaenses adentraram as redações por meio de colunas consideradas menos importantes como de lazer, cultura, maternidade etc.

Levando em consideração o modo que se deu o jornalismo feminino e feminista paranaense foi necessário estudar um jornal hegemônico, o objetivo da pesquisa é entender quem era responsável pela Folha Feminina da *Folha de Londrina*, se eram mulheres que escreviam e eram publicadas, tentar entender se era possível abordar qualquer assunto de interesse público e observar se algum tema sensível ficaria de fora das publicações no caderno. Pensando em jornal feminino e feminista paranaense observou-se a presença ou não de semelhanças com o jornal *Brasil Mulher*, que circulou na mesma década, mas sendo abertamente militante.

A Folha Feminina era semanal e durante a pesquisa foi possível perceber a diferença de temas a depender da época e se alguma jornalista assinava o caderno feminino. É importante ressaltar que os exemplares contidos na pesquisa eram apenas os que faziam parte do acervo *online* da plataforma, e sua disponibilidade era diretamente relacionada ao desenvolvimento do projeto pelo Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica Enezila de Lima (NDPH).

No início da pesquisa já foi perceptível a quantidade ínfima de informações sobre as primeiras mulheres que trabalharam na *Folha de Londrina* deixando clara necessidade de pesquisa para não esquecimento das jornalistas que foram responsáveis pelo desbravamento no jornalismo para as mulheres londrinenses.

1. PERCURSO HISTÓRICO

1.1 O PATRIARCADO NA VIDA E NO CORPO DAS MULHERES

Segundo Gerda Lerner em *A Criação do Patriarcado* (2019), a subordinação feminina ao patriarcado foi imposta ao decorrer do tempo e em cada sociedade funcionou de uma forma, no entanto, sabe-se que tudo começou na família patriarcal. A divisão do trabalho, a depender da cultura, está relacionada ao gênero e ao cuidado com a prole, mesmo que a mulher fosse capaz de caçar todo tipo de animal, ela passou a ficar mais restrita à caça de animais pequenos ou lhes era atribuído um trabalho que não as colocasse em perigo, garantindo assim a sobrevivência daquele grupo. É a partir de um núcleo familiar ramificado a partir do qual homens e meninos ganham território no espaço público justamente pela divisão sexual do trabalho, agregando a figura masculina funções de valor social como cargos políticos, religiosos, militares etc. As mulheres ficaram mais restritas ao espaço doméstico muito em decorrência da esfera da reprodução e continuidade da família.

Faz-se necessário ressaltar que ainda segundo Gerda Lerner (2019), a subordinação feminina é anterior à propriedade privada e acaba por ter uma relação com a formação do sistema econômico.

A apropriação da função sexual e reprodutiva de mulheres pelos homens ocorreu *antes* da formação da propriedade privada e da sociedade de classes. A transformação dessa capacidade em mercadoria, na verdade, está no alicerce da propriedade privada. (Lerner, 2019, p. 33)

O comércio de mulheres era uma prática já observada em sociedades tribais, com o decorrer do tempo a coisificação e a comercialização de mulheres possibilitaram práticas como o comércio de concubinas, o uso de servas como objetos sexuais, a prostituição e possibilitou a subordinação de outros grupos como a escravização de pessoas negras. Ou seja, as mulheres foram o primeiro grupo a ser dominado, o que posteriormente resultaria na dominação e subordinação de outros grupos.

Falar sobre o casamento é de extrema importância ao se estudar a subordinação feminina. O de ser trocada em casamentos figurou entre os primeiros papéis de gênero atribuídos às mulheres, cabendo aos homens a execução dessas transações. Além desse, outro importante papel desempenhado por mulheres que está diretamente relacionado ao gênero é o de esposa, quando o matrimônio era

dentro dos grupos de elite a união poderia proporcionar poder e privilégios se atendessem às expectativas impostas a elas como um desempenho satisfatório sexualmente e reprodutivamente. Pensando ainda no que se entende por privilégios relacionados ao gênero é que a educação era sistematicamente segregada, apenas mulheres de famílias aristocratas tinham acesso à educação.

Há uma relação direta entre a estratificação social e a dominação do corpo feminino e da sexualidade. Lerner, em *A Criação do Patriarcado*, apresenta ao leitor o decorrer da criação da família patriarcal estudada principalmente a partir da Mesopotâmia e como o fenômeno causou a dominação sexual e corporal das mulheres inseridas em tais sociedades. Do ponto de vista econômico, a mulher se torna um objeto, seja como filha ou esposa:

O grande valor que as filhas tinham para uma família era o potencial de serem noivas. O preço de noiva recebido por uma filha costumava ser usado para financiar a aquisição de uma noiva para o filho. Os casamentos na Mesopotâmia eram, em geral, arranjados pelo pai do noivo, em negociação com o pai da noiva. Às vezes, o próprio noivo negociava com o pai da noiva. (Lerner, 2019, p. 145)

No decorrer do texto a autora explicita como eram os direitos econômicos da mulher casada na sociedade mesopotâmica.

A esposa tem direito de uso de seu dote; porém é o marido (ou filhos meninos) que tem direitos adquiridos dessa propriedade, que passa para esses filhos após a morte dela. Em caso de divórcio ou se ela não tiver filhos meninos, o dote é devolvido ao pai (ou aos irmãos dela). Uma mulher não pode transferir ou legar sua propriedade; assim, seus direitos são bastante limitados. De forma ainda mais significativa, esses direitos, tais como são, dependem de sua servidão sexual e reprodutiva ao marido – em particular, ao lhe dar filhos meninos. (Lerner, 2019, p. 147)

Ao nos debruçarmos nos estudos do feminismo e protofeminismo fica claro que a dependência econômica e a falta de direitos das mulheres continuaram em voga por muito tempo, Kate Millett em *Política Sexual* (1969), aborda como o divórcio na Inglaterra favorecia economicamente o homem até 1882.

Já o controle do corpo acontece tanto quando a mulher é compreendida como uma reprodutora e em relação à castidade. Como citado anteriormente, a preferência cultural de descendência sempre foi de “filhos homens”², mesmo que economicamente uma filha mulher pudesse resultar em um dote, um filho homem seria

² Faz-se necessário especificar que os filhos são homens, apesar de parecer redundante, em consequência do plural da gramática da língua portuguesa.

capaz de perpetuar o sobrenome da família e poderia ser o responsável econômico, já que mulheres de maneira geral não poderiam herdar propriedades. A opressão do patriarcado tem uma forte imposição da castidade feminina, era imprescindível que a mulher fosse virgem ao se casar, a união dependia diretamente da castidade da mulher e se um caso de abuso sexual ocorresse a culpa era da vítima e não do perpetrador.

Todas as leis contra o estupro incorporavam o princípio de que a parte lesada era o marido ou o pai da mulher estuprada. A vítima tinha a obrigação de provar que havia resistido ao estupro lutando ou gritando; porém, se o estupro fosse cometido no campo ou em um local isolado, a culpa do estuprador era aceita como verdade, uma vez que os gritos da mulher não teriam sido ouvidos. (Lerner, 2019, p. 155)

O corpo feminino seguiu sendo objetificado e utilizado como propriedade privada de homens, a virgindade passou a ser um símbolo de honra feminina. Ao final de séculos de subordinação sistemática a mulher era vista como um segundo sexo, que precisava ser protegido, sem direito a educação formadora, sem direitos civis, sem autonomia em relação ao próprio corpo. Assim, para a busca pela emancipação feminina foi necessário um trabalho gradual, o primeiro passo sendo o direito à educação básica.

Inspirada pela Revolução Francesa (1789-1799) Mary Wollstonecraft publicou em 1792 *A Vindication of the Rights of Woman* em que reivindica que as mulheres e meninas tenham acesso à educação, uma educação qualificante, que permitisse que as mulheres pudessem participar da vida pública. Deve-se ressaltar que inicialmente as ideias feministas ou protofeministas contemplavam as mulheres de classe média e alta, por muito tempo as mulheres pobres ficavam alheias às reivindicações, o que não torna a luta dessas mulheres menos importante.

É apenas a partir da educação que as mulheres puderam agir politicamente e emitir opiniões publicamente. Para Mary Wollstonecraft apenas com a educação³ a mulher poderia buscar a igualdade. É sintomático que o início da imprensa feminista se deu principalmente com mulheres de classes mais abastadas como as principais escritoras e jornalistas, a ausência de educação pública foi um grande limitador de acesso à informação.

³ A autora defendia a educação qualificante, ou seja, uma educação que não fosse voltada apenas a possibilitar que mulheres fossem cultas como forma de ser uma esposa exemplar. O desejo da escritora era alertar que as mulheres também podiam ter aulas de lógica e ciências como as matérias ofertadas aos meninos e homens.

A construção do patriarcado levou séculos para se consolidar como entendemos hoje, engloba diversas culturas, não é perpetrada apenas por homens e tem como base a Família, o Estado e a Igreja. Logo, o combate a esse sistema não é algo simples de se imaginar, as mulheres aos poucos foram ganhando espaço para reivindicar direitos e a imprensa feminina e feminista tem forte impacto na vida das mulheres justamente por permitir que elas comesçassem publicar textos e emitir opiniões políticas.

A imprensa feminista permitiu que as mulheres questionassem a posição da mulher na sociedade publicamente e que buscassem meios para que a emancipação feminina ganhasse espaço como discussão política. Cabe ressaltar a importância social que diversos dos jornais femininos e/ou feministas tem relação à educação e aos direitos civis, *A Família* de Josephina Álvares de Azevedo buscava acessibilizar o que era possível em relação a educação e divulgar pensamentos de cunho feminista. Segundo Laila Thaís Correa e Silva:

O jornalismo seria, segundo a autora do editorial, um modo de disseminar saberes de forma rápida e acessível a “todas as bolsas”. Primeiramente, não se trata de reparar somente a ausência de educação feminina, mas também a carência de toda uma população que não tinha acesso à educação mais básica, ampliando o escopo e o alcance do discurso feminista. (Silva, 2024, p. 48)

Já o jornal *Ave Libertas* fundado por um grupo de senhoras em 1885 falava abertamente sobre a abolição da escravidão no Brasil, após 1888 o grupo fundador do jornal passou a alfabetizar e capacitar os libertos para que estes tivessem maiores oportunidades de trabalho.

A luta para que os direitos humanos, sociais e civis, que até então apenas privilegiava homens, também beneficiassem as mulheres e outros grupos minoritários ganhou força e apesar da demora a busca por equidade continua a ser uma constante, pois as estruturas que sustentam a limitação da mulher continuam ativas na vida das pessoas.

1.2. CONTEXTO E IMPORTÂNCIA DA IMPRENSA FEMININA

A possibilidade de surgimento da imprensa teve início com a invenção da Prensa de Gutenberg no século XV. O invento do alemão viria a mudar o mundo e a forma que se compartilhava o conhecimento, não só no que diz respeito ao jornalismo.

Já a imprensa feminina, de acordo com Lidiane Aparecida Silva de Souza, tem início apenas em meados do século XVII na Europa:

A imprensa voltada para as mulheres surgiu na Europa, no final do século XVII. O primeiro periódico foi *Lady's Mercury*, lançado em 1693, na Inglaterra. Mas foi na segunda metade do século XVIII que as publicações femininas se expandiram por todo o continente europeu: na França surgiu o *Courrier de la Donne*, em 1758; a Itália criou *Toilette*, em 1770; e a Alemanha, *Akademie der Grazien*, em 1774. (Souza, 2002, p. 16)

Como se pode perceber, a imprensa feminina surge com um certo atraso em relação à masculina, assim como a luta pelos direitos da mulher⁴ tem um atraso como consequência das sociedades patriarcais. Em uma época em que até o direito à educação formal acabava por ser restrito aos homens, a ideia de uma imprensa feminina acabava por ser algo impensável à grande parte da sociedade.

Ao falar sobre discrepância de tempo é importante ressaltar que a imprensa no Brasil também tem uma história relativamente recente se compararmos a outros países. O atraso é um fruto direto do contexto de colonização portuguesa em que a coroa proibiu qualquer tipo de imprensa na colônia brasileira. Segundo Aline de Souza de Souza Araújo França:

A imprensa no Brasil começou a ser produzida de forma tardia. Foi somente com a vinda da família real que, de fato, teve início uma produção local, e ainda assim dentro dos limites impostos pela Coroa. Apenas com o afrouxamento da censura é que alguns jornais foram aparecendo, muitos deles dando ênfase a questões políticas. Foi apenas com a publicação de um decreto de dois de março de 1821 que a censura prévia foi suspensa. A partir daí, a liberdade de imprensa foi instalada no Brasil. (França, 2021, p. 892)

Como resultado a imprensa feminina acaba sendo ainda mais tardia em relação a outros países que não tiveram os mesmos problemas como o Brasil para a criação de jornalismo a nível nacional e os problemas patriarcais rotineiros.

A imprensa brasileira começa de forma alternativa e impressa em Londres em virtude de todo o contexto de colonização do Brasil. Apenas após a vinda da coroa portuguesa a imprensa é oficialmente criada no país e passa a fazer parte da vida dos brasileiros. O primeiro jornal feito em solo brasileiro com a aprovação da família real portuguesa, *A Gazeta do Rio de Janeiro*, data a primeira publicação em 10 de setembro de 1808. O periódico era o diário oficial da coroa portuguesa e falava apenas

⁴ Em 1791 durante a Revolução Francesa Olympe de Gouges escreveu a “*Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*”, texto em que criticava a não participação feminina na “*Declaração dos direitos do homem*”.

sobre o que era conveniente ao então governo.

O jornalismo brasileiro teve início com um periódico não oficial e que pode ser considerado alternativo. O *Correio Braziliense*, jornal criado em junho de 1808 por Hipólito da Costa, era feito no exterior e buscava debater assuntos referentes ao Brasil através de uma vertente liberal e iluminista. Por ser criado antes da liberação da coroa portuguesa e por ser uma grande oposição política, o jornal, era de caráter contestador do sistema vigente, assim um jornal alternativo no que diz respeito à teoria.

Como resultado dos anos de atraso e da situação colonial do país, os temas que precisavam de debate público foram se acumulando e se estendiam a variadas instâncias sociais, além, inclusive, das de interesse das mulheres brasileiras, sendo alguns deles: a educação para mulheres, o abolicionismo, o fim da monarquia, a independência e diversos outros assuntos. Por isso eram necessários mais jornais em circulação no país e jornais que possibilitassem diversos tipos de discurso.

Apesar de ser independente desde 1822 a população brasileira continuou moldando sua forma de viver se espelhando na Europa e posteriormente nos Estados Unidos. Em 1922, tivemos a Semana de Arte Moderna, evento que buscava criar um ideal nacionalista brasileiro a partir da arte e que de certa forma teve sucesso. No entanto, o ideal de independência e criação falha em outras áreas, pois o país ainda se espelha em outras nações em relação a assuntos como moda, política e estilo de vida. Os jornais também são de extrema relevância por documentarem uma parte da história da arte e da literatura brasileira com os folhetins e as colaborações de grandes escritores e escritoras.

O jornalismo não registrou apenas o que era discutido nas sociedades em que circulava, ademais, noticiou dentre outros assuntos o que se esperava das mulheres dessa sociedade. O ideal de feminilidade é inclusive fortemente moldado pelos meios de comunicação, sobre isso a pesquisadora Dulcília Schroeder Buitoni diz o seguinte:

As revistas dirigidas às mulheres provavelmente foram um dos primeiros fatores do processo que mais tarde seria chamado de globalização. Trabalhando com estilos e trânsito de mercadorias, funcionavam – e funcionam – como agentes de uniformização. Pude constatar concretamente a grande influência da cultura francesa até os anos 1930, quando a cultura de massa norte-americana começava a se consolidar como hegemônica no imaginário ocidental. (Buitoni, 2009, p. 12)

Ainda hoje os ideais de beleza, feminilidade e estilo de vida são difundidos por meios de comunicação, entretanto com o passar do tempo e o advento da internet os jornais precisam dividir o espaço com outros meios de comunicação. Não obstante,

em 2016 a revista *Veja* publicou uma matéria machista sobre Marcela Temer, a esposa do então Vice-Presidente do Brasil, Michel Temer. O nome da matéria era “Marcela Temer: Bela, recatada e do lar”. Embora não seja um periódico e não tenha a mesma relevância que teria no fim do século XIX e início do XX, a revista tenta, por meio de uma matéria sobre a vice-primeira-dama, sugerir o ideal de personalidade e beleza que as brasileiras deveriam ambicionar. De acordo com Marco Antônio Adamoli e Elisane Pinto da Silva Machado de Lima:

Em suma, a primeira-dama é relegada a uma vida servil, cuja função é cuidar do lar, dos filhos e satisfazer o chefe da família, sustentando, assim, uma prática social de exclusão e de submissão do feminino. Articuladas, essas três designações veiculam saberes que ratificam a inscrição do sujeito discursivo a uma FD preconceituosa, machista, como pode ser constatado mais uma vez por este enunciado: é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente, tudo isso numa condição de quase invisibilidade social atuando na esfera do privado. (Adamoli; Lima, 2018, p. 84)

É possível fazer uma leitura de contraposição do perfil da então Presidente do Brasil na época, Dilma Rousseff, conhecida por ser uma política e economista solteira e que fez parte de uma guerrilha armada durante a ditadura militar brasileira, além de ser uma matéria publicada após uma votação sobre a possibilidade de *impeachment* da então presidente.

Um dia após a instalação no Congresso Nacional da admissibilidade do processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, a revista *Veja*, em sua versão on-line do dia 16/04/2016, publicou matéria na qual apresentava um perfil de Marcela Temer, esposa do Presidente da República Michel Temer (PMDB-RJ). Pela primeira vez, Marcela Temer ganhava os holofotes de uma das revistas de maior circulação do país. Sob o título Bela, recatada e do lar, a matéria é composta de uma imagem de Marcela e de um texto no qual sobram adjetivos endereçados a ela. (Adamoli; Lima, 2018, p. 74)

Se em 2016, com todos os avanços da sociedade e discussões feministas a imprensa ainda buscava, abertamente, difundir um ideal feminino sexista é de se esperar que durante os anos anteriores os periódicos tivessem mais força para a disseminação de ideias ancoradas no patriarcado. Assim, entende-se que o espaço feminino e feminista na imprensa é vital para se combater tais manipulações existentes e persistentes na vida e no cotidiano das mulheres brasileiras.

É por causa do jornalismo feminino e feminista que se tem registro de grande parte da luta das mulheres brasileiras por direitos. Inclusive é por causa da imprensa feminista que se tem a contribuição de muitas mulheres que possivelmente não teriam

espaço cedido na imprensa tradicional, da mesma forma que os artigos reivindicatórios talvez tivessem sido publicados apenas posteriormente. A imprensa registrou desde a forma como a mulher era vista através do tempo até a sua luta e a reação da sociedade frente a isso, é por causa do registro dos jornais que podemos entender como o feminismo cresceu no Brasil e como a busca por direitos se consolidou.

1.3. TIPOS DE IMPRENSA

Dentre as possíveis formas de jornalismo, o governamental é aquele ligado ao Estado. Geralmente se parece com a comunicação governamental, que basicamente serve para transmitir informações do governo aos cidadãos. Esse tipo de jornalismo pode não ser considerado livre ou independente pois está a serviço do governo, assim como a *Gazeta do Rio de Janeiro*, fundada em 1808 que figurou como primeiro jornal oficial brasileiro.

Existe um tipo de jornalismo que é baseado na comunicação de massa, isto é, jornais controlados por grandes conglomerados de mídia. Esse tipo de jornal tem liberdade total para publicar o que seria do interesse da sociedade, mas, como qualquer meio de comunicação é passível de publicação por interesse em lucros ou para a manutenção do *status quo*. Ocasionalmente, a imprensa pode representar o pensamento ou ideologia dominante de um grupo de poder ou partir de interesses do dono daquele meio de comunicação.

O jornalismo independente é aquele que não está ligado a grandes conglomerados de mídia, tem liberdade total para falar sobre qualquer assunto, não tem o mesmo poder e influência que o de massa e governamental pode ter. Geralmente tem um alcance e influência menor dos que os hegemônicos, mas é essencial em casos como o do movimento feminista.

A maior parte dos periódicos femininos e feministas são compatíveis com o formato do jornalismo independente já que se utilizam da liberdade de imprensa para abordar assuntos de interesse do periódico e dos escritores. Assim, é possível encontrar nestes jornais femininos e/ou feministas tanto textos que buscassem abordar assuntos que mantivessem a subordinação feminina quanto os que tivessem como tema etapas para a conquista da emancipação feminina. Ou seja, o jornalismo

independente não necessariamente será contrário ao pensamento hegemônico.

É preciso enaltecer a luta feminista da época, já que, até mesmo o conceito de cidadão excluía mulheres, pessoas não brancas e de classes econômicas mais baixas. A educação era totalmente ineficiente, pois a mulher era educada apenas para ser uma boa esposa, de modo que o que era ensinado às meninas e mulheres estavam relacionados à cultura, à religião, à arte e aos trabalhos domésticos. Já a educação masculina era mais voltada ao conhecimento, educação financeira e que renderia algum sustento àquele homem em formação.

Ao construir um local de visibilidade feminina, por mais difícil que fosse, era uma questão de tempo para que as mulheres pudessem requerer direitos e mais adiante conquistá-los e a imprensa aliada ao direito à educação deram início a grande parte da luta.

Para o jornalismo alternativo a imprensa hegemônica segue uma lógica comercial como já falado anteriormente, pois é pautada em assuntos considerados rentáveis. A imprensa alternativa surge como uma forma de contestar os grandes meios de comunicação, ser um jornalismo contra hegemônico. Conforme Caroline Gonçalves Taveira:

Na América Latina a chamada mídia alternativa esteve quase sempre relacionada à resistência política, principalmente quando se trata dos períodos ditatoriais, como no caso brasileiro, e enquanto a indústria jornalística reforçava as visões dos grupos próximos do poder, competia à imprensa alternativa a tarefa de resistência e do questionamento do *status quo* vigente. (Taveira, 2014, p. 97)

É justamente durante a ditadura militar brasileira que se tem um maior número de jornais alternativos no país, não só relacionados a temas políticos. Segundo Bernardo Kucinski no livro *Jornalistas e Revolucionários* (1991):

Havia, basicamente, duas grandes classes de jornais alternativos. Alguns, predominantemente políticos, tinham raízes nos ideais de valorização do nacional e do popular dos anos de 1950 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis nos anos de 1960. [...] A outra classe de jornais tinha suas raízes justamente nos movimentos de contracultura norte-americanos e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo de Jean Paul Sartre. Rejeitavam a primazia do discurso ideológico. Mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural, investiam principalmente contra o autoritarismo na esfera dos costumes e o moralismo hipócrita da classe média. (Kucinski, 1991, p. 5-6)

A imprensa alternativa passa a ser conhecida também como imprensa nanica no período da ditadura militar. O formato permitia aos jornalistas e escritores

cobranças que não eram viáveis do jornalismo independente, seja pelo alinhamento político, seja pela censura sofrida. Um grande exemplo da necessidade da imprensa alternativa em um contexto de ditadura é o dos jornalistas da *Folha de São Paulo* que inicialmente apoiou o golpe de 1964, o nível de contribuição do jornal ainda é discutido, mas vale ressaltar que, como abordado anteriormente, a linha editorial de um jornal é que determina o que deve ou não ser publicado.

Em suma, a imprensa alternativa se revela como uma forma de atuação a fim de expor o que os grandes meios impressos muitas vezes não expõem, desta forma, assuntos que são minimizados pela grande imprensa ganham espaço nos veículos alternativos. (Taveira, 2014, p. 98)

Faz-se necessário ressaltar o contexto de diferença entre o jornalismo independente e o jornalismo alternativo em uma situação de supressão de liberdade pois existe essa mesma dicotomia entre o *Brasil Mulher* e a *Folha de Londrina*, uma mesma jornalista trabalhou nos dois periódicos e é evidente a diferença entre a linha editorial dos jornais.

1.4. A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA IMPRENSA

Os periódicos foram importantes para a entrada da mulher escritora no mundo editorial e para a consolidação ou sustento de outras autoras. Se levarmos em consideração o contexto social fica clara a posição dessas mulheres de certo privilégio em relação às outras mulheres da sociedade. Elas eram alfabetizadas, muitas delas cultas e tinham tempo para escrever, diferente de grande parte da população brasileira da época. Já era possível a algumas dessas mulheres o que Virginia Woolf viria argumentar no ensaio *Um Teto Todo Seu* publicado originalmente em 1929.

Um ótimo exemplo é Nísia Floresta, que é considerada a primeira feminista brasileira. Segundo Isabela Candeloro Campoi (2011) em 1832 ela escreveu *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, que por muito tempo foi considerado uma tradução livre de *A Vindication of the rights of woman* de Mary Wollstonecraft, quando na verdade era uma tradução de *Woman not inferior to man* de Mary Wortley Montagu. Ainda segundo Duarte (2016) uma das mais importantes escritoras brasileiras, iniciou sua carreira literária no jornal *Espelho das Brasileiras* (1831), no qual a autora publicava artigos sobre a condição feminina, e o livro *Opúsculo Humanitário* (1853) é a ampliação e transcrição desses mesmos artigos anteriormente publicados no periódico.

Outra importante mulher que teve publicações em periódicos foi a autora Maria Firmina dos Reis, escritora de *Úrsula* (1859) o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira. A romancista contribuiu com *O Jardim das Maranhenses* (1861), no qual publicava poemas e prosas e já era reconhecida como uma importante escritora brasileira, reconhecimento este que foi apagado por um grande período da história da literatura. O jornal inclusive aceitava e publicava contribuições de leitoras desde que se adequasse com a “decência” do periódico. *O Jardim das Maranhenses* não foi o único jornal em que Maria Firmina dos Reis publicou, segundo Duarte (2016) em *Imprensa feminina e feminista no Brasil - século XIX* a romancista contribuiu ainda com *Verdadeira Marmota*, *Semanário Maranhense*, *O Domingo*, *O País*, *Pacotilha* e *Federalista*.

Júlia Lopes de Almeida é outra importante literata que começou publicando seus textos nos jornais, além de ser a escritora de livros como *A Falência* (1901), *Memórias de Marta* (1899), *A Viúva Simões* (1897) etc., foi uma idealizadora da Academia Brasileira de Letras (ABL). Lopes de Almeida publicou textos em diversos jornais femininos, tendo fundado um com a também escritora Cassilda Martins o *Nosso Jornal* (1919-1922), o periódico apresentava um caráter mais conservador e em consequência foi muito elogiado pela imprensa da época.

Muitas outras literatas contribuíram com jornais femininos e feministas com o passar do tempo, independente do caráter mais conservador ou progressista, ali era o espaço que elas conseguiram se apropriar. A conexão entre a literatura e o jornalismo ainda é atual, mesmo com o passar dos anos importantes autoras continuaram a publicar em jornais como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Marina Colasanti entre outras grandes escritoras brasileiras.

1.5. UMA BREVE LINHA DO TEMPO DA IMPRENSA FEMININA E FEMINISTA

Em seu livro/dicionário ilustrado *Imprensa feminina e feminista no Brasil - século XIX* (2023) Duarte apresenta cronologicamente as primeiras edições de jornais voltados ao público feminino no Brasil, qual era o alinhamento em relação aos direitos da mulher e por quem eram produzidos. Inicialmente era comum encontrar homens que escrevessem ou que até mesmo tomassem a liderança de tais projetos, mas com o passar do tempo percebe-se uma abertura maior para que mulheres também

tivessem total controle de periódicos, mesmo que independentes e de menor circulação. Ao abordar nesta pesquisa a história da imprensa feminina brasileira será utilizado como principal fonte os livros da pesquisadora Duarte.

Para pensar na evolução do jornalismo feminino e/ou feminista buscou-se apresentar os primeiros jornais voltados ao público feminino, mesmo que feito por homens, depois os primeiros jornais de mulheres para mulheres, jornais que aceitavam textos de leitoras e por fim periódicos que se destacavam por opiniões favoráveis ou contrárias a emancipação feminina.

O primeiro jornal voltado ao público feminino foi *O Espelho Diamantino* que circulou entre 1827-1828 no Rio de Janeiro. Embora a ideia da criação do jornal tenha partido de um homem, o jornalista francês Pierre Plancher, o periódico desde o início buscou abordar assuntos além do que se era esperado para a época. Segundo a professora e pesquisadora:

O editorial do primeiro número – muito lúcido e incisivo – trata da urgência da instrução feminina e explica o título do jornal: pretendia que as leitoras se mirassem nesse *espelho* para nele encontrar as respostas e os esclarecimentos que buscavam [...].

O primeiro número, com apenas quatro páginas, foi na verdade uma amostra do que viria se tornar *O Espelho*, pois as edições seguintes tiveram em média dezoito páginas e mantiveram o propósito de levar informação às leitoras e não apenas divertimento. No terceiro número, o editor rebate a opinião de alguém que não acreditava na capacidade e no interesse das mulheres em ler matérias relacionadas à política [...].

Mas a iniciativa não foi bem recebida por todos. No editorial do número 4, o redator registra uma cena – verdadeira ou não – em que um velho protesta com veemência contra a mudança da condição das mulheres. (Duarte, p. 39-41, 2016)

Logo no primeiro jornal voltado ao público feminino já se tem um caderno que busca debater política além apenas de artes e literatura. De certa forma pode-se afirmar que o acesso à educação política mais próxima de uma educação formal de muitas mulheres se deu por meio dos periódicos.

Fica claro que o primeiro jornal direcionado ao público feminino enfrentou dificuldades não apenas por ser um periódico voltado a mulheres em uma época em que até mesmo a alfabetização feminina era um problema a ser resolvido, como também dificuldades ligadas à sociedade da época que não acreditava na mulher como ser pensante. O periódico citado anteriormente foi criado antes da Lei de Instrução Pública, que foi promulgada, segundo Mariangêla Dias Santos, em 15 de outubro de 1827. A lei oficializou a escolarização primária pública para meninos e

meninas.

Essa lei trata da primeira Lei Geral Brasileira relativa ao Ensino Elementar. Publicada sob o reinado de Dom Pedro I (1798-1834), veio a se tornar um marco na educação imperial, de tal modo que passou a ser a principal referência da Instrução Pública Elementar dos Estudos Menores. A Lei tratou dos mais diversos assuntos, como descentralização do ensino, a remuneração dos professores e mestras, o ensino mútuo, o currículo mínimo, a admissão de professores e as escolas das meninas. (Santos, 2011, p. 91)

Perceber que até então não se tinha em um ensino que incluísse, tanto as pessoas que não faziam parte de classes mais altas que contratavam o ensino particular, quanto o público feminino. Só assim tem-se a dimensão do quão pouco alfabetizada era a população brasileira e conseqüentemente menor ainda a alfabetização entre mulheres. Conforme Aline França abordou a inacessibilidade à educação e a cultura era um importante fator para a imprensa brasileira:

Boa parte dos editores e redatores de periódicos do século XIX, no Brasil, exaltava a imprensa como um mecanismo de difusão do conhecimento. Por conta do pouco acesso de grande parte da população ao conhecimento formal, os homens e as mulheres de letras se sentiam na obrigação de instruir a população por meio da palavra escrita, impressa nas revistas e nos jornais. (França, 2021, p. 895)

O jornalismo e a literatura sempre estiveram próximos, seja por forma de publicação dos folhetins, seja pela presença de escritores no mundo do jornalismo e jornalistas no mundo literário. Ana Regina Rêgo e Ranielle Leal Moura abordam o vínculo entre as duas áreas:

[...] o Jornalismo e a literatura estiveram bem próximos até as primeiras décadas do século 20 e o primeiro, muito mais do que oferecer espaço para que a última pudesse ter visibilidade, constituía-se em um campo fértil para o debate e as críticas em torno da produção que acontecia nas diversas escolas literárias ao longo da história. Esse relacionamento influenciou escritores e moldou estilos. Contudo, nem sempre produziu discursos democráticos considerando que as manifestações que obtinham espaço de visibilidade eram, em um primeiro momento, oriundas da chamada cultura erudita e tinham como objetivo proporcionar distinção social [...] (Rêgo; Moura, 2012, p.103)

É com base em dados como os levantados pela professora Constância Lima Duarte que se faz necessário entender a produção dos jornais femininos no Brasil. Como já explicitado anteriormente, o primeiro jornal voltado ao público feminino data o ano de 1827, inserido em um contexto de Império do Brasil, com grande ebulição e instabilidade política.

É comum encontrar em pesquisa que *O Jornal das Senhoras*, que circulou entre

1852 e 1855, muitas vezes é creditado como o primeiro periódico escrito por mulheres e para mulheres, quando na verdade não é o primeiro. Provavelmente *O Jornal das Senhoras* tenha sido o periódico para o público feminino de maior relevância e popularidade na época de publicação, outro possível motivo é a localização do periódico, no Rio de Janeiro, que dispunha de disseminação mais facilitada, além do importante trabalho em relação pensamento crítico das leitoras.

Criado por Joana Paula Manso de Noronha, o *Jornal das Senhoras* tem relevância notável porque, além de trazer notícias em seus cadernos, era um jornal que incentivava as leitoras a buscar instrução e emancipação. Para se ter ideia, um artigo intitulado “Emancipação moral da mulher” foi publicado em 11 de janeiro de 1852. No entanto, a posição progressista do jornal mudou quando Joana Noronha deixou de ser diretora e o periódico passou a publicar artigos mais relacionados à vida doméstica feminina.

Em 1833 temos o que seriam os primeiros periódicos fundados por uma mulher no Brasil, *A Mineira no Rio de Janeiro* (RJ), *Belona Irada* (RS) e *Idade D’Ouro* (RS) são os primeiros órgãos que se tem conhecimento de imprensa feminina realmente fundados por mulheres.

Belona Irada Contra os Sectarios de Momo, foi fundado pela jornalista Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, uma importante escritora e educadora gaúcha. O jornal circulou apenas até 1834, provavelmente em decorrência da Guerra dos Farrapos, o periódico apresentava um caráter político e defendia o partido Caramuru na Revolução Farroupilha, ou seja, Maria Josefa era partidária do retorno da monarquia e de Dom Pedro I.

Ainda em 1833 tem-se *Idade D’Ouro*, também sob responsabilidade de Maria Josefa, o periódico também era forte defensor da monarquia e do partido Caramuru. O jornal conta com um editorial de resposta, provavelmente escrito por Maria Josefa, ao que afirmam ser um jornal com “linguagem e tom virulento”. Fica claro a possibilidade de a mulher falar sobre assuntos políticos no jornal, além de significar que as mulheres já falavam sobre política no que seria o ambiente privado e em suas relações sociais.

A Mineira no Rio de Janeiro que circulou apenas em 1833, no Rio de Janeiro, também era defensor da monarquia e do partido Caramuru. O jornal também trazia notícias e pedia que suas leitoras se envolvessem com a política nacional. No jornal era afirmado que os textos eram escritos por uma mulher assim como dirigido,

entretanto nunca se descobriu quem era a responsável.

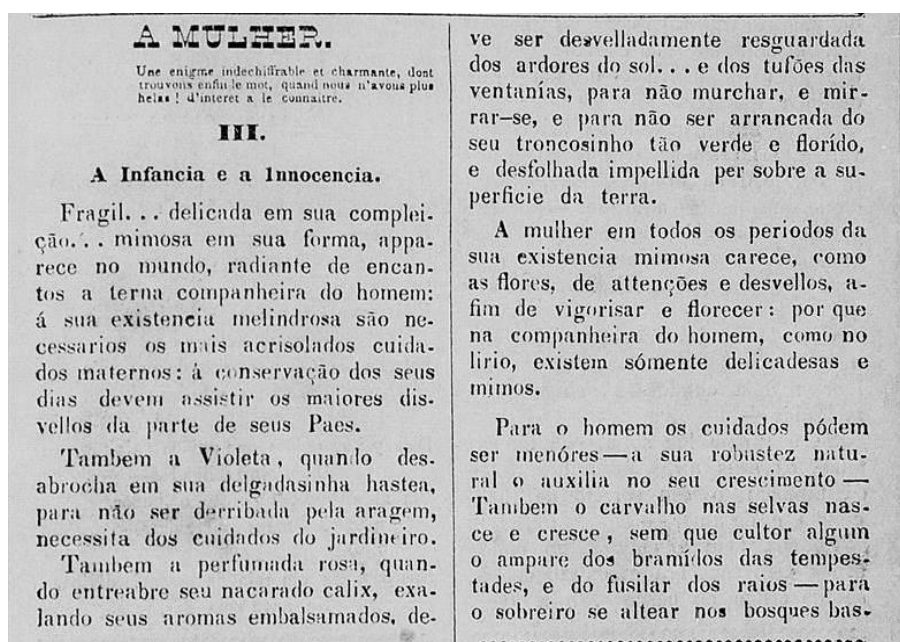
É interessante notar que em um momento de crise nacional os poucos jornais femininos e com mulheres responsáveis pelos periódicos que se tem notícia se colocassem como uma mídia que falava sobre política partidária. Fica claro que a reivindicação de direitos para essas mulheres de alguma forma ocupava um segundo plano, que a busca pela criação de uma identidade nacional era mais importante e atingia diferentes áreas da sociedade. Na literatura temos o marco do Romantismo em meados de 1836, um movimento literário nacionalista que buscava criar um ideal de identidade nacional burguês e no jornalismo feminino e feminista defendia-se abertamente partidos que se consideravam ser os melhores para o país. Mesmo que a busca por identidade nacional partisse de diferentes ideais, o tema perpassava diferentes áreas da sociedade brasileira e era discutido por homens e mulheres.

Ao nos atentarmos à história do jornalismo feminino no Brasil percebe-se claramente uma linha do tempo que busca sempre mais para as mulheres. Primeiro ocorreu a criação de periódicos voltados ao público feminino, em seguida passou-se a aceitar a contribuição de mulheres para as publicações nos jornais e depois tem-se a criação de periódicos de mulheres para mulheres.

Levando em consideração que a criação de periódicos voltados ao público feminino foi gradual e principalmente baseada na sociedade da época em questão, faz-se necessário ressaltar a importância de jornais, que mesmo não sendo progressistas, tiveram sua importância e pioneirismo na história da imprensa feminina.

A *Violeta* foi um periódico de 1848 que incentivava que suas leitoras enviassem textos para a publicação. Apesar de aparentar um progressismo, pensando nas mulheres como possíveis escritoras, o jornal era conservador principalmente em relação a visão da mulher como um ser extremamente delicado (Figura 1) e dependente de cuidados. Ao nos atentarmos ao ideal de educação que vigorou por muito tempo podemos inferir que o jornal apesar de incentivar a leitura e a escrita feminina provavelmente tinha como ideal para o público feminino a “rainha do lar” a mulher que é educada e culta socialmente para a vida doméstica.

Excerto 1 – A mulher segundo o periódico *A Violeta*



Legenda: Recorte da página 1 da edição 07, 17 de setembro de 1849, jornal *A Violeta*.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025).

Outro periódico que se observa a participação e contribuição de leitoras é O Beija-Flor (1850-1851) de Belém do Pará. O jornal além de publicar textos das leitoras publicava críticas abertamente a outro jornal da cidade que insultava as leitoras. É necessário ressaltar o tom progressista do periódico. A seguir, parte de um texto em que o autor, J. J. Mendes Carvalho defende abertamente igualdade entre homens e mulheres (Figura 2). Fez-se necessário fazer uma transcrição do texto em consequência da baixa qualidade contida na imagem (Apêndice A).

Excerto 2 – A importância da mulher



Legenda: Recorte das páginas 2-3 da edição 019, 17 de novembro de 1850.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025).

Outros periódicos relevantes para a história da imprensa feminina são os que falavam de moda e costura. Embora a maior parte dos jornais voltados à moda defendessem um estilo de vida burguês e tivessem como modelo a vida no exterior eles são relevantes pois de certa forma moldaram a imagem das mulheres que consumiam aquele tipo de periódico tanto no ideal de beleza como no estilo de vida. A maior parte era para classes econômicas mais elevadas, conservadores e grande parte tinha homens como os chefes e editores. O *Recreio do Bello Sexo* (1852-1856) e *Novo Correio das Modas* (1852-1854) são bons exemplos de como a moda era centralizada principalmente na moda europeia e nas famílias reais mundo a fora. O *Novo Correio das Modas* era um tipo de publicação dissonante da maior parte das que encontramos ao pesquisar, trazia em cerca de 200 páginas textos, poesias, charadas, viagens, novelas além das publicações em que colocava a mulher destinada ao casamento e à maternidade.

O *Espelho das Bellas*, que circulou entre 1860 e 1861 na Bahia, foi outro importante periódico que se destacou por se apresentar como um defensor do progresso, chegando inclusive a pedir a contribuição das leitoras com textos, no entanto, publicou textos depreciativos sobre as mulheres. Surpreendentemente o próprio jornal publicou a resposta de uma leitora que se colocou contra o que havia sido falado anteriormente.

Observa-se, mesmo de forma sutil, que a criação da imprensa feminina tem importante fator na conquista de direitos femininos, segundo Zahidé Muzart:

Uma das razões para a criação dos periódicos de mulheres no século XIX partiu da necessidade de conquistarem direitos. Em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto. (Muzart, 2003, p. 226)

A partir de então destaca-se uma maior busca por direitos, é com isso em mente que Francisca Senhorinha da Motta Diniz, jornalista no periódico *O Sexo Feminino* (1873-1899) além de discutir as belas artes falava sobre política e assuntos polêmicos (Figura 3) como defesa do acesso à educação e o sufrágio feminino. Francisca Senhorinha é uma das mais relevantes sufragistas do Brasil, além de jornalista lutou pelos direitos da mulher no judiciário e foi uma importante educadora brasileira.

Excerto 3 – As minhas patrícias



Legenda: Recorte da página 2, edição 02, 14 de setembro de 1873.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025).

O Iris, um periódico potiguar que circulou entre 1875 e 1876, era abertamente progressista além de ter a frase “O gênio não tem sexo” da escritora franco-suíça Madame de Staël escrita no cabeçalho da primeira página do jornal.

Um periódico que se destaca na luta das mulheres é o *Echo das Damas* (1879-1888) tinha Amélia Carolina da Silva Couto como redatora e ao longo do tempo diversas colaborações literárias como a de Anália Franco. É notável como o jornal defendeu a emancipação feminina (Figura 4) e a independência financeira das mulheres, o periódico publicava vários artigos de denúncia sobre como era a vida das mulheres no ambiente doméstico.

Excerto 4 – Religiosidade

QUESTÃO RELIGIOSA. E' evidentemente sabido que a mulher é a base primordial da familia e consequentemente da sociedade. A ella é que está affecta a obrigação de preparar os cidadãos, por isso que é mãe e como tal educadora. Desde que a mulher seja ignorante, viciosa, fanática ou supersticiosa, educará pessimamente os filhos e pessima será a sociedade em que influir elles. A igreja catholica, isto é ultramontanismo, na louca cegueira de sua ambição nefanda, olhou sempre como o seu melhor auxiliar, como seu instrumento passivo a mulher, e apoderando-se d'ella pela confissão e pela predica, chegou a circumscrever no seu circulo de ferro, todo o genero humano. E quando os espiritos livres soltaram seu grito de alarma, acordando as mãs da torpe lethargia, e chamando-as para fóra do predomínio acabrunhante dos falsos ministros de Deus, os alliciadores, os mineiros da consciencias frageis, não desanimaram, bem pelo contrario escogitaram novos meios que lhes assegurasse os mesmos resultados. Puzeram para frente as irmãs da caridade, que pelo sexo a que	pertenciam, deviam ir exercer grande influencia sobre o espirito da mulher. A irmã da caridade, destinada a ser o anjo tutellar dos moribundos, tornou-se a alavanca derrocadora da familia, ensinuando-se do seio d'ella pela falsa educação religiosa. Longe de ser o coração benigno levando o balsamo da abnegação as almas descrentes, ella fez-se o negro abutre que esfacella a fortaleza do espirito e trucidava vilmente a inteireza de caracter. A mulher está, pois totalmente acorrentada ao negro pelouro do jesuitismo, essa hydra que é necessario esmagar. A crença religiosa, seja ella qual fór, é uma necessidade para o espirito feminino, na nossa idade, mas essa crença deve ser aquella que brota espontanea no coração, como as flôres sylvestres na agrura dos campos incultos; é necessario que seja a crença sem fanatismo, sem superstição, que é o que abate o espirito. Estejam pois prevenidas as senhoras para rejeitarem, para execrarem todas as influencias jesuiticas.	Saibamos condemnar em nome de nossos filhos, de nossos irmãos, de nossos maridos, o monstro que ahi está querendo subjugar-nos chamando-nos ao seu seio por intermedio dessas associações perigosas; sejamos catholicas, mas não ultramontanas; adoremos o grande Deus por meio das crenças que recebemos no berço, mas fujamos ao dominio das roupetas e digamos como o grande philosopho francez que se chamou Voltaire: — ECRASONS L'INFAME! E' necessario demonstrar-mos que não somos essas estupidas, essas fracalhonas, que como dizem os homens, deixam-se facilmente illudir, deixam-se escravizar. A mulher de hoje, também estuda, também pensa, sabendo conhecer o que é util e o que é máo para familia. Ella também quer o o progresso, também quer o engrandecimento da humanidade, pela realização das idéas modernas. AMELIA C. DA SILVA COUTO.
---	---	---

Legenda: recorte da página 1, edição 06, 3 de agosto de 1880.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

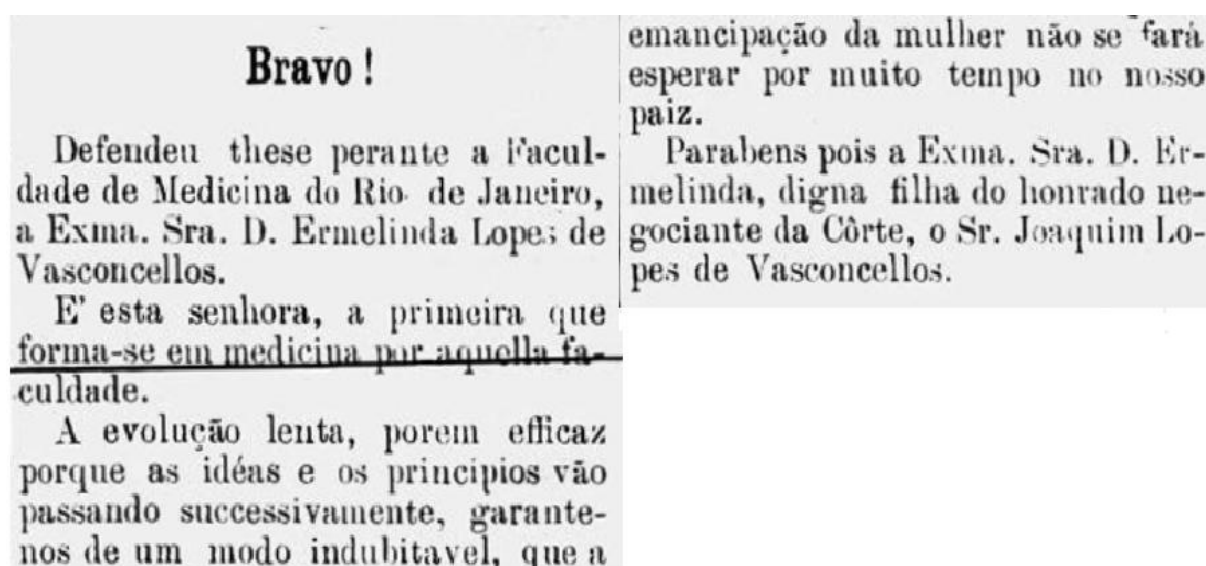
É interessante perceber que embora não fosse tão comum alguns periódicos tinham uma longevidade muito maior que outros, é o caso do jornal *A Estação* que circulou entre 1879 e 1904, o jornal falava sobre moda e literatura. O periódico de moda era reconhecido por ser vinculado ao francês *La Saison*, já na parte de literatura era bem-visto por contar com a colaboração de escritoras e escritores como Machado de Assis, Júlia Lopes de Almeida, Olavo Bilac entre outros importantes autores.

Aves Libertas (1885) foi um jornal abolicionista de Recife que, além de divulgar ideias antiescravagistas, também fazia denúncias de maus-tratos de senhores escravagistas. O jornal foi criado a partir da Sociedade Aves Libertas (1884) e as participantes promoviam eventos para arrecadar dinheiro e comprar a alforria de escravizados. Após a abolição da escravatura elas trabalharam educando essas pessoas de forma que elas pudessem ser introduzidas na sociedade.

O jornal *A Família* circulou entre 1888 e 1897 e figura como um dos mais

importantes periódicos do século XIX. A responsável pelo jornal era Josephina Álvares de Azevedo, defendia que gênero não deveria ser utilizado para a discriminação e inferiorização das mulheres. A jornalista advogava em busca da emancipação feminina, direito à educação superior (Figura 5) e a remuneração no trabalho. O jornal teve diversas colaboradoras, entre elas Júlia Lopes de Almeida, Anália Franco, Presciliana Duarte etc. A *Família* diferente de outros jornais abordados teve um período relativamente longo de publicação e isso se deve, provavelmente, aos anúncios publicados, o que ajudava financeiramente. A jornalista e escritora inclusive foi uma das mais radicais na defesa do sufrágio feminino, é importante ressaltar mais uma vez que inicialmente o feminismo acabava por privilegiar as mulheres de classe mais alta, o que não torna menos importante a luta de mulheres como Josephina Álvares de Azevedo.

Excerto 5 – Educação



Legenda: recorte da página 7, edição 05, 29 de dezembro de 1888.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

Seguindo com jornais relevantes para a luta feminista *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* (1889-1890) também foi fundado por Francisca Senhorinha e agora junto de suas filhas. O nome do jornal fazia alusão à vontade de mudança, principalmente de direitos (Figura 6), assim como na política brasileira, na vida das mulheres que buscavam independência. No decorrer da existência do jornal foram feitos diversos artigos em que a autora reivindicava direitos às mulheres, principalmente o direito à educação como ciências e matemática, já que como falado anteriormente a educação feminina não abarcava tais assuntos.

Excerto 6 – Emancipação Feminina

O QUINZE DE NOVEMBRO A racional emancipação da mulher IGUALDADE DE DIREITOS O Seculo XIX caminha com profunda crença de um Colombo no coração e os olhos fitos de uma aguia no sol do futuro, em demanda de um novo mundo, de um novo Paraíso, onde a mulher hade ter o seu throno de honra e a sua radiante corôa de rainha, lançada não por mãos sacrilegas de um Alcibiades, mas pelas mãos sagradas da justiça e do direito, que são os verdadeiros soberanos, que hão de destronizar os falsos reis que têm por throno a injustiça e a iniquidade, e por sceptro o despotismo. Sim: temos fé que a prophesia do immortal Hugo ha de ser realisada. Temos fé que este seculo é o seculo do ideal. Que este seculo vencerá pelo ideal radiante de Justiça que lhe circunda a magestosa frente. Cremos, com aquella boa fé que as nobres	causas inspiram, que, esse ideal chegará mui breve á sua realidade, quando a mulher illustrada e livre dos prejuizos e preconceitos tradicionais banir de sua educação as oppresões e erroneos preconceitos com que a cercam, e que der pleno desenvolvimento á sua natureza physica, moral e intellectual... Quando, enfim, passeando de braço dado com o homem virtuoso, honesto e justo no jardim da civilização espirital, subir ao Capitolio de luz para lá coroar a belleza ephemera de sua frente, com o diadema immortal da belleza, da sciencia e do genio. No pleno clarão da nova era de redempção veremos entrar no combate travado para restauração do direito de iguldade a nossa causa — a Emancipação da Mulher. Nós, as mulheres, não queremos ser a Venus de Milo, mas sim queremos ser a Venus Urania, para que possamos percorrer brillantemente todos os circulos concentricos que a actividade humana tem de descrever na aurora da vida da humanidade e social sociedade. Não queremos representar na sociedade o	papel de adorno dos palacios dos senhores do sexo forte, não devemos continuar na si-mi escravidão em que jazemos, vendo-nos mutiladas em nossa personalidade, em seus codigos ou leis por elles legalizadas, tal como a da outr'ora escravidão, sem que pudesse ser pela escrava protestada. Não nos perturba a negativa. Seu soffisma é tal, que nos tratando de rainhas, só nos dão o sceptro da cozinha, da ma-hina de procreação, etc., etc. Não nos consideram senão como objecto de imprescindivel necessidade! somos a flôr de Catus e nada mais. A emancipação da mulher pelo estudo, é o facho luminoso que pôde dissipar-lhe as trevas pela verdade em que deve viver, e que leval-a ha ao templo augusto da sciencia, de bem viver na sociedade civilizada. A elevação moral, que é a sciencia que melhor pôde fazer-lhe conhecer seus direitos e seus deveres, guiar-lhe-ha o coração para o paraíso do bem e da felicidade domestica, social e humanitaria. O consorcio das bellas artes com a litteratura, que é a estrella do bello céu de sua alma, tornal-a-ha digna companheira do
---	--	--

Legenda: recorte da página 1, edição 014, 6 de abril de 1890

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

A *palavra* foi um jornal que circulou entre 1889 e 1898 e se destaca pela defesa da educação plena para meninas, não apenas pela alfabetização. Como já falado anteriormente a defesa pela educação foi um ponto inicial da luta feminista, todos os direitos conquistados posteriormente advêm quase diretamente como uma consequência do direito a instrução. A seguir os excertos apresentados são partes de um texto publicado em 19 de fevereiro de 1898 (Figura 7) em que é perceptível a luta pelo direito à educação feminina.

Excerto 7 – Francisco Barroso e a emancipação feminina

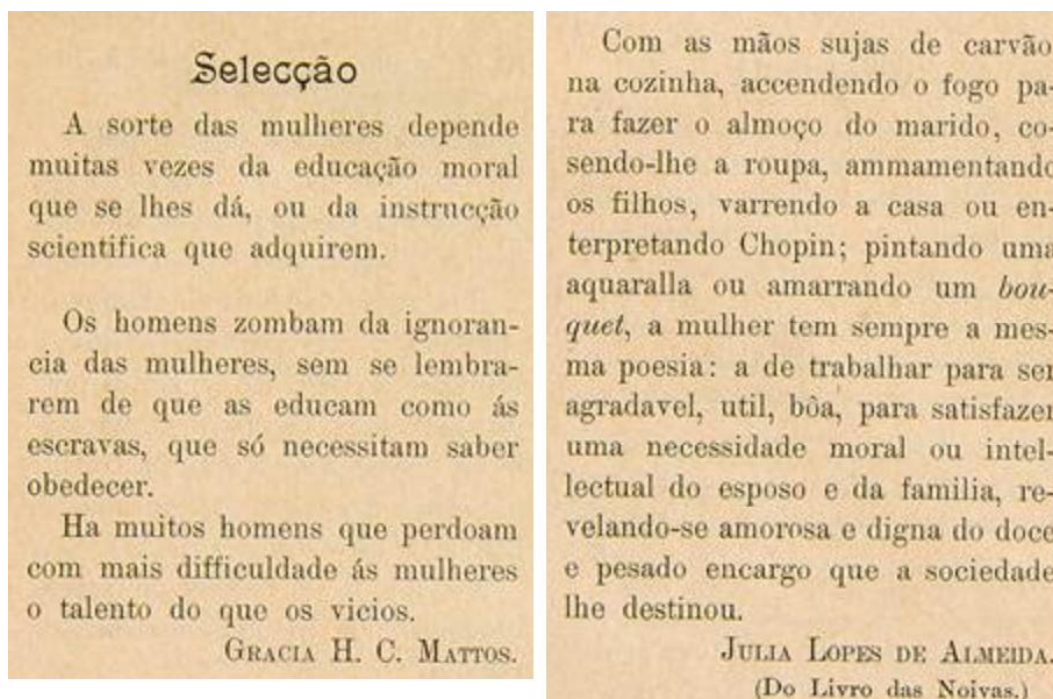
Caberia, portanto, a sementeira também ao sexo feminino e, na colheita a mulher estaria apta para compreender melhor o importante papel, que lhe toca na sociedade e, esta na razão directa do seu adiantamento, a teria como fortissimo elemento de progresso. Assim preparada, a mulher, attingindo o fim para que lhe destinou a propria natureza, engrandecer-se-hia e engrandeceria a geração que lhe sahisse do materno seio. Então, não haveria que receiar, como receiosos se sentem, por ali agora, alguns pensadores, em se lhe outorgar os mesmos direitos que são cabidos ao homem. A mulher é riquissimo thesouro e, á proporção que se lhe for irradiando o espirito com abundantes conhecimentos, sua riqueza se tornará inexgotavel.	No cerrer da ardua tarefa que, de boamente, encarregamos-nos n'estas columnas repetiremos sempre: —Os povos só attingirão sua maxima cultura quando a mulher fór emancipada. <i>Francisco Barroso.</i>
--	---

Legenda: recorte da página 2, edição 06, 19 de fevereiro de 1898

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

Outro periódico extremamente relevante para a história da imprensa feminista foi o *A Mensageira*, que circulou entre os anos de 1897-1900. Articulado por Presciliana Duarte o jornal falava abertamente e exclusivamente da condição de inferioridade das mulheres na época (Figura 8), o tema do periódico chamou tamanha atenção que passou a contar com grandes nomes da literatura e do jornalismo da época.

Excerto 8 - Excertos



Legenda: recorte da página 14, edição 01, 15 de outubro de 1897

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

Já em 1902, surpreendentemente, temos um periódico intitulado *O Feminista*. Além do nome, o jornal se destaca pelo conteúdo contestador e dada a importância de colaboradores como Júlia Lopes de Almeida.

Destacando a contribuição de grandes escritoras tem-se *O Lyrio* que circulou no Recife entre os anos de 1902 e 1904. É perceptível que a contribuição das autoras não era apenas local, tendo entre os grandes nomes: Maria Augusta Freire, Edwiges de Sá Pereira, Amélia Carolina de Freitas Beviláqua entre outras. O excerto a seguir é parte de um texto publicado no dia 5 de novembro de 1902 em que Maria Augusta Freire aborda a condição feminina e o dito “sexo frágil” atribuído às mulheres no decorrer do tempo (Figura 9).

Excerto 9 – Sexo Frágil

O conceito commum que a mulher é physiologicamente inferior ao homem, já é uma cousa tão sedica, que não resiste ao menor estudo analytico.

Sexo fraco nos chamam !

Ironia das ironias ! Sexo fraco o nosso ? ! Nós que temos dado provas de fortaleza, que tem assombrado o mundo.

A Historia está cheia de exemplos, cital-os, seria enfadonho.

Ahi fica o « Lyrio. »

O seu programma já está delineado e deve ser observado a risca.

Resta que as nossas patricias, com-penetrando-se do que valem, nos animem, para que o nosso tentamen não sossobre.

Trabalhemos, pois com isso nos dignificamos e damos o exemplo a nossos filhos. Que o nosso programma seja um iabaro desfraldado ao quattros ventos, onde se leia uma palavra :— *Laboremus*.

19—10—1902.

MARIA AUGUSTA MEIRA DE V. FREIRE.

Legenda: recorte da página 3, edição 01, 5 de novembro de 1902.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

É importante destacar o trabalho de mulheres como Ernestina Lesina que foi a responsável pelo jornal brasileiro/italiano *Anima e Vita* (1905) que se pautava na luta das mulheres operárias. O jornal brasileiro era escrito em italiano e buscava conscientizar os trabalhadores de seus direitos, além de ser um jornal anarcofeminista. Como já citado anteriormente, o trabalho das primeiras feministas acabava por ficar mais restrito às classes mais altas da sociedade e consequentemente não era capaz de abarcar todas as mulheres, um problema que ainda é encontrado em algumas discussões do movimento. Levando em consideração as poucas ativistas que conseguiam abarcar diferentes públicos deve-se destacar o trabalho da imigrante e ativista italiana pelos direitos dos trabalhadores.

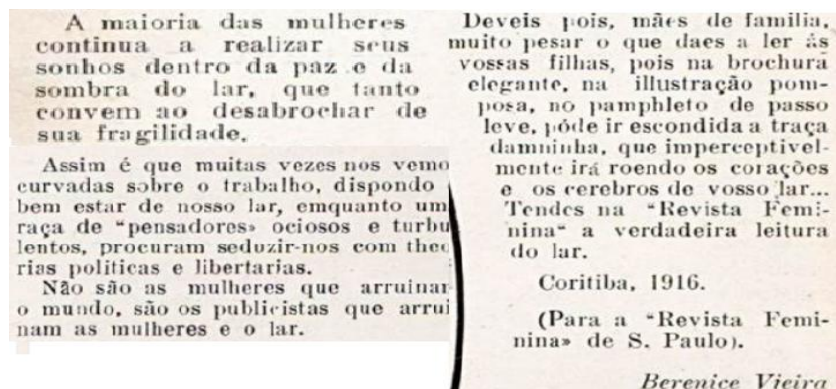
Outro jornal longo e com importante contribuição de autoras é o *A Estrella*, o periódico cearense circulou entre os anos de 1906 e 1921. Cora Coralina, Leodegária de Jesus, Adalzira Bittencourt são alguns dos nomes que assinaram textos no periódico.

Cabe ressaltar que os periódicos voltados ao público feminino nem sempre

eram contestadores e buscavam dialogar com a situação da mulher. Tendo isso em mente, é importante salientar jornais que reforçavam estereótipos, *A Violeta* que circulou em 1909 em Minas Gerais promovia concursos de beleza, por muito tempo os concursos eram vistos apenas como superficiais e prejudiciais à imagem das mulheres. Outro periódico que de certa forma reforçava a imagem da mulher como dotada de beleza e submissa ao homem foi o conservador católico *A Paladina do Lar* (BA) foi publicado entre 1910 e 1917.

Outro jornal importante que deve ser lembrado é o paulista *Revista Feminina* que foi publicado por 22 anos (1914 -1936). O periódico se destaca pela longevidade, mas é interessante perceber que segue uma linha editorial contraditória já que publicou textos de crítica ao feminismo e publicava vitórias das mulheres em outros países. Os excertos, três parágrafos selecionados, são de um texto publicado em janeiro de 1917 intitulado “Vossas Filhas Sabem Ler?” (Figura 10). É possível inferir uma crítica a outros jornais e livros ao público feminino que falavam sobre a emancipação feminina e que poderiam fazer mal às jovens filhas das leitoras:

Excerto 10 – Não são as mulheres que querem arruinar o mundo



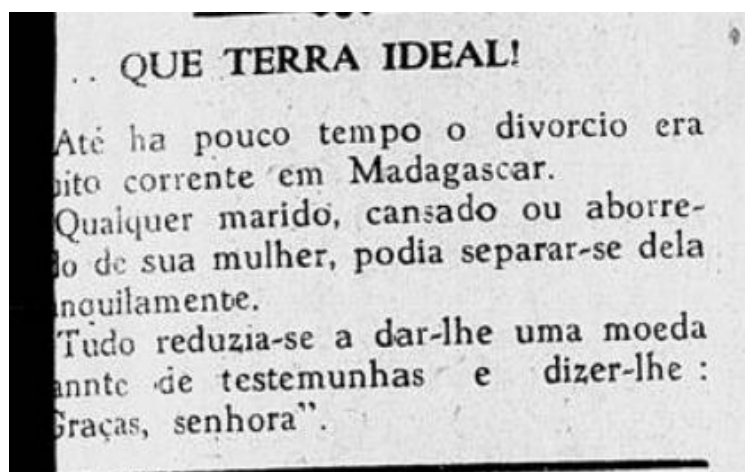
Legenda: recorte da página 26, edição 32, janeiro de 1917.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

Outro periódico longo e conservador foi o *Jornal das Moças*, que foi publicado entre os anos de 1914 e 1965, por mais de 50 anos. Segundo Constância Lima Duarte no *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil século XX* (2023) provavelmente o *Jornal das Moças* foi um dos principais periódicos ideólogos do patriarcado brasileiro. No excerto a seguir pode-se ver como o jornal aborda com ironia o direito ao divórcio que foi uma pauta do movimento feminista brasileiro que inclusive se utilizou da imprensa feminista para levar a possibilidade da discussão do assunto para a sociedade, da mesma forma que utilizou a mesma imprensa para discutir por décadas o direito ao

sufrágio feminino que havia sido incorporado na Constituição de 1934. Já em relação ao divórcio, tema de uma edição do *Jornal das Moças* de fevereiro de 1940 (Figura 11), apenas em 1977 que a sociedade brasileira teria direito ao divórcio, ou seja, dissolução do casamento civil. O casamento religioso ainda é indissolúvel para a maior parte das religiões.

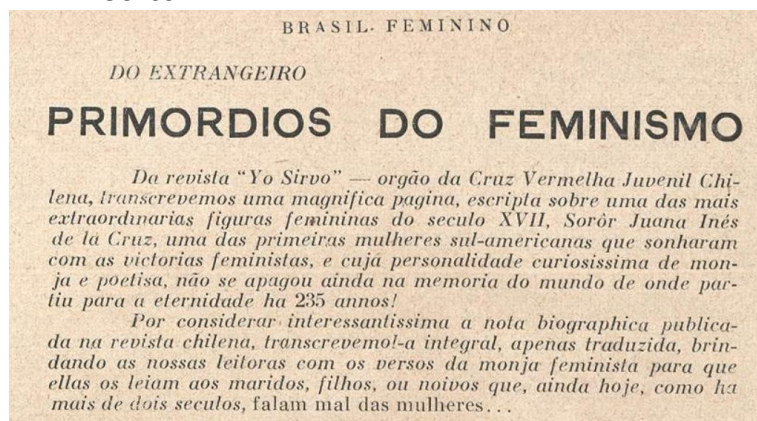
Excerto 11 – Abandono matrimonial



Legenda: recorte da página 34, edição 1285, 1 de fevereiro de 1940
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

De 1932 a 1937 o *Brasil Feminino* um jornal abertamente político, que defendia o integralismo brasileiro, entretanto acabava também por defender ideias feministas como o direito ao voto. Fica claro com a possibilidade de acesso a antigos periódicos, seja na hemeroteca digital, seja por meio de trabalhos acadêmicos, que em grande parte dos casos os periódicos não eram exclusivamente progressistas ou conservadores. Embora o jornal defendesse abertamente o movimento integralista, ele também defendia em algum nível os direitos da mulher como vitórias do feminismo (Figura 12).

Excerto 12 – Vitória Feminista Sul-Americana

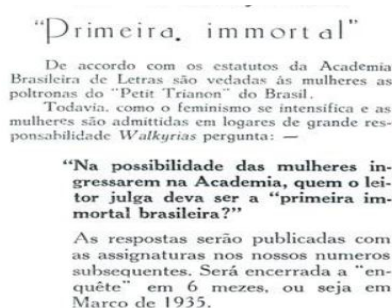


Legenda: recorte da página 17, edição 05, julho de 1932

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

Jornais políticos se tornaram mais comuns com o passar do tempo, em 1934 o *Boletim da FBPF* fundado por Bertha Lutz defendia os direitos das mulheres, e principalmente a seguridade do direito ao sufrágio feminino, que foi assegurado pela Constituição justamente em 1934 após ser inserido no código eleitoral no ano de 1932. É também em 1934 que o *Walkyrias* periódico feminista e sufragista é publicado. O jornal continuou sendo publicado até 1961 e era norteado por textos feministas, que poderiam ser considerados radicais para a época. No excerto a seguir (Figura 13) pode-se perceber como, após o sufrágio, as ativistas continuaram suas lutas contra a exclusão da mulher, pedindo apoio popular a uma possível eleição de qual escritora deveria ser a primeira a fazer parte da Academia Brasileira de Letras (ABL). Apenas em 1977 com Rachel de Queiroz que se tem a primeira mulher imortal eleita para a ABL, e infelizmente somente em 2025 Ana Maria Gonçalves, a primeira mulher negra seria eleita também para a ABL.

Excerto 13 – Após o sufrágio o sonho da imortal



Legenda: recorte da página 24, edição 02, setembro de 1934

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

Outro jornal de relevância política foi o *Movimento Feminino* (1947-1956), as

responsáveis pelo periódico eram do movimento comunista e o foco das publicações era tentar contato com a classe trabalhadora, trabalhadoras do campo, mais uma vez é possível perceber uma tentativa por parte de alguns militantes de conseguir levar o movimento feminista para além das mulheres em certo local de privilégio (educacional, aquisitivo).

Com a gradual conquista por espaço na imprensa é natural que se torne possível encontrar uma variedade maior em relação aos tipos de jornalismo feitos por e para mulheres. Entre 1948 e 1977 *O Idílio* foi um jornal voltado ao entretenimento feminino que publicava histórias tendo a mulher como figura central. A fotonovela foi um produto de sucesso no Brasil provavelmente por colocar a mulher como a heroína da história e falar principalmente sobre romances, além de situar a vida das mulheres na cidade, as fotonovelas deixaram de ser publicadas no Brasil em meados da década de 1980.

Não apenas os políticos, os voltados à cultura e cotidiano, há uma vasta documentação de jornais femininos e feministas e, infelizmente, não é viável citar todos aqui, mas fica a sugestão de ler a obra da professora e escritora Constância Lima Duarte que se debruçou sobre o assunto por anos e foi responsável por um dos maiores levantamentos da área. Ler, estudar e rememorar esses jornais é extrema importância para o não esquecimento dessas mulheres, que tem extrema importância para todas nós que vivemos e desfrutamos ainda hoje da luta delas.

A educação feminina, disseminação de cultura, incentivo à literatura e arte já eram parte da imprensa feminina. Com a abertura gradual do jornalismo pudemos perceber mulheres adentrando um espaço até então masculino e com a relativa consolidação da mulher na imprensa havia um novo mundo a ser descoberto e discutido por essas mulheres. Novas possibilidades de educação e emprego se consolidaram pela luta feminista e grande parte da luta foi possível por causa da publicação em periódicos.

Fica claro que a abertura para outros públicos além do padrão que se tinha na época (homem escolarizado e provavelmente branco) a sociedade passa a discutir assuntos que jamais seriam abordados sem a inserção dessas pessoas que chamamos hoje de minorias discriminadas.

A concretização dos direitos das mulheres se deu no decorrer de um longo tempo, como já falado anteriormente, a promulgação da Lei de Instrução Pública, é de 15 de outubro de 1827 em que instituiu o ensino básico para meninos e meninas.

O direito ao ensino superior apenas é promulgado em 1879, entretanto a matrícula só era feita pelo pai ou marido da futura aluna da instituição de ensino. Infelizmente o voto feminino seria apenas promulgado em 1932 e consolidado em 1934, no governo de Getúlio Vargas, mais de cinquenta anos após o início das reivindicações. A dissolução do casamento só se tornou possível em 1977 e a tese de legítima defesa da honra só foi entendida oficialmente como inconstitucional em 2023.

2. O PARANÁ NO MAPEAMENTO

O mapeamento feito pela pesquisadora Constância Lima Duarte abrange todo o Brasil, mas fica claro como o Paraná em relação a outros estados esteve em desvantagem quando se fala de imprensa feminina e feminista. Ao comparar com os outros dois estados do sul do Brasil é possível perceber que o Rio Grande do Sul⁵, desde o século XIX, tem uma maior participação na imprensa feminina e feminista. Já Santa Catarina⁶ Apresenta quase nenhuma participação no tipo de imprensa pesquisado no século XIX, entretanto, é possível notar um aumento expressivo no século XX. O maior número de periódicos voltados ao público feminino está nas regiões Sudeste e Nordeste e com menor número de periódicos encontrados temos as regiões Norte e Centro-Oeste, levando em consideração como o país está dividido atualmente.

Voltando ao Paraná há um livro de 1976 escrito pelo professor Osvaldo Pilotto intitulado *Cem Anos de Imprensa no Paraná (1854-1954)* em que o autor faz um apanhado da história da imprensa paranaense após a emancipação política do estado do Paraná (1853), quando a província do Paraná foi desmembrada da província de São Paulo.

Voltando aos jornais paranaenses femininos e feministas, em 1888 tem-se o periódico intitulado *A Mocinha* que aparece no primeiro volume do livro de Duarte (2023) que cobre todo o século XIX, já no segundo volume *Imprensa feminina e feminista no Brasil - século XX* (2023), que cobre apenas até 1949, não se pode encontrar mais nenhum periódico paranaense no dicionário ilustrado.

Foi encontrado um segundo periódico feminino intitulado *Senhorita* de 1920 no livro *Cem Anos de Imprensa no Paraná (1854-1954)* do professor Pilotto. Entretanto é necessário fazer uma observação, no livro *Cem Anos de Imprensa no Paraná*, o periódico aparece da seguinte forma:

“Senhorita” apresentou-se em julho [1920], com 16 páginas, e tinha por fim patrocinar a graça e a força “da encantadora e do jovem vigoroso, as melindrosas e do sportaman”.

Eram Rodrigo Junior e Heitor Stockler os seus redatores literários, e diretor artístico Mário de Barros, figuras de relevo na grei de intelectuais do tempo.

⁵ *Idade D'Ouro* (1833), *Belona Irada Contra os Sectários de Momo* (1833-1834), *Violeta* (1878-1879), *O Corymbo* (1884-1944) e *O Bagé* (1898-1910).

⁶ *O Léque* (1911), *Penna, Agulha e Colher* (1917-1919) e *Pétalas* (1933-1961).

J. P. Trindade, o diretor regente. (Pilotto, 1976 p. 78)

Não foi possível encontrar mais nenhuma informação sobre o periódico para jovens meninas e rapazes, não aparecendo inclusive no dicionário ilustrado de Duarte (2023) nenhuma informação ou em outros artigos e pesquisas. Entretanto há um outro jornal/revista com o título de *Senhorita* também de Curitiba, mas de 1910. Em relação a este periódico é possível encontrar pesquisas que o definem como revista literária e que apresenta grande relevância a história da imprensa feminina e feminista paranaense, não foi possível encontrar nenhum exemplar do periódico na Hemeroteca Digital Brasileira, porém em um artigo intitulado *Revista Senhorita: Acessório da Cestinha de Costura?* da professora e pesquisadora Cynthia Greive Veiga consta a informação de que há exemplares do periódico na biblioteca do *Ibero-Amerikanisches Institut Stiftung Preußischer Kulturbesitz* em Berlim. Assim, o jornal/revista *Senhorita* analisado é o de 1910, pois não há informações do homônimo de 1920, também não é possível afirmar que seja o mesmo periódico com algum erro de data.

Ao fazer uma busca sobre os jornais femininos paranaenses têm-se poucos resultados e a maior parte é em relação ao periódico *Brasil Mulher* (1975). O que se percebe em relação a ausência de jornais femininos é que na verdade os artigos femininos e/ou feministas estavam inseridos na mídia tradicional, se tratando de Paraná. No livro *Gênero, Mídia & Lutas Sociais: Percepções críticas e experiências emancipadoras* (2018) as professoras e pesquisadoras Paula Melani Rocha e Karina Janz Woitowicz escrevem um capítulo intitulado “As mulheres na conquista de espaços no jornalismo paranaense: invisibilidade, lutas históricas e o processo de feminização da profissão”:

Sabe-se que a partir do início do século XX surgem expoentes dos ideais de igualdade entre homens e mulheres, principalmente com a escrita literária, em todo país. Publicavam poesias, romances, sonetos, artigos em jornais, entre outras formas de participação no espaço público.

No Paraná, esses ideais eram colocados pelas mulheres nas páginas da mídia tradicional, uma vez que não se tem registro de publicações declaradamente feministas nas primeiras décadas do século. (Rocha; Woitowicz, 2018, p. 30)

Ainda segundo as pesquisadoras Rocha e Woitowicz as mulheres adentraram o espaço até então masculino no jornalismo principalmente por meio das colunas sociais, literárias, infanto-juvenil, de turismo etc.

[...] embora de forma localizada, no início do século XX algumas mulheres adentraram nas redações e produziram conteúdos, apesar de ser um espaço

majoritariamente masculino, seja pelas mãos do pai/proprietário ou com contratação em carteira profissional. Outro aspecto a ser considerado é a contribuição dessas mulheres nos segmentos de turismo, feminino, infantil, colonismo social, literatura, espaços que permitiram seus acessos. O que não significa que atuaram de forma passiva, pois inovaram em diagramação, tornaram-se experts no assunto, criaram novos espaços e galgaram outros suplementos. Apesar dos embates, como falta de estrutura na redação para recebê-las, uma vez que até banheiro era inexistente, ou mesmo instabilidade empregatícia, estas mulheres marcaram a conformação do jornalismo nesta região. (Rocha; Woitowicz, 2018, p. 35-36).

Por um tempo o único acesso que se tinha a artigos que possivelmente defendessem os interesses das mulheres estavam relacionados a um espaço pequeno dentro do jornalismo tradicional. Embora o estado não estivesse tão avançado nas discussões de direitos da mulher a forma que se deu a imprensa feminina e feminista, em grande parte, dentro do jornalismo tradicional fez que o feminismo pudesse ser debatido em periódicos que não ficassem restritos a um tipo de público de interesse.

Ainda no capítulo “As mulheres na conquista de espaços no jornalismo paranaense: invisibilidade, lutas históricas e o processo de feminização da profissão” do livro *Gênero, Mídia & Lutas Sociais: Percepções críticas e experiências emancipadoras* (2018) é possível encontrar a *Gazeta do Povo* e *O Estado do Paraná*, periódicos curitibanos, já tinham a presença feminina em suas redações. As autoras Paula Melani Rocha e Karina Janz Woitowicz analisam a história dos jornais e traçam uma linha do tempo do que seria a participação feminina no jornalismo paranaense. Mesmo apresentando uma relevante participação na imprensa tradicional há uma dificuldade de se pesquisar essas mulheres do jornalismo paranaense em consequência da forma de contratação que era utilizada na época para grande parte das jornalistas, ou seja, o tipo de contrato de trabalho que era utilizado dificulta a pesquisa e comprovação do vínculo com os jornais. Segundo Almeida (2016) essas mulheres não eram contratadas como jornalistas, mas sim como colaboradoras e não tinham participação fixa. Assim, a participação feminina além de escassa aparenta apresentar um caráter de informalidade em relação ao tipo de vínculo dessas mulheres com os jornais que as empregavam.

Segundo uma pesquisa da professora Lorena Zomer⁷ (2010), Leonor Castellano, feminista importante na história do Paraná, era uma das mulheres

⁷ “Página Literária”: Vivências e diálogos da curitibana Leonor Castellano nos artigos publicados em 1924 na *Gazeta do Povo* (2010).

relevantes para o jornalismo feminista que publicava artigos na *Gazeta do Povo*. Entre as principais pautas da professora Castellano estava o direito à educação, principalmente aquela que não tivesse relação apenas aos trabalhos domésticos e também a educação de nível superior. A autora defendia ainda o aproveitamento de qualquer oportunidade que fosse de certa forma permitida a mulher:

Ainda, na segunda citação, lembra que as mulheres devem aceitar qualquer oportunidade, por mais que não seja o ideal, mas porque em algum momento, terão realmente a chance de conquistar seu espaço. Transgredir as regras e limites estipulados para propagar os primeiros ideais. (Castellano in Zomer, 2010, p. 2).

Segundo a ativista Castellano, a única forma de conseguir avançar no debate era começando por pequenas oportunidades, que não era o ideal, mas que permitia que aquelas mulheres com o passar do tempo tivessem uma maior liberdade e independência dentro dos espaços que ocupavam.

Como citado anteriormente, o pequeno espaço permitido a essas mulheres paranaenses estava relacionado principalmente a assuntos como a vida doméstica, literatura e beleza. Apenas a partir do espaço conquistado que era possível tentar publicar artigos que transgredissem o pensamento da época, o que de certa forma acabou atrapalhando a participação das pensadoras paranaenses nas primeiras ondas do feminismo no Brasil.

Ao consultar o livro “*Cem Anos de Imprensa no Paraná (1854-1954)*”, publicado de Pilotto, tem-se uma ideia da forma em que a imprensa no estado se consolidou. O início se dá com a criação do periódico *O Dezenove de Dezembro* em 1854, em Curitiba e a criação posterior de diversos jornais na cidade de Curitiba. Há também o registro das criações de periódicos fora da capital do estado, tanto em cidades do litoral quanto do interior, ao pesquisarmos sobre a imprensa londrinense é apenas em 1945 que se tem a criação do *Correio do Paraná*. Posteriormente, em 1947, foram criados o *Correio Norte* e *O Povo*, já em 1950 é lançado *O Estado* em Londrina.

Além dos jornais citados tem-se ainda periódicos voltados a identidade e formação cultural, ou seja, jornais com potencial força de construção identitária ou de manutenção da cultura. Entre os diversos jornais encontrados faz-se necessário citar os seguintes periódicos: em português e alemão o curitibano *Echo Paranaense* (1885) que entre outros assuntos era contrário à escravidão, há também diversos outros jornais alemães no Brasil. É possível encontrar além dos jornais alemães jornais em italiano e polonês “*L’Italia*” e “*Gazeta Polska*”, ambos de 1892 respectivamente,

também oriundos de Curitiba. Além dos periódicos voltados à espiritualidade como o “*Fé Espírita*” (1894) de Paranaguá, entre diversos outros ao decorrer do tempo. E por fim, grande parte dos jornais do Paraná eram voltados a falar sobre política desde o Brasil Império até o Brasil República, passando por épocas como a Ditadura Civil Militar brasileira.

Ao fazer uma revisão percebe-se que o Paraná teve poucos periódicos que buscassem falar com seu público feminino, além do que era considerado aceitável para uma mulher ler. Os poucos periódicos encontrados como *A Mocinha* (1888) e o *Senhorita* (1920) fica evidente que os tabloides apresentam uma menor quantidade de pesquisas e fortuna crítica ao ser pesquisados, é importante ressaltar que não se pode afirmar a existência apenas dos dois jornais, mas foram os únicos possíveis de se rastrear durante a realização da pesquisa. Se levarmos em consideração a participação feminina na imprensa paranaense percebe-se ademais uma dificuldade de consulta, as mulheres que estavam inseridas no jornalismo tradicional não tinham tanto espaço quanto desejado e que se pode inferir por se tratar de uma mídia tradicional. A ausência na imprensa independente e o pouco espaço na mídia tradicional, aliados ao apagamento e esquecimento dessas mulheres colocava o Paraná como um estado de pouca expressão quando falamos de jornalismo feminino. Então a década de 1970 chega e consigo traz ebulição cultural, repressão militar e uma nova onda feminista.

Segundo Bernardo Kucinski, autor do livro *Jornalistas e Revolucionários* (1991) em que o autor faz um levantamento de jornais independentes do período da ditadura militar, é possível encontrar uma lista em anexo de periódicos no fim do livro. Na lista podemos ver periódicos paranaenses como: *Terra Roxa* – Londrina-PR (1974), *Poeira* – Londrina-PR (1975), *Viver* – Londrina-PR (1975), *Scaps* – Curitiba-PR (1975), *Brasil Mulher* – Londrina-PR (1975), *Etc* – Maringá PR (1977), *Boca no Trombone* – Curitiba-PR (1980) e *Paraná Repórter* – Londrina-PR (1980). Dentre os jornais elencados apenas o periódico *Brasil Mulher* era voltado ao público feminino e procurava debater assuntos políticos especificamente com mulheres.

O Estado do Paraná passa a ser mais relevante e ativo na imprensa independente a partir da década de 1970. Diversos jornais são criados com diferentes finalidades (política, ecologia, anarquismo etc.). Fica evidente a falta de tanto um jornal feminino quanto feminista que pudesse dialogar com os leitores e que também se preocupasse em falar sobre política, é em 1975 que há uma grande mudança na

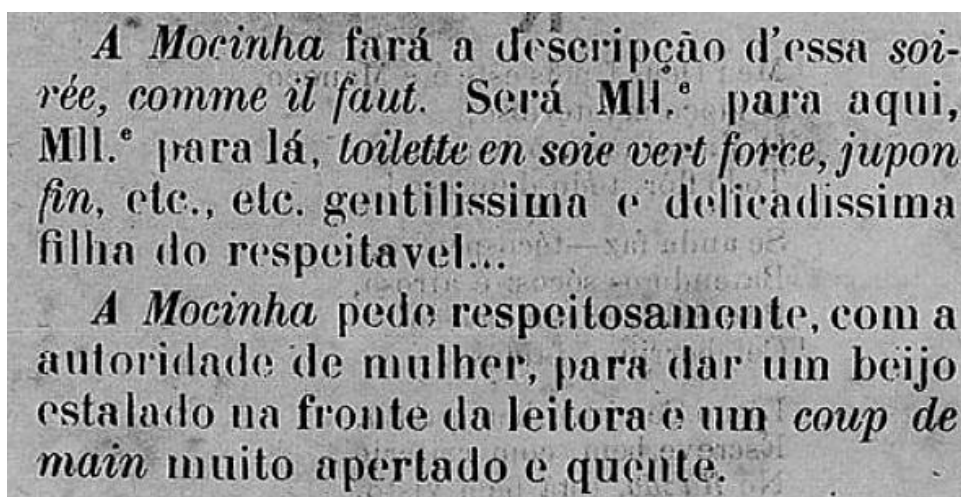
história dos periódicos londrinenses e paranaenses com a criação do jornal *Brasil Mulher*.

2.1. OS PERIÓDICOS PARANAENSES *A MOCINHA* (1888) E *SENHORITA* (1910)

Os periódicos femininos e feministas paranaenses são poucos, ao pesquisarmos a situação do Paraná percebe-se uma dificuldade grande de encontrar exemplos, principalmente até a década de 1950 aproximadamente. É justamente pela dificuldade de encontrar exemplares que se faz necessário ressaltar os resultados encontrados, mesmo que escassos e com poucos exemplares disponíveis em sites como o da Hemeroteca Digital Brasileira.

Ao fazer uma pesquisa sobre a imprensa feminina no Paraná é possível encontrar os dois jornais curitibanos intitulados *A Mocinha* de 1888 e *Senhorita* 1910. Segundo Duarte (2023) *A Mocinha* é um periódico curitibano escrito por homens e para mulheres, apesar de constar no dicionário ilustrado de Duarte o jornal teria apenas uma edição no Acervo da Biblioteca Nacional dificultando a pesquisa do conteúdo. Na edição encontrada de março de 1888 é possível observar poemas, críticas aos jornais que apresentavam erros gramaticais e notícias sociais, é interessante perceber também o uso de francês misturado com português (Figura 14). Cabe pontuar que a mistura do português com o francês evoca uma ideia de que o público leitor do jornal seria mais culto.

Excerto 14 – *A Mocinha*



Legenda: recorte da página 1, edição 04, 4 de março de 1888

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

No periódico *Senhorita* (1910) não é possível identificar um tema central, mas sim diversos temas e colunas, o jornal era escrito por mulheres. Segundo a professora e pesquisadora de história Cynthia Greive Veiga uma grande marca do periódico é a controvérsia, ou seja, ao mesmo tempo em que pode ser encontrados textos que de certa maneira reforçassem a condição social subordinada da mulher em outros momentos poderiam ter textos críticos a coisas comuns do cotidiano das mulheres.

Na mesma perspectiva ambígua de outros assuntos, as críticas sobre moda, também se apresentam na “*Senhorita*” de modo controverso. Embora a maioria dos textos reproduzissem as tendências da moda da época, alguns fazem duras críticas. Dois deles, criticam o espartilho, símbolo de opressão, e outros, criticam, de modo conservador, a moda parisiense da saia calça (jupes-culottes).

No texto “A moda e a emancipação”, Reinaldina de Mattos Lima, faz severas críticas às mulheres que se vestem apenas para agradar aos homens, citando, como exemplo, cortes sedutores de vestidos entrevê e *sans dessous*. Também menciona mulheres que fizeram sucesso junto aos homens e que, não eram, nem tão belas, nem tão bem-vestidas, tais como, Ta-Ki, Imperatriz da China; Anna Bolena, uma das esposas de Henrique VIII; Gabriella d’Estréas e *mademoiselle La Villières*. (Veiga, 2019, p. 131).

Era comum a jornais da imprensa feminina e feminista que tivessem um alinhamento controverso. É de se esperar que periódicos reproduzam o pensamento social da época em que está inserido, é claro que, ao pesquisar imprensa feminista conseguimos encontrar diversas mulheres e homens que romperam com o pensamento vigente e advogaram pelos direitos das mulheres. A imprensa no Brasil é de extrema importância para o diálogo social e a busca por direitos.

Assim, a imprensa não funciona apenas como um mantenedor do pensamento social, mas em períodos de censura acaba por deixar uma ausência muito grande no papel que desempenha no debate social no Brasil.

Em períodos de liberdade, jornais que sugestionaram debates que acabam por não aparecer no que se considera mídia tradicional é de extrema importância, em períodos de censura ou em uma época em que nem todos os grupos sociais têm a possibilidade de falar o trabalho do jornalismo independente se faz ainda mais necessário. As mulheres que lutaram pelo direito à educação, ao sufrágio e à liberdade sexual abriram espaço para que depois de anos pudesse se discutir temas como violência doméstica e equiparação de condições trabalhistas e violência de gênero.

2.2. A MILITÂNCIA FEMININA E FEMINISTA

Grande parte das mulheres ativistas era de esquerda⁸ e de certa forma feministas, mesmo que não se compreendessem como feministas, de alguma forma se tornaram atuantes na luta contra a ditadura. Segundo a docente Nadiesda Capuchinho (2019) a maior parte das militantes de esquerda saíram dos movimentos universitários e a maior parte dessas alunas e professoras foram para a luta armada em vez do movimento de esquerda tradicional.

Embora participantes ativas na esquerda e na luta armada, em teoria seria mais aberta e progressista em relação aos direitos da mulher, essas mulheres sofriam machismos e eram colocadas em situações de vulnerabilidade:

Como exemplo das ações machistas desempenhadas pelos homens presentes nas organizações de esquerda, os testemunhos relatam a falta de confiança nas mulheres no tocante ao manuseio de armas mais pesadas, a acusações constantes de que as companheiras não tinham estabilidade emocional, ou mesmo o fato de ser raríssimo a presença de mulheres em cargos de liderança desses movimentos. Além disso, certas tarefas eram “naturalmente” sugeridas ou atribuídas às mulheres, como aquelas que envolvessem sedução para obtenção de informações, o que poderia levar a militante a um grande risco, além de atos sexuais não consentidos. (Capuchinho, 2019, p.161).

No artigo *“As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo”*, o pesquisador Marcelo Siqueira Ridenti faz uma análise sobre dados estatísticos do período da ditadura e traz depoimentos de militantes. No artigo o autor evidencia o machismo sofrido pelas militantes, mas também aborda os avanços dentro do movimento e que serviram para se dar um passo adiante na luta pela liberdade das mulheres.

Não se deve imaginar, contudo, que as mulheres eram totalmente submissas nos grupos de esquerda, em geral, e nos armados, em particular. [...] Algumas mulheres chegaram a ocupar cargos de direção, embora esporadicamente; as tarefas caseiras eram divididas; caíra o tabu da virgindade; havia questionamento da monogamia; assumia-se no discurso a total igualdade entre os sexos; etc. A perspectiva da época era a da criação de homens (e mulheres) novos, não da libertação específica da condição feminina, proposta que não se colocava explicitamente naquela conjuntura da sociedade brasileira. Vale reafirmar o equívoco dos que analisam as lutas sociais passadas, esquecendo da conjuntura específica em que se deram. (Ridenti, 1990, p. 121).

⁸ No Brasil da década de 1970 a esquerda de certa forma se dividia em diferentes grupos. Havia os mais tradicionais como os comunistas, os políticos e intelectuais como aqueles afiliados ao MDB (Movimento Democrático Brasileiro), aqueles que faziam parte da luta armada e outros como o de movimentos sociais (setores da Igreja e movimento estudantil).

As mulheres que combateram a ditadura não estavam estritamente relacionadas à luta armada, também tinham mulheres que combatiam da maneira que podiam:

Finalmente, cabe lembrar que nem toda oposição à ordem vigente após 1964 foi tão extremada quanto a das mulheres que aderiram às novas esquerdas, nem política nem pessoalmente. Sabe-se, por exemplo, dos movimentos de mães, esposas e irmãs que protestavam contra a repressão de seus familiares. Décio Saes dá notícia da intervenção de setores politicamente liberais do “movimento feminino”, como a paulista “União das Mães contra a Violência”, nos protestos estudantis de 1968 contra o regime. (Ridenti, 1990, p.122).

Cabe ainda citarmos mulheres como Zuzu Angel que criou uma coleção de moda e em 1971 fez o desfile-protesto em Nova York chamado *International Dateline Collection III – Holiday and Resort*, em que um dos três temas do desfile faziam referência ao governo ditatorial no Brasil e o desaparecimento político do filho brasileiro/americano Stuart Angel. Zuzu foi assassinada em 1976, mas apenas em 2019 a filha de Zuzu e irmã de Stuart, Hildegard Angel, recebeu as certidões de óbito em que constata o papel do estado no assassinato de ambos.

Ana Dias é outra mulher que, a seu modo, lutou pela memória do esposo, Santo Dias, que foi assassinado pela polícia militar durante a ditadura por ser um líder operário em uma greve trabalhista. A peça “*Eles não usam black-tie*”, escrita por Gianfrancesco Guarnieri e adaptada posteriormente para o cinema por Leon Hirszman, retrata uma greve trabalhista em que um líder operário, Bráulio, interpretado por Milton Gonçalves é assassinado da mesma maneira que Santo Dias.

Há tantas outras mulheres como Ilda Martins da Silva, Eunice Paiva, Carolina Rewaptu, Marli Pereira Soares, Clarice Herzog e diversas outras mulheres⁹ que precisaram se colocar em perigo para reivindicar o corpo e a justiça pelo desaparecimento de entes queridos. Segundo Maria Amélia de Almeida Teles no livro *Heroínas desta História*:

A advogada e ex-presa política, Therezinha Zerbini criou o Movimento Feminino Pela Anistia, que logo se estendeu por diversos estados brasileiros e se juntou ao Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA), culminando num amplo movimento. Outras mulheres fizeram jornais alternativos para defender os direitos das mulheres, figurando como precursoras na luta pelos direitos das mulheres. Atuaram no campo da oposição à ditadura, no ano de 1975. E é bom lembrar que o primeiro número do jornal *Brasil Mulher* saiu em outubro, no exato mês em que foi assassinado em São Paulo os direitos da TV Cultura,

⁹ Em 2019 o Instituto Vladimir Herzog lançou o livro “*Heroínas desta História*” organizado por Carla Borges e Tatiana Merlino em que nos é apresentado a história de quinze mulheres que lutaram, cada uma à sua maneira, por justiça em busca de familiares mortos pela ditadura brasileira.

o jornalista Vladimir Herzog, no Departamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna de São Paulo (DOI-CODI/SP).

As mulheres foram o segmento da população que mais sofreu mudanças nas suas relações – com o trabalho, com a família, com os homens, com a questão política –, o que trouxe modificações no seu comportamento e nas suas maneiras, subjetiva e objetiva, de enfrentar a vida. (Borges; Merlino, 2019, p. 366-367).

Cada mulher agia da forma que podia para combater a ajudar pessoas perseguidas pela ditadura, o periódico *Brasil Mulher* nasce de um contexto político-social único e passa a falar sobre assuntos que não eram pauta para grande parte da sociedade. É justamente na imprensa feminista que se tem um dos principais jornais que lutaram contra a ditadura militar, é importante ressaltar que mesmo nos movimentos de esquerda o machismo era expressivo.

2.3. *BRASIL MULHER*

A partir da década 1970 é possível perceber um aumento na participação paranaense na imprensa feminina brasileira. Com o passar do tempo, as mulheres no Brasil foram conquistando mais espaço tanto na imprensa como em outros lugares públicos como a contestação da política vigente e a luta por outras minorias discriminadas. A luta feminista militante brasileira da década de 1970 está totalmente vinculada à luta contra a ditadura no Brasil, inclusive atrelada a luta armada. O feminismo brasileiro cresce e atinge diferentes classes e pessoas justamente durante a ditadura e já em 1970 o movimento viria a se diferenciar em diferentes grupos de interesse dentro do feminismo (militante que era mais ativo na luta contra o estado, o feminismo negro com a criação de grupos como o Movimento Negro Unificado etc.) hoje entendemos como variadas vertentes.

As décadas de 1960 e 1970 não foram importantes apenas para as mulheres brasileiras, embora o contexto social fosse totalmente diferente, a Europa e os EUA também passavam pela segunda onda feminista. Céli Regina Jardim Pinto aborda a efervescência cultural da década de 1970:

Foi também nos primeiros anos da década [1960] que foi lançada a pílula anticoncepcional, primeiro nos Estados Unidos, e logo depois na Alemanha. A música vivia a revolução dos Beatles e Rolling Stones. Em meio a esta efervescência, Betty Friedan lança em 1963 o livro que seria uma espécie de "bíblia" do novo feminismo: *A mística feminina*. Durante a década, na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações

de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher - no trabalho, na vida pública, na educação -, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. (Pinto, 2010, p. 16).

Foi no ano de 1975 que se estabeleceu oito de março como Dia Internacional da Mulher e em consequência 1975 foi instituído como o ano da mulher na Organização das Nações Unidas (ONU). A intenção da criação do ano da mulher era falar sobre a discriminação sofrida por mulheres e promover a igualdade entre os gêneros.

No ano da mulher na ONU, o periódico chamado *Brasil Mulher* foi fundado em Londrina no Paraná, o jornal buscava debater o feminismo com mulheres e homens e pretendia falar também da luta pela liberdade no Brasil. O tabloide publicado pela Sociedade Brasil Mulher ansiava falar com diferentes públicos sobre assuntos que por vezes poderiam entrar em conflito ou não ser de interesse de todos os leitores. De certa forma, acabou sendo malvisto por grupos do movimento feminista e por leitores mais alinhado à esquerda, além de causar uma cisão interna.

Ao falar sobre assuntos que interessam às mulheres, o jornal buscava debater assuntos políticos em um Brasil que passava pela ditadura militar, um tema se relacionava ao outro, pois mulheres são um dos grupos sensíveis a mudanças governamentais, sociais e políticas.

A verdade é que o *Brasil Mulher* nunca buscou ser apenas o jornal da mulher, fica evidente, com distanciamento temporal, que o principal objetivo era buscar igualdade e justiça em um período delicado da história do Brasil.

O jornal era visto como uma grande contradição pois queria falar de feminismo não apenas para mulheres e afirmava que a libertação das mulheres só aconteceria quando todas as pessoas fossem libertas, fazendo uma clara alusão aos movimentos de esquerda (Figura 15). Havia uma divisão dentro do próprio periódico, já que nem todas as pessoas concordavam com qual tópico o jornal deveria priorizar, o feminismo ou o marxismo. A seguir um excerto falando sobre a luta das mulheres metalúrgicas.

Excerto 15 – Mulher metalúrgica



Legenda: recorte da página 1, edição 011, março de 1978

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

Ao estudar periódicos como o *Brasil Mulher* é importante falar sobre a imprensa independente/alternativa, também chamada de imprensa nanica¹⁰, que por muito tempo era o principal espaço para mulheres exercerem a profissão de escritora. A concretização da ditadura militar brasileira representou um grande atraso para diversas áreas da sociedade, como a liberdade jornalística e a luta de minorias. No entanto é perceptível que mesmo em um regime autoritário houve uma luta pelo progresso nos temas de direito e libertação da mulher em um momento perigoso para pautas progressistas. É nesse contexto que a imprensa feminista avança na luta por direitos das mulheres e dos cidadãos, de um modo geral, em um momento de revogação de direitos humanos, civis e políticos.

Segundo um artigo da professora e pesquisadora Elizabeth Cardoso houve um aumento de jornais femininos no estado após 1974, sendo um deles o periódico *Brasil Mulher*. O início do periódico se deu em Londrina – Paraná, mas após a primeira edição passou a ser publicado em São Paulo. Fundado inicialmente por Joana Lopes, ex-professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL) que atuou como docente entre os anos de 1972 e 1975, foi jornalista na *Folha de Londrina* (até 1978) e fundadora do *Brasil Mulher* em 1975. A outra fundadora foi a ativista dos direitos humanos Terezinha Zerbini, que teria inspirado a criação do periódico em razão do Movimento Feminino pela Anistia (Figura 16), de extrema importância para o contexto da época. Parte de uma das matérias sobre a Anistia no periódico:

¹⁰ A imprensa nanica é caracterizada como uma das ramificações da imprensa alternativa, menor, em geral, mimeografada e artesanal. O termo foi inserido por João Antônio na Revista Realidade Brasileira, intitulada Escritores Malditos, em 1977. (IDEM, p.61).

Excerto 16 – Matéria sobre Anistia



Legenda: recorte da página 2, edição especial, março de 1979

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

Hoje entende-se o *Brasil Mulher* como um dos jornais femininos e feministas de maior relevância nacional, já que se pretendia com ele o diálogo social sobre os problemas que cerceavam a vida das mulheres. De uma maneira sintética, o jornal abordava o feminismo como o que hoje entendemos como a vertente interseccional.

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; [...] o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (Butler, 2024, p.21).

A distribuição e o público-alvo eram mulheres periféricas que não tinham tanto contato com o feminismo, mas que dependiam de forma direta dos direitos da mulher no Brasil, assim como sofriam as consequências dessa ausência desses direitos.

No que diz respeito aos assuntos relacionados ao público feminino o jornal buscava abordar assuntos como aborto (Figura 17), que ainda figura como imenso tabu na sociedade brasileira. Um assunto tão espinhoso que divide todo um país mesmo que seja necessário como em situações de abuso sexual de adultas e crianças. Em 2020 uma equipe médica se recusou a realizar um procedimento em uma menina de 10 anos, segundo nota da época a idade gestacional da criança era maior do que a permitida pela lei para a realização do aborto. Além dos problemas relacionados a idade gestacional avançada em decorrência da situação de abuso da criança houve também fortes protestos da população que se dizia contra o procedimento com motivação em crenças religiosas.

Excerto 17 – Direito ao aborto

ABORTO: UM DIREITO DE TODA MULHER

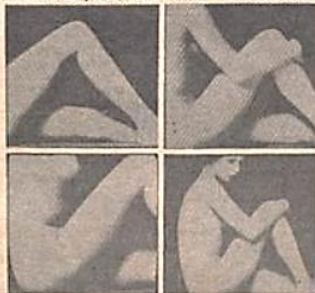
Ser mãe, evitar filhos, aborto, são problemas que a mulher brasileira enfrenta e que permanecem à sombra. São tratados de forma superficial, leviana, sentimental e repressiva. A sociedade tenta preservar o único papel que nos destinou: ser esposas e mães. Em nome de tão "honrado papel feminino", que nos ignora como pessoas, somos obrigadas a abrir mão de nossos direitos mais elementares, entre eles, a liberdade de dispor de nosso próprio corpo.

A discussão que atualmente se dá em torno do aborto, levantada inicialmente pelos grupos feministas, tende hoje a ser manipulada pelos meios de comunicação, que tentam silenciar a opinião de quem tem e deve ter o direito de decidir sobre o assunto. Nós mulheres, vamos começar a dizer o que pensamos sobre isso.

A falta de informação sobre o nosso corpo, sobre a sexualidade e métodos para evitar filhos faz com que a possibilidade de uma gravidez indesejada seja muito grande. E isto afeta a mulher de forma profunda, moral, psicológica e economicamente. Uma gestante jamais conseguirá emprego e se já tem, provavelmente, vai perdê-lo. São poucas as

garantias trabalhistas dadas à mulher grávida na atual legislação. Junte-se a isso as péssimas condições em que vive a maioria do povo brasileiro: salários baixos, falta de creches, de escolas, de hospitais.

Se uma mulher quer ter um filho, que se vires. A sociedade não lhe dá qualquer tipo de apoio. Se ela precisar ou quiser interromper uma gravidez, que se vires também. Caso tenha condições, recorre a clínicas clandestinas;



nas; se não, cai nas mãos dos "aborteiros" ou nas garras dos hospitais públicos, onde a curetagem a frio é a punição para quem rejeita o "ato sublime da maternidade", algo que a falsa moral da sociedade não pode suportar.

No Brasil só existe até agora um projeto de legalização do aborto, do deputado João Meneses, e que é bastante limitado: preocupa-se apenas com a volta da permissão do "aborto sentimental" - para as vítimas da violência sexual.

Nós do Brasil Mulher, reivindicamos e lutamos pela legalização do aborto, livre e gratuito, como opção garantida à mulher que desejar realizá-lo, assim como acesso à informação, obtenção e controle do uso dos anticoncepcionais. No entanto, é necessário também que se garantam as condições à maternidade, pois muitas mulheres optam pelo aborto por não terem como criar um ou mais filhos. Assim, lutamos também para que o Estado assuma sua responsabilidade junto aos hospitais públicos, que se criem creches e se amplie o número de escolas, que se melhorem os salários e as condições de vida em geral.

Legenda: parte da página 2, edição especial, 8 de março de 1980

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

O jornal também buscava discutir o direito ao divórcio, a vida sexual das mulheres (Figura 18), os direitos das mulheres. Com uma ascensão de discursos de ódio ainda se faz necessário esse tipo de discussão em locais que apresentam relevância social e potencial local de formação de opinião da sociedade.

Excerto 18 – Casamento e Virgindade

pesquisa

4

Aí vai depender da ignorância dele

As mulheres devem casar virgens?

«Acho que virgindade deve ser conservada porque os homens dão importância a isso e se a mulher não é mais virgem, eles não confiam». O tabu da virgindade ainda aparece como obrigatório para a mulher ou então condicionado à posição do homem. Assim, a virgindade ainda não é para a maioria das mulheres uma escolha pessoal.

«Prá mim não é problema, mas acho que se deve falar com o homem. Aí vai depender da ignorância dele».

A dupla moral existente na nossa sociedade faz com que uma coisa seja certa para os homens e, ao mesmo tempo, errada para as mulheres. «Eu acho bacana ficar virgem até o casamento, pois é uma coisa que valoriza mais a pessoa e que se tem desde criança». Só uma das entrevistadas colocou a questão de que deveria haver maior compreensão por parte

dos homens: «Dependendo do relacionamento que se tem, a virgindade pode ou não ser mantida». Ou seja, a aceitação desse valor mostra a passividade da mulher dentro da sociedade que a oprime.

Entretanto, algumas das entrevistadas chegaram a levantar o risco de um casamento sem um prévio conhecimento sexual do casal, e que a igualdade deve também estar ligada à atividade sexual: «Virgindade é problema que não vale mais! Hoje em dia é até errado casar virgem...» «Não deve casar virgem. A igualdade deve existir também nisso, mas com um homem que se goste. A maior parte das operárias não casa virgem».

Uma mulher que fica grávida e não quer ter a criança, deve abortar?

Para manter o trabalho doméstico da mulher e sua função de gerar os futuros trabalhadores, a sociedade tira a possibilidade de a mulher escolher quando e quantos filhos quer ter, além de reprimi-la total-

mente nos assuntos ligados ao sexo. Esta repressão se faz mais presente ainda, por exemplo, no caso de aborto: «Aborto é errado! Deve ter a criança. O que é feito, é feito». «Acho que o aborto é pecado. Acho melhor ter e dar para outra pessoa criar». «Já que aconteceu, deve assumir».

A repressão sexual é feita de várias formas, seja pela difusão da ideia de pecado, a ausência de informações, seja pela falta de educação sexual. Todos esses fatores criam o tabu da ligação entre sexo, casamento e maternidade. «Não se deve eliminar uma criança nunca mesmo não tendo condições de manter». «Ela deve se responsabilizar, pois mesmo dentro da barriga já tem direito à vida». «Tem meios de controle. Só fica grávida quem quer».

Das entrevistadas, 26 são contra o aborto, e apenas 4, a favor. «Sim, deve fazer o aborto! Sei que fazer é errado, a gente deve sempre evitar de ficar grávida, mas deve-se também evitar que venha alguém no mundo pra sofrer».

Legenda: parte da página 8, edição especial, 8 de março de 1980

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

Outro importante fato a ser destacado no jornal é o foco colocado na mulher negra, como na capa do periódico, (Figura 19) o que não era tão comum de se ver na época. Segundo Amelinha Teles, importante feminista brasileira que além de militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) atuou também no *Brasil Mulher*, o rótulo de feminista era malvisto inclusive por parte da esquerda e que por um tempo o periódico não levava a palavra feminismo.

Excerto 19 – Parte da capa *Brasil Mulher*



Legenda: capa do periódico, edição outubro de 1975

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2025)

O jornal foi fundado por uma vertente do feminismo que se alinhava principalmente com a militância da esquerda, consequentemente, as pautas se aproximavam muito da classe trabalhadora, além da vida da mulher.

Internamente, o número zero do *BM* traz matéria na página 3 intitulada “A Procura da Igualdade Perdida”, que diz que é “impossível desvincular a luta pela emancipação da mulher de uma luta geral pela liberdade do ser humano”. Essa linha de pensamento predominou no jornal tanto na abordagem das pautas quanto na quantidade de pautas sobre mulher. (Cardoso, 2004, p. 44).

Inevitavelmente a militância contra a ditadura militar estava extremamente atrelada aos assuntos considerados mais importantes do jornal desde o número zero.

O *Brasil Mulher* foi inclusive um dos primeiros periódicos a falar em anistia em um momento que o país ainda passava pelo AI-5. A última edição do jornal foi publicada em 08 de março de 1980, a importância do periódico é reconhecida ainda hoje como por exemplo a ser o primeiro a denunciar estupro e violência contra as mulheres presas políticas durante o período da ditadura militar.

No dia 4 de outubro de 2013, na semana de debate sobre a imprensa de resistência¹¹ na Comissão Estadual da Verdade de São Paulo – Rubens Paiva, teve como destaque as convidadas: Rosalina Santa Cruz, Maria Moraes, Amelinha Teles e Beatriz Bargieri que falaram sobre a imprensa feminista. As convidadas discorreram sobre os jornais *Nós Mulheres*¹² e *Brasil Mulher*. Segundo Amelinha, a criação do jornal se deu pela busca de tratamento igualitário e ser uma voz atuante em busca da igualdade em um momento em que a mulher era coadjuvante na sociedade.

O *Brasil Mulher* deu voz às mulheres que sofriam a violência de ser familiar de pessoas que desafiavam a ditadura, mas também de mulheres como as combatentes que eram presas e sofriam inúmeros tipos de violência, incluindo a de gênero, as mulheres periféricas que sofriam diretamente com a ausência de direitos e pobreza e com os exilados políticos que precisavam da Lei da Anistia para poder voltar ao país. O periódico ainda abraçaria discussões que ainda hoje são relevantes para o cotidiano de mulheres de todas as cores e classes sociais.

¹¹ Matéria Alesp SP sobre o papel da imprensa feminista e das mulheres na ditadura militar brasileira.

¹² *Nós Mulheres* foi um jornal organizado pela Associação de Mulheres que circulou entre 1976 e 1978, sendo publicado na cidade de São Paulo. Segundo Martins e Nunes (2020), o jornal buscava dialogar com as mulheres das camadas sociais e econômicas mais populares da sociedade brasileira. Assim como o *Brasil Mulher*, o *Nós Mulheres* acabava por estar alinhado ao pensamento e à militância de esquerda.

3. A FOLHA DE LONDRINA

Após entender que o jornalismo feminista paranaense se encontrava majoritariamente dentro da mídia tradicional fez-se necessário entender se a *Folha de Londrina*, jornal importante do norte do Paraná, participou de alguma forma desse movimento de levar as mulheres para sua redação entre o fim da década de 1960 e início de 1970. A melhor maneira de investigar qual espaço era dado a estas jornalistas foi analisar a Folha Feminina, caderno direcionado ao público feminino, levando em consideração década de publicação, contexto social e aceitação das leitoras.

A Folha Feminina foi um caderno publicado semanalmente aos domingos na *Folha de Londrina* que era assinado por jornalistas e de um modo amplo falava sobre assuntos que eram considerados de interesse das poucas mulheres que liam o periódico. O principal tema a aparecer no jornal era moda, beleza e vida doméstica, o que corrobora com o pensamento e entendimento social do período de publicação. Há textos que se pode relacionar com o feminismo ou com o antifeminismo, mas são minoria.

É importante ressaltar que as poucas mulheres presentes na *Folha de Londrina* não estavam restritas especificamente ao caderno feminino. A renomada professora Linda Bulik, docente aposentada da Universidade Estadual de Londrina, trabalhou na redação do jornal entre 1969 e 1979 onde atuou como redatora, editora de arte, crítica de teatro e sendo criadora do caderno cultural semanal do periódico, além de cobrir política internacional¹³. Ao pesquisar informações sobre o vínculo da pesquisadora Bulik com o periódico foi observada a palavra “celetista” no que diz respeito ao vínculo de trabalho da jornalista com o local de trabalho. Para Antônio José Calhau de Resende:

[...] o regime celetista, [...] contém um conjunto de direitos, deveres e obrigações dos empregados e empregadores, os quais devem ser respeitados por ocasião da formalização do contrato de trabalho, foi concebido inicialmente para regular as relações de emprego entre particulares. (Resende, 2019, p. 179)

Tal fato corrobora a afirmação de Rocha e Woitowicz (2019), sobre a condição trabalhista ser importante não apenas para a empregada, aqui as jornalistas, assim

¹³ Informações encontradas no currículo Lattes da professora e no portal do aposentado da Universidade Estadual de Londrina.

como para o não esquecimento e dados para futuras pesquisas sobre o papel que essas jornalistas desempenharam dentro do que se considera mídia tradicional. A relação trabalhista das jornalistas da *Folha de Londrina* acaba por contribuir com a possibilidade de se fazer uma pesquisa e talvez até o não esquecimento da importância das jornalistas para a cidade de Londrina.

Outra importante jornalista da *Folha de Londrina* que não estava relacionada ao caderno feminino foi Joana Lopes, a criadora do *Brasil Mulher* trabalhou no jornal em Londrina entre os anos de 1975 e 1977. Segundo Debértolis (2002) a então ex-professora da Universidade Estadual de Londrina trabalhou no início na coluna de horóscopo para passar despercebido da repressão, que causou a demissão da professora da universidade¹⁴ e após um tempo passou a cobrir o caderno de Arte e Comunicação, além de desafiar a censura às vezes ao noticiar acontecimentos da ditadura como a Operação Marumbi¹⁵.

Apesar da *Folha de Londrina* sempre buscar a modernidade, foi mais um periódico relevante da imprensa a defender o golpe, como já falado anteriormente a posição de apoio de jornais tradicionais têm uma relação extremamente econômica com a ditadura civil-militar brasileira. Segundo Geofrei Rodrigo dos Santos Dias:

Nas páginas do principal jornal de Londrina, pode-se observar o apoio dado pelo veículo às manifestações realizadas em prol dos golpistas de 31 de março. Os editoriais do jornal nos dias subsequentes à denominada “revolução democrática” demonstram o apoio incondicional do veículo às ações e manifestações que ocorriam em Londrina e, também, em todo o país. Sendo assim, no dia 2 de abril de 1964 a *Folha de Londrina* publicava em seu editorial sob o título “Brasil desperta em ação”. (Dias, 2008, p. 23)

No contexto de defesa do golpe por jornais tradicionais, a proximidade com o Estado de São Paulo e a ebulição cultural da cidade de Londrina, o resultado em todo o Paraná foi o surgimento de diversos periódicos voltados à política e a defesa da democracia brasileira (em Londrina os principais foram *Brasil Mulher* e *Poeira*.)

A *Folha*, apesar de noticiar favoravelmente o golpe de 1964, não escapou da censura, Walmor Macarini, então chefe de redação do periódico, disse em entrevista ao historiador Geofrei Rodrigo dos Santos Dias (2008) que a censura se intensificou

¹⁴ A Universidade Estadual de Londrina (UEL) contou com uma AESI (Assessoria Especial de Segurança e Informações) atuante dentro do campus, nas universidades as AESIs não exerciam violência, mas eram atuantes nos campos da censura e monitoramento causando até demissões. Outros órgãos estaduais também tiveram AESIs e a atuação não necessariamente era igual as das universidades.

¹⁵ Operação Marumbi, setembro de 1975, foi a operação mais violenta no Paraná. Cerca de 100 pessoas foram presas e torturadas, além de enfrentarem inquéritos.

após o mandato de Castelo Branco, que também censurava, mas de forma mais branda.

Depois do Castelo começou haver uma pressão muito pesada sobre a imprensa. Antes dele, também havia censura, mas posteriormente a pressão aumentou bastante. Foi o período em que houve muitas prisões de jornalistas, aquele suposto suicídio do Herzog e prisões, prisões e prisões, muitas prisões com torturas e pessoas que desaparecem e nunca mais apareceram. Eles mataram, torturaram e tudo mais. Esse foi o lado negro, sombrio da revolução, porque eles poderiam ter feito uma revolução limpa. Podiam fazer uma revolução de domínio sem precisarem ser violentos. Os militares mesmo, os chamados chefes, os generais e os marechais, esses não eram os que nós tínhamos medo. Tínhamos medo do pequeno, do carcereiro. (Dias, 2008, p. 55)

Linda Bulik que cobria política internacional para o periódico também falou sobre a censura em entrevista a Dias (2008), segundo Bulik a censura chegava às vezes antes da informação, a ex-professora reforça que nem mesmo as notícias internacionais escapavam a censura, como o golpe militar sofrido por Allende no Chile em 1973. Bulik ressalta que inclusive foi prejudicada pela censura em outros trabalhos, como em montagens de peças de teatro.

Embora, de forma tímida, as mulheres estivessem presentes na redação em Londrina, essas mesmas jornalistas não ficavam restritas a assuntos voltados ao caderno feminino. Dentro de certo limite elas tinham liberdade para abordar diversos assuntos que interessavam ao público geral e feminino, como Lopes publicando sobre a Operação Marumbi. Diferente dos jornais independentes, a liberdade de assuntos e temas para publicação não eram totalmente irrestritas, reforçando que a liberdade não era total.

Ao nos voltarmos ao suplemento feminino fica claro o direcionamento a moda, beleza e pouco espaço a assuntos como política e direitos da mulher, embora não ausentes. Existe uma grande discrepância entre o jornal *Brasil Mulher*, inicialmente produzido em Londrina, e a *Folha de Londrina*, jornal tradicional da cidade. Ainda que as jornalistas tivessem certa liberdade o que interessava ao público era totalmente diferente de um público leitor do *Brasil Mulher*, consequentemente a possibilidade de diversidade de temas era negada não apenas pela sociedade e censura, além de possíveis prejuízos ao jornal (prisões, recolhimento de exemplares e censura). Regina Célia Daefiol aborda o assunto:

No Brasil, a ditadura militar utilizou amplamente a censura como meio de controle social para a restrição da liberdade de expressão e do acesso à informação. A imprensa esteve entre os alvos da censura desde os primeiros

anos do regime, porém, de maneira seletiva. Jornais mais combativos foram atacados, invadidos ou destruídos [...].

[...] Na imprensa, os efeitos perversos da censura foram muito além do que se via ou se deixava de ver nas páginas dos jornais. Nas Redações nasceu e prosperou uma cultura de autocensura como ação preventiva. Essa cultura foi ainda mais presente no cotidiano do jornalismo a partir da instituição da censura prévia, para prevenir o corte de material a ser publicado e até mesmo por temor do “empastelamento” [...] (Daefiol, 2024, p.188-190).

É evidente a diferença das possibilidades de abordagem a temas sensíveis que os jornais independentes conseguiam ter, entretanto, de um modo geral, a censura fez parte da realidade de todos os jornalistas. Aliado aos problemas perpetrados pelo estado como a censura, temos aqui possíveis problemas como o machismo e a violência de gênero para com essas jornalistas em quaisquer redações de jornal que tivesse muitas pessoas.

Tendo todo esse contexto sociocultural em mente é que se optou por escolher a Folha Feminina do jornal *Folha de Londrina* para analisar as publicações e discussões encontradas no caderno. Serão analisados 32 excertos do suplemento feminino da *Folha de Londrina*.

No decorrer da pesquisa percebeu-se uma relação entre as jornalistas da *Folha* com a criação e colaboração do *Brasil Mulher* o que acabou chamando atenção pela notável diferença na abordagem de tópicos de interesse do público leitor feminino dos anos 1970, além obviamente dos polos opostos na política brasileira.

A presença de jornalistas que buscavam publicar matérias do interesse das mulheres mais progressistas e o alinhamento oficial do jornal conflitantes servem para dimensionar que pessoas favoráveis e contrárias ao regime conviviam e coexistam nos mesmos espaços e muitas vezes trabalhavam na mesma redação de jornal.

A análise dos cadernos publicados entre os anos de 1970 e 1975 se deu de forma online e presencial, e contou com ajuda do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH) da Universidade Estadual de Londrina. A metodologia de pesquisa foi de caráter qualitativo em que buscava-se analisar textos que se sobrepusessem aos outros por tratar de assuntos do interesse da vida da mulher como feminismo, política, beleza e vida doméstica.

Para isso, analisou-se publicações que apresentassem cunho mais progressista e outros que apresentassem cunho mais conservador, é importante ressaltar que publicações fora do caderno feminino ou escritas por jornalistas

mulheres não foram consideradas.

3.1. *FOLHA DE LONDRINA*: DA CRIAÇÃO AOS DIAS ATUAIS

O jornal *Folha de Londrina* foi fundado em 13 de novembro de 1948 por João Milanez e um sócio jornalista chamado Correia Neto. Criado para ser um jornal para diversos tipos de pessoas, apesar de ser municipal, cresceu rapidamente e sempre buscou a vanguarda da produção na imprensa. É difícil falar sobre o jornal¹⁶ sem contar a história da cidade de Londrina, fundada em 1934, sendo apenas 14 anos mais velha do que o periódico.

Uma das grandes preocupações do fundador era justamente atingir todos os públicos em uma Londrina em ebulição em consequência da grande produção de café. É até difícil falar de *Folha de Londrina* e Londrina sem falar da produção cafeeira, por algumas décadas o café foi o maior responsável pelo crescimento econômico da região e consequentemente a relevância do jornal, de certa forma, está atrelada à cidade de Londrina em uma época que era reconhecida internacionalmente como “a capital mundial do café”.

Inicialmente a *Folha* tinha edições semanais, ao atingir o público desejado o periódico tornou-se então diário em 1952, mas a busca pelo aumento de leitores foi uma constante no decorrer da história do jornal. Uma das decisões que mostram a relevância da *Folha de Londrina* logo no início do empreendimento foi a decisão de passar a trazer notícias internacionais para os leitores de um jornal municipal do interior do Paraná ainda em 1952 e a compra de maquinário que possibilitasse uma tiragem adequada ao tamanho do público leitor.

No final da década de 1950 e início da década de 1960 há a criação das faculdades de Direito, Filosofia, Odontologia, Medicina e Ciências Econômicas de Londrina que em 1970 culminaram na criação da Universidade Estadual de Londrina. Ainda na década de 1960 surgem os primeiros conjuntos habitacionais, há também um aumento de habitantes na cidade, a criação do terminal de ônibus. O crescimento da cidade por um período foi extremamente atrelado à cultura do café, quando em 1975 uma geada negra queimou todas as plantações de café do Paraná e

¹⁶ Informações coletadas na matéria publicada no dia seis de abril de 2019 da autora Patrícia Maria Alves.

consequentemente causou um grande problema econômico pois grande parte da economia do estado vinha da cultura cafeeira. Tal evento causou uma industrialização acelerada na cidade, assim como o processo de êxodo rural intensificado.

Apesar dos problemas econômicos enfrentados pela cidade e a perda do posto de um dos maiores produtores de café do mundo, o jornal de alguma forma conseguiu se manter importante e relevante na região. A *Folha* sempre buscou se manter atualizado em relação às tecnologias disponíveis e sempre tentou se manter relevante em Londrina e no Paraná. A busca pela relevância na vida do londrinense e dos paranaenses teve efeito e o jornal continuou relevante em um momento complicado para a cidade.

No contexto da ditadura militar Londrina se tornou um polo cultural e refúgio para algumas pessoas que queriam sair de São Paulo, muito por causa da repressão. Era questão de tempo para que as ideias de inovação do dono do periódico abraçassem algum nível de modernidade cultural e começasse a contratar jornalistas mulheres, e mais uma vez a ebulição cultural acaba por aliar-se ao contexto sociocultural brasileiro. Se nos atentarmos a outros jornais a participação feminina em Londrina é tardia, segundo Teixeira (2018) Leonor Catellano publicava textos com conteúdo que se relacionava ao feminismo na *Gazeta do Povo* (Curitiba) já na década de 1920, em Londrina, temos a entrada das mulheres na redação quase na década de 1970 e sem necessariamente abordar assuntos relacionados ao feminismo.

A *Folha* perdura há mais de 70 anos, está presente digitalmente e ainda tem jornal impresso circulando para assinantes. O Grupo Folha é responsável pelo portal de notícias *Bonde*, a gráfica Grafipress, a *Folha Classificados*, uma empresa de tecnologia e multimídia chamada MultiTV, o Clube do *Assinante Folha* que oferece benefícios aos assinantes do jornal e o programa *Folha Cidadania*, um programa de incentivo à leitura, além da própria *Folha de Londrina*. É possível encontrar o periódico nas redes sociais e possui um convênio com a Universidade Estadual de Londrina e Universidade Tecnologia Federal do Paraná de acesso a todo o conteúdo digital do jornal.

3.2. AS MULHERES DA *FOLHA DE LONDRINA*

De acordo com matérias da própria *Folha de Londrina*, o periódico por muito

tempo não teve mulheres na redação, o que de certa forma condizia com os costumes da sociedade na época. Em 1998 uma matéria intitulada “A primeira saía da redação” de Jota Oliveira nos é apresentado o ambiente da redação para as primeiras jornalistas que fizeram parte do periódico londrinense. As três primeiras jornalistas Christiani Lourenço, Linda Bulik e Rose Arruda (a matéria não cita as jornalistas Joana Lopes e Teresa Urban), foram contratadas entre 1969 e 1973 e enfrentaram uma redação que segundo Jota Oliveira costumava pensar que “lugar de mulher é na cozinha ou pedalando máquina de costura”. Segundo o mesmo texto o então jornalista Luís Cláudio Cunha era um dos presentes na redação que incentivava as mulheres a continuar na área e as defendia de possíveis “brincadeiras” desagradáveis, Rose Arruda também cita “assédios e desaforos que teve que responder” ao trabalhar como jornalista na década de 1970.

A primeira mulher a adentrar o universo até então masculino do jornalismo foi Christiani Helena¹⁷, algumas vezes chamada de Christiani Helena Lourenço ou Christiani Helena de Moraes, em matérias de colegas do mesmo jornal. A jornalista foi a primeira mulher a assumir a Folha Feminina do periódico, segundo um levantamento feito, Christiani entrou na Folha em 1969 aos 19 anos. A jornalista trabalhou tanto na Folha Feminina quanto na coluna intitulada “Ronda pela Cidade”. A escritora saiu do jornal em 1973 com o marido para estudar e trabalhar nos Estados Unidos, ao voltar ao Brasil se formou em direito e foi a primeira mulher do estado a ter um cargo na OAB Paraná.

A jornalista foi uma das responsáveis pelo caderno feminino e assinou matérias importantes como a ausência da leitura das mulheres modernas (termo utilizado pela autora) em assuntos como política internacional e regional. Lourenço faz uma crítica pontual as mulheres que segundo ela nem ao menos sabiam que em breve teria uma eleição para prefeito e vereadores e culpabilizavam a falta de tempo. Sem advogar pelo feminismo, que é assunto de que parte a escritora, ela defende a libertação da mulher de uma maneira a não ser considerada perigosa.

Não se sabe a abertamente o alinhamento da jornalista, se era a favor ou contra o feminismo, o fato a ser observado aqui é a defesa de um tema que se assemelha ao que o feminismo defendia, de forma polida, mas ainda assim defesa da participação na política. Christiani Helena ao se tornar a primeira jornalista da *Folha de Londrina*

¹⁷ A informação foi retirada de uma matéria do jornalista Pedro Moraes de março de 2020, uma reportagem especial.

abriu caminho a muitas outras mulheres que também se tornariam jornalistas naquele mesmo jornal.

A segunda mulher a ser responsável pelo caderno feminino foi Rose Arruda, que trabalhou no periódico de 1973 a 1985. Diferente das outras três mulheres citadas na pesquisa, Rose Arruda é a primeira mulher negra a trabalhar no periódico, que se tem informações. A jornalista é quem fica por mais tempo responsável pelo caderno feminino dentro do recorte da pesquisa, mas em entrevista à *Folha de Londrina*¹⁸ a jornalista conta que seu trabalho não ficou restrita apenas a Folha Feminina, no decorrer do tempo passou a trabalhar na redação e chegou até a ser chefe de reportagem.

Com a assinatura de Rose Arruda temos textos de extrema importância para as mulheres como sobre a matéria da visita das pensadoras do Women's lib (Women's liberation movement, em português Movimento de libertação das mulheres). A matéria não emitia juízo de valor sobre o que Kate Millett, Gloria Steinem e Betty Friedan buscavam difundir, entretanto, era uma forma de difundir as ideias feministas em uma Londrina culturalmente rica, mas socialmente retrógrada.

Ainda na entrevista já citada, Rose Arruda afirma que os rótulos da época para jornalistas eram de comunistas e feministas. Ao falar sobre o rótulo que ganhou de feminista a jornalista afirma que o simples fato de não aceitar bem um “elogio” em um ambiente de trabalho e seriedade era o suficiente para que fosse incluída no movimento. Outro relevante fato que é abordado na entrevista de Arruda é que quando ela trabalhava no periódico a censura já havia abrandado, possibilitando um maior leque de oportunidades para as matérias.

É notável a relação entre a autoria feminina na literatura e a autoria feminina nos jornais, na *Folha de Londrina* temos alguns exemplos. É possível observar mulheres que além de exercerem os cargos de jornalista, cronista, chefe de redação etc. possuem relevância no círculo literário da cidade e até do país como autoras publicadas. Com estilos variados e um alto número de publicações Teresa Urban, Karen Debérolis e Célia Musilli se consolidaram como vozes importantes da literatura nacional.

Teresa Urban, curitibana referência no jornalismo ambiental e militância

¹⁸ Entrevista disponível no canal da Folha de Londrina no YouTube intitulada 'Era um período de uma Londrina efervescente'

durante a ditadura militar brasileira foi chefe de redação da *Folha de Londrina*¹⁹, publicou mais de 20 livros de variados temas como jornalismo, história, ambientalismo, memória e ficção dos quais se destacam *1968 Ditadura abaixo* de 2008 e *Dez fitas e um tornado* de 2013.

Em *1968 Ditadura abaixo* (2008) Urban mescla memória, história e reflexões sobre resistência em uma narrativa concebida para os explicar os acontecimentos e desdobramentos da ditadura para os netos. A narrativa é em formato de HQ com ilustrações de Guilherme Caldas e recebeu da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) o selo de “altamente recomendado” para crianças e adolescentes.

O romance ficcional *Dez fitas e um tornado* (2013) conta a história de um ex-soldado chamado José Suçuarana que grava fitas para uma ex-militante da ditadura militar que foi salva de certa forma por causa de uma ligação do então soldado. No romance de Urban é perceptível como a autora busca mostrar como as consequências da ditadura se arrastam até os dias de hoje na sociedade brasileira, assim, a ativista faz uma ligação entre história e memória.

A escritora e jornalista londrinense Karen Debértolis trabalhou na *Folha de Londrina* em 1995 e é autora dos livros *Calidoscópio* (1995), *Guardados* (2003), *A estalagem das almas* (2006), *Prosa de palavras* (2012) e *Mapas Sutis* (2018). Debértolis também gravou o CD de poesia *A Mulher das Palavras* (2009) que podemos traçar paralelos com a arte performática oral, mais especificamente com o movimento *spoken word*.

Conhecida por uma marcante prosa poética que se faz presente em grande parte de suas obras, Debértolis, tem uma produção literária que se mistura com outras linguagens como a música, fotografia e performance. Em *A Estalagem das Almas* Debértolis cria uma narrativa que é envolvida com fotografias, o livro *Para Alguém Escutar no Futuro* é pensado para ser lido em voz alta e é neste livro que se pode encontrar os poemas do projeto *A Mulher das Palavras*. Além da profícua produção literária e do trabalho como jornalista, Debértolis também teve atuação acadêmica como professora de jornalismo.

A escritora Célia Musilli é outro importante nome da autoria feminina

¹⁹ Não foi possível especificar em qual ano a jornalista e escritora esteve como chefe de redação da *Folha de Londrina*, a afirmação sobre o cargo ocupado por Teresa Urban foi possível apenas por causa da matéria “As jornalistas: elas vieram, viram, vencerão e contam suas histórias” de 2020 do jornalista Pedro Moraes para a *Folha de Londrina*. Além da matéria especial para o dia da mulher não foi possível encontrar em nenhuma outra matéria da *Folha de Londrina* nenhuma citação a Teresa Urban.

paranaense. Cronista e editora de cultura na *Folha de Londrina* há mais de 20 anos a autora desempenha um papel importante no jornal com a cobertura dos acontecimentos da área cultural da cidade de Londrina. Integrante de Academia de Letras de Londrina, a poeta londrinense publicou *Londrina Puxa o Fio da Memória* (2004), *Sensível Desafio* (2006), *Todas as Mulheres em Mim* (2010), *A Cidade na Retina* (2024), além de integrar a antologia *101 Poetas Paranaenses* (2014).

Todas as jornalistas citadas na pesquisa de alguma forma exerceram sua influência na sociedade de maneira a formar a opinião de suas leitoras e leitores. É imprescindível pensar na influência que os jornais exerciam na sociedade em períodos em que o acesso à informação era mais lento, sendo assim, as primeiras jornalistas não apenas foram de extrema importância para a aceitação da mulher no mercado de trabalho, mas principalmente na divulgação de ideias.

Christiane Helena após sair da redação e passar por outros trabalhos terminou o curso de Direito e se tornou a primeira mulher a conquistar um cargo na OAB Paraná. Linda Bulik se tornou professora universitária e tem vasta publicação na área em que pesquisava além da longa carreira de professora e pesquisadora. Rose Arruda, uma das primeiras jornalistas da *Folha de Londrina*, ocupou diversos cargos relacionados à reportagem e deixou o jornal em 1985 para trabalhar com o governador José Richa. Joana Lopes, talvez a jornalista mais conhecida do meio acadêmico, também foi professora universitária e foi a fundadora de um dos mais importantes jornais feministas do Brasil. Teresa Urban foi pioneira no jornalismo ambiental, escreveu diversos livros e foi jornalista em alguns dos jornais mais importantes do Brasil.

3.3. O QUE DIZEM AS MULHERES DA FOLHA FEMININA

O que se espera de um caderno ou revista feminino? Após investigar como se formou a imprensa feminista ficou claro que os assuntos escritos e lidos por mulheres não se limitam especificamente ao belo sexo ou a uma educação cultural para jovens cultas e esposas agradáveis. Segundo Dulcília Schroeder Buitoni no livro *Mulher de Papel* (2009) com a popularização das revistas femininas como *Vogue* e *Casa Claudia* os jornais que não estavam preocupados com os cadernos femininos começam a perder espaço,

Jornais contemporâneos e independentes como o *Brasil Mulher* abordava todo

tipo de assunto que pudesse interessar qualquer pessoa, era possível encontrar reportagens sobre métodos contraceptivos, os problemas enfrentados pela ditadura que assolava o país, aborto e liberdade sexual. Além de colocar em foco mulheres não brancas e que faziam parte de classes sociais inferiores às da classe média.

Não era possível às jornalistas da *Folha de Londrina* a liberdade total de imprensa, não é possível saber se o periódico não permitia que as jornalistas falassem sobre tudo ou se elas sabiam das limitações que a imprensa não independente enfrentava no período do recorte da pesquisa. Não foram encontradas matérias que falem diretamente sobre a ditadura, sobre sexo e aborto, a maior parte das matérias abordavam moda, juventude e dicas de beleza. A vida da mulher no mundo patriarcal também tem forte impacto nas publicações do caderno, a importância da maternidade na boa criação dos filhos, dicas de como ser uma boa dona de casa com receitas e dicas de decoração aparecem com certa relevância. Por fim é possível perceber a possibilidade de feminismo que aquelas mulheres tinham à disposição, obviamente existem matérias de caráter antifeminista, entretanto surpreendentemente é possível encontrar matérias em que as jornalistas falam sobre assuntos claramente feministas.

3.4 O MITO DA BELEZA

A beleza feminina sempre esteve em destaque, desde a Antiguidade com a Vênus de Milo como representante do ideal de beleza feminino da Grécia Antiga, bem diferente da Vênus de Willendorf que representa uma mulher ideal para um período em que sinais de fertilidade eram importantes. Na Idade Média é perceptível que na maior parte dos retratos as mulheres eram representadas mais curvilíneas pois este era o padrão de beleza da mulher, outra característica evidente era a palidez. Com a revolução industrial e o advento da burguesia o ideal de beleza feminino não fica restrito apenas a aristocracia e acaba por ser acessível a mais uma parcela da sociedade, a moda passa a ditar como o corpo feminino deve ser e a magreza se torna um dos maiores ideais de beleza.

Os padrões de beleza sempre estiveram presentes na vida das mulheres, independente da cultura, país ou época. Daiane Lopes da Silva e Joani Almeida dos Santos Nogueira discorrem como as revistas femininas tiveram uma grande importância no estilo de vida das mulheres e passaram a ditar moda, no Brasil não foi diferente, as revistas/jornais femininos se tornaram um espaço para compartilhar

cultura e incentivar o consumo de moda:

O século passado foi um período de grandes transformações: as extravagâncias, na famosa década de 1920; a escassez, devido às Guerras Mundiais; as Revoluções da Industrialização, nos chamados Anos Dourados. Além disso, caracterizou-se pelas grandes lutas por igualdade, em que a mulher busca seu espaço na sociedade. De maneira geral, o que ocorria nas grandes potências mundiais refletia socialmente. Isso não foi diferente no Brasil, que sofreu grandes influências da moda europeia e americana. Inicialmente, por meio dos grandes estilistas franceses; depois, pelo cinema hollywoodiano, rádio, TV, e também pela imprensa feminina [...]. (Silva e Nogueira, 2021, p.152-153)

Silva e Nogueira (2021) afirmam ainda que a vida das mulheres teve como base os conceitos de beleza, moda e corpo além de culturalmente ter o comportamento ideal moldado por sociedades conservadoras. Há ainda uma relação direta entre mudanças culturais e o que era publicado em tais jornais e revistas, grande parte buscava ressaltar o ideal de vida conservador. Além de formar os conceitos de beleza os jornais passavam a disseminar o que era considerado o comportamento correto para mulheres e meninas.

Com o passar do tempo, as lutas feministas e a aquisição de direito das mulheres a subordinação se tornou menor e o controle do corpo se tornou mais difícil, mas ainda presente, com isso as imposições culturais do que é belo toma um novo espaço na vida das mulheres.

Como o movimento das mulheres conseguira desfazer a maioria das outras ficções necessárias da feminilidade, a função de controle social, que antes se distribuíra por toda a trama dessas lendas, precisou ser realocada para o único fio que permanecia intacto, o que reforçou imensamente. Voltaram a ser impostos ao corpo e ao rosto das mulheres liberadas todas as limitações, os tabus e as penas das leis repressoras, das injunções religiosas e da escravidão reprodutiva que já não exerciam influência suficiente. A ocupação com a beleza, trabalho inesgotável, porém efêmero, assumiu o lugar das tarefas domésticas, também inesgotáveis e efêmeras. Como a economia, a lei, a religião, os costumes sexuais, a educação e a cultura foram forçados a abrir um espaço mais justo para as mulheres, uma realidade de natureza pessoal veio colonizar a consciência feminina. Recorrendo a conceitos de “beleza”, ela construiu um mundo feminino alternativo, com as próprias leis, economia, religião, sexualidade, educação e cultura, sendo cada um desses elementos tão repressor quanto os de qualquer época passada. (Woolf, 2024, p. 34)

A beleza ideal, muitas vezes inalcançável, dificulta a vida das mulheres e pode excluir permanentemente algumas que fogem do padrão do que é belo e que não se pode alterar, como por exemplo a cor. O racismo também se estrutura no campo da beleza, pessoas de pele negra ainda hoje encontram dificuldades para encontrar tons de maquiagem, cremes específicos para os cabelos crespos ainda não populares em

diversos países, além dos casos de racismo explícito. Segundo Denise Bernuzzi de Sant'Anna em *História da Beleza no Brasil* (2014), até meados da década de 1930 utilizar cosméticos para o branqueamento da pele ainda era algo positivo de se aconselhar, inclusive no mercado dos cosméticos algumas marcas prometiam tal efeito a partir de cremes para a pele e tratamento de espinhas. A pesquisadora afirma ainda que no mercado da beleza brasileiro é apenas a partir da década de 1980 que passa a se pensar em linhas de cosméticos voltadas às especificidades da pele negra e do cabelo afro.

O padrão de beleza não afeta fortemente apenas mulheres negras, a magreza padrão não é alcançada por muitas mulheres que passam a sacrificar a própria saúde em virtude de um corpo perfeito. O culto à juventude faz com que mulheres sejam descartadas e invisibilizadas muito rapidamente na sociedade. Todas as mulheres podem sofrer com um ideal de beleza da sociedade ocidental, algumas em maior grau e em outras em menor.

O apogeu da vida, dos 40 aos 60 anos – quando muitos homens e, sem dúvida, a maioria das mulheres, estão no auge de seu vigor –, é considerado o ápice da vida masculina e o declínio da feminina (uma ironia especialmente incisiva já que esses anos representam o ápice sexual da mulher e o declínio sexual do homem). Essa duplicidade de padrão não se baseia em diferenças de saúde entre homens e mulheres de meia-idade, mas na desigualdade artificial do mito da beleza. (Woolf, 2024, p. 333)

A imposição da beleza e da juventude não interfere apenas na vida pessoal, romântica e sexual da mulher, ser jovem e bela se torna importante economicamente quando o casamento por interesse na aparência da mulher se torna comum na sociedade e mais relevante ainda quando a vida profissional de uma mulher depende diretamente da idade e aparência dela. Naomi Woolf cita no livro *O Mito da Beleza* (2024) o conceito QBP, que seria a qualificação da beleza profissional, esse conceito está diretamente ligado a profissões em que a beleza feminina se torna ou o motivo da sua contratação ou o motivo da demissão dessa mulher. Apenas profissões que exclusivamente dependiam da aparência da profissional (modelagem, dançarina etc.) levavam em consideração a beleza como qualificador para o emprego, deram espaço a todo tipo de profissão que não tem relação com aparência levando em consideração beleza a juventude como qualificadores, ou seja, não importa a carreira, a mulher passa a ser avaliada pela aparência e idade.

Como esperado de um caderno feminino tendências de moda (Figura 20), dicas de beleza e de juventude estão presentes nas publicações da Folha Feminina e é

explícito que é o assunto mais abordado pelas jornalistas, cabe ressaltar ainda que há muitas propagandas pensadas exclusivamente para o caderno.

Excerto 20 – Matéria sobre tendências de moda



Legenda: recorte da página 4, 10 de maio de 1970.

Fonte: Pergamum (2024)

Em uma matéria de moda de 1970, com o tema de tendência de moda da Europa, é possível inferir que a referência para a brasileira ainda é países como França e Itália, além de indicar como deve ser usada além de qual faixa etária. Faz referência ainda aos bons tecidos utilizados pela *designer* de moda Lea Livoli e reforça a imagem de uma tendência de moda que privilegia mulheres bem magras “cinturas muito fina e sublinhada por uma faixa”. Aqui temos um estilo que privilegia as mulheres jovens e magras, é importante ressaltar que segundo a autora o valor da roupa incide na união da elegância com algumas características do estilo cigano “O valor deste modelo é aquele de ser uma espécie de *chamisier* mas mantendo um tom elegante e de ser aceitável por algumas características originais.”, além de ser uma tendência que inicialmente surpreendeu algumas pessoas por causa das “excentricidades”, reforçando preconceitos existentes com a população Romani.

Nino Cerruti foi um estilista italiano, de extrema relevância para a moda, foi mentor de Armani e vestia estrelas de Hollywood. Mais uma vez é perceptível o foco na moda italiana e a popularização de uma tendência, chama atenção o espaço dado a uma moda unissex (Figura 21), hoje chamada de *genderless*, mesmo que reitere que a tendência é que homens voltem ao estilo mais tradicional e mulher ao estilo

mais feminino na coleção de Cerruti.

É possível ainda encontrar dicas de moda com ilustrações e exemplos de marcas como Dior, Yves Saint Laurent, Givenchy entre outras marcas de alta costura famosas mundialmente. Há ainda algumas reportagens relacionadas a moda que falam sobre cursos de costura, a profissão de figurinista como algo novo, entrevista com costureiros importantes para a cidade de Londrina como Osman Saucedo que se tornou conhecido por vestir muitas noivas. Dicas de moda para noivas tem um certo destaque no caderno feminino, reportagens que inclusive falam dos variados estilos de véus a depender do clima.

Excerto 21 – Matéria sobre moda unissex



Legenda: recorte da página 27, 18 de abril de 1971.

Fonte: Pergamum (2024)

A moda englobava outros importantes aspectos da vida das mulheres: a

maternidade (Figura 22) e a vida conjugal (Figura 23). Observando a matéria sobre moda para crianças é possível perceber que além de dicas de tecidos adequados ao clima é interessante ver que há a possibilidade de moda unissex. O mesmo ocorre com a moda masculina, que provavelmente também era de interesse das mulheres, o artigo fala sobre um bordado que era tendência na Europa, mais uma vez como fonte de inspiração para a moda brasileira, que provavelmente seria algo em alta por apenas uma temporada. É interessante pensar que mesmo que o caderno seja voltado a mulheres, o casamento e a maternidade ainda estão presentes, como já falado anteriormente provavelmente era do interesse das leitoras que as jornalistas abordassem tais assuntos, no entanto, vemos mais uma vez o espaço da mulher ser invadido pelo outro.

Excerto 22 – Moda infantil



Legenda: recorte da página 7, 17 de junho de 1976.

Fonte: Pergamum (2024)

Excerto 23 – Moda masculina



Legenda: recorte da página 2, 2 de julho de 1972.

Fonte: Pergamum (2024)

A moda é um produto que o público-alvo precisa se adequar a ele (Figura 24), “em 1970, a mulher deve mudar o todo, fisicamente, justamente em homenagem ao novo curso de estilo de vestuário”. A necessidade da maquiagem correta, o estilo de cabelo correto e o tamanho de cabeça correto dificulta a acessibilidade da tendência para uma parcela das mulheres, é também possível inferir a mudança total do estilo da mulher, quase uma nova personalidade com base na tendência para 1970. Há uma relação direta entre moda e consumo que se torna um grande problema com o passar do tempo, a necessidade de mudança total do estilo para que seja possível seguir tendência levou ao que conhecemos hoje como *fast fashion*, as mudanças de estilo ultrarrápidas precisam de uma produção ágil, venda eficiente e preço acessível tem como consequência um descarte de itens como roupas e acessórios que podem causar problemas socioambientais, utilização de mão de obra barata, poluição de água etc.

Cabe destacar a seguinte afirmação “a cabeça pequena é uma das

características desta nova imagem feminina nova que a moda dos esteticistas europeus aconselha.” Mais uma vez se observa a influência que a Europa tinha em relação a moda no Brasil, ditando o que é belo, o que pode se tornar um grande problema se nos atentarmos a diversidade do Brasil em relação a Itália ou França. Se analisarmos a afirmação subjetivamente como a cabeça da mulher deve ter uma maquiagem clara e o cabelo ter pouco volume esbarramos ainda na variedade de cabelos que se tem no Brasil, o cabelo ondulado, cacheado e crespo pode apresentar grande volume, de forma que não se pode fazer parte da tendência para a década da publicação do jornal. Fez-se necessário fazer uma transcrição do texto em consequência da baixa qualidade contida na imagem (Apêndice B)

Excerto 24 – Matéria sobre a nova tendência para 1970



O rosto de uma mulher, a cabeça inteira deve ser hoje muito importante para se dar a medida justa daquele que é a moda dos próximos meses, mas também de agora.
A mulher muda de aspecto sempre conforme a moda, no sentido que muda a maquiagem e o penteado, quando a moda muda, quando muda a linha dos vestidos. Então, em 1970, a mulher deve mudar de tudo, fisicamente, justamente em homenagem ao novo curso do estilo de vestuário.
Sua cabeça deve ser pequena, seus cabelos devem ser mais simples, estes devem ser, mesmo se longos, penteados de modo natural e não mais saltos sobre os ombros, devem ter a cor originária ou mesmo, ao máximo, podem ter leves reflexos.
Penteados mais elaborados, com as ondas feitas "com o ferro" como se usava nos anos 30, ou mesmo os cabelos devem ser recolhidos na nuca e um chignon baixo.
Mesmo a maquiagem deve ser diferente, uma maquiagem simples, feita com fundo de cor rose e apenas bege e, ao invés, os olhos são muito maquiados. Os olhos são o elemento do rosto feminino que mesmo este ano devem ser valorizados.
A maquiagem dos olhos deve ser perfeita; mesmo que não está mais em moda o risco negro de máscara, as pálpebras são pintadas sapientemente de sombras das mais variadas cores, sempre de acordo com as cores dos vestidos.
Os olhos e os cílios devem sempre ser colocados em realce; os olhos devem ser alongados mas não mais alongados como se usava antigamente. A sombra deve ser bem espalhada.
Todo o resto tem hoje pouca importância; as mulheres são sempre mais exigentes e usam suas cabeças para serem mais atualizadas e também mais belas. A linha da figura, da beleza do corpo é importante, mas um belo rosto, cuidado e com um penteado atualizado é o que de melhor existe para tornar atraente uma mulher, qualquer que seja a idade que esta tenha.
A cabeça pequena é uma das características desta nova imagem feminina nova que a moda dos esteticistas europeus aconselha.

Legenda: recorte da página 25, 16 de agosto de 1970.

Fonte: Pergamum (2024)

Utilizar beleza como consequência é sinônimo de boa saúde pode ser tornar um problema, no decorrer da reportagem/publicidade (Figura 25) diversas sentenças chamam a atenção. “hoje, enfim, sabemos que a beleza começa a criar-se interiormente, que é essencialmente consequência do bom estado e do bom funcionamento dos órgãos, ou seja, da saúde, que deve ser conservada através da alimentação sadia.” Sabe-se que não necessariamente a beleza depende do estado de saúde da mulher, a patologização da ausência de beleza é um dos principais argumentos do excesso de cirurgias plásticas que vemos no decorrer dos anos. Outra

frase que chama muita atenção no texto é a seguinte: “a beleza está ao alcance de todas. Comece a trabalhar, tanto mais que ser bela responde ao desejo não somente – legítimo – de agradar, mais ainda em nossos dias, a uma necessidade familiar e social.” Aqui vemos reiteração da necessidade social da beleza da mulher, segundo a autora, além de ser agradável ser bela é importante para laços sociais e familiares, reforçando a tese apresentada por Woolf em *O Mito da Beleza*. A frase mais contundente da imposição do ideal de beleza para as mulheres é a seguinte “Uma mulher deve tratar-se para oferecer ao marido, seus filhos, aos empregados e enfim a todas as pessoas que a rodeiam, a imagem mais agradável possível, para conservar seu lar ou o seu ganha-pão.” A matéria traz ao final do texto o nome de uma esteticista e informações sobre o local em que ela trabalhava.

Excerto 25 – beleza como sinônimo de saúde

BELEZA
É FUNDAMENTAL

Hoje em dia o conceito de Beleza está ligado aos cuidados de saúde e de Higiene com os quais a mulher moderna se preocupa.

Dito isto, tente tirar o máximo de sua “matéria-prima”. Se os elementos da beleza são sempre subjetivos, mais você mantém seu físico em bom estado, mais você estará aumentando as chances de permanecer jovem e graciosa.

Como conseguiu-lo? Hoje, enfim, sabemos que a beleza começa a criar-se interiormente, que é essencialmente consequência do bom estado e do bom funcionamento dos órgãos, ou seja, da saúde, que deve ser conservada através da alimentação sadia. Deve cuidar da respiração, pois ela lhe influencia a aparência, o porte do busto, a vitalidade; da digestão, também responsável pelo estado da tez pelo bom ou mau hábito da circulação, cujas perturbações provocam varizes, manchas vermelhas etc. Você sabe que a coloração ao rosto por um sangue bem oxigenado vale por todos os rugas; e que, conforme o modo de você se alimentar, sua pele tem maior ou menor frescor, seu corpo é mais ou menos firme, sua silhueta mais ou menos delgada.

A beleza está ao alcance de todas. Comece então a trabalhar, tanto mais que ser bela responde ao desejo não somente — legítimo — de agradar, mas ainda em nossos dias, a uma necessidade familiar e social. Outrora, a beleza era considerada apenas como uma arma destinada a atrair as hominagens masculinas. Uma mulher casada achava natural “relaxar-se” e o cuidado pessoal passava por futilidade, falta de modestia quando não era motivo de suspeita de mau procedimento.

Hoje a beleza já não é considerada como arma de conquista, mas como um dos aspectos da luta pela vida. Um mulher deve tratar-se para oferecer ao marido e seus filhos, aos empregados e enfim a todas as pessoas que a rodeiam, a imagem mais agradável possível, para conservar seu lar ou o seu ganha-pão. Na áspere concorrência profissional atual, “a apresentação” constitui trunfo suplementar às vezes decisivo.

Você tem a chance — bem recentemente conquistada — de viver numa época em que se admite que a beleza deve ser cuidada; em que se pode dizer: “estou fazendo tratamento da acne” ou “vou operar meu nariz” sem se arriscar a ouvir ironias ou críticas. Aproveite-a. Desejamos ajudá-la aqui, ensinando-lhe os cuidados básicos, as valorizações que você mesma pode efetuar e os recursos da técnica moderna.

NAIR SALACHE TYMINSKI - ESTETICISTA
BELAFACE - Rua Mossoró, 224 - Fone 22-4502

Legenda: recorte da página 7, 29 de julho de 1973.

Fonte: *Folha de Londrina* (1973)

Já na década de 1970 os tratamentos estéticos e cirurgias plásticas eram discutidos de forma pública, o caderno feminino era um espaço importante para a discussão e publicidade de novas técnicas. Além de falar sobre maquiagem, moda e estilos de cabelo o jornal reafirma as possibilidades de tratamento de beleza feitos por esteticistas, formas de depilação, tipos de creme para a variedade de peles, alimentação saudável para manter a silhueta, alimentação para melhorar trânsito intestinal, as consequências de insônia etc. Auxiliar as leitoras com dúvidas em relação a formas de pagamento de cirurgias plásticas (Figura 26) é uma forma de tornar possível algo que era irreal para grande parte da população, reafirmando a divisão social e de quais mulheres tinham acesso à leitura da Folha Feminina. Fez-se necessário fazer uma transcrição do texto em consequência da baixa qualidade contida na imagem (Apêndice C)

Excerto 26 – Cirurgia plástica e financiamento



Legenda: recorte da página 5, 7 de julho de 1974.

Fonte: Pergamum (2024)

Aqui é possível entender como as matérias serviam como publicidade além da fonte de informação para as leitoras (Figura 27), um novo lugar para tratamento estético em uma cidade próxima a Londrina. Dentre os tratamentos é possível entender que a maior parte faz promessas como as de eliminar gorduras, acabar com a celulite, rejuvenescer os músculos, além dos tratamentos estéticos que aliam beleza e saúde como o banho de luz ultravioleta que auxilia no tratamento de anemia e te deixar bronzeada. Todos os procedimentos eram feitos junto ao Hospital São José, em Apucarana, com supervisão de médicos.

O mito da beleza alcança um novo nível com a possibilidade de tratamentos

estéticos e cirurgias plásticas. O corpo feminino na era das cirurgias plásticas aliada ao mito da beleza se torna um corpo eternamente enfermo.

A indústria da cirurgia estética está em expansão por manipular conceitos de saúde e doença. Existe um nítido precedente histórico para que os cirurgiões estão fazendo. Como Susan Sontag ressalta em *A doença como metáfora*, “saúdável” e “doente” costumam ser julgamentos subjetivos que a sociedade faz para seus próprios fins. Há muito as mulheres vêm sendo definidas como doentes como um meio de sujeitá-las ao controle social. O que a Era da Cirurgia está fazendo as mulheres é uma reencenação patente do que a medicina do século XIX fez para adoecer mulheres saudáveis e tornar passivas as mulheres ativas. (Woolf, 2024, p. 319)

A mulher mais uma vez passa a sofrer um novo tipo de pressão social que pode determinar como essa mulher se relacionará socialmente.

Excerto 27 – Tratamento estético

Um tratamento de beleza - Sauna São José, em Apucarana

O Forno de filar é uma variação dos antigos banhos turcos. Prevê uma transpiração mais rápida, eliminando as gordurinhas apenas nos locais desejados.

REMODELADOR (HOLD) AFINELADO PARA REMODELAR O CORPO, ELIMINANDO O EXCESSO DE GORDURA, REAJUVENECE OS MÚSCULOS E ACABA COM A CELULITE.

PARA COMPLETAR O TRATAMENTO DE BELEZA, NADA MELHOR QUE UMA LIMPEZA DE PELE QUE LHE DEIXA COM ROSTO JUVENIL.

Banho de luz ultravioleta, auxilia no tratamento de espinheiras, brônquites, eczema, psoríase e anemia. Para as jovens vaidosas, um adorno artificial que ilumina em todo o corpo, dando em alguns minutos o bronzeado perfeito de várias horas na praia.

Tratamento de massagem sem ar quente, sob forma de pressão. Excelente tratamento para celulite, reumatismo, bursite, artrite, bem como outras doenças da circulação. Para a estética, possibilita a correção de irregularidades do corpo.

DETALHES GINÁSTICA FMA

Legenda: recorte da página 2, 22 de outubro de 1972

Fonte: Pergamum (2024)

A preocupação com o peso é uma constante na vida das mulheres, e mesmo que a obesidade seja um problema sério de saúde ela chama mais atenção do que outros problemas alimentares igualmente alarmantes, os transtornos alimentares como anorexia e bulimia também representam um perigo real na vida das pessoas. O texto (Figura 28), apesar de informativo apresenta frases inusitadas, “ser gordo não é

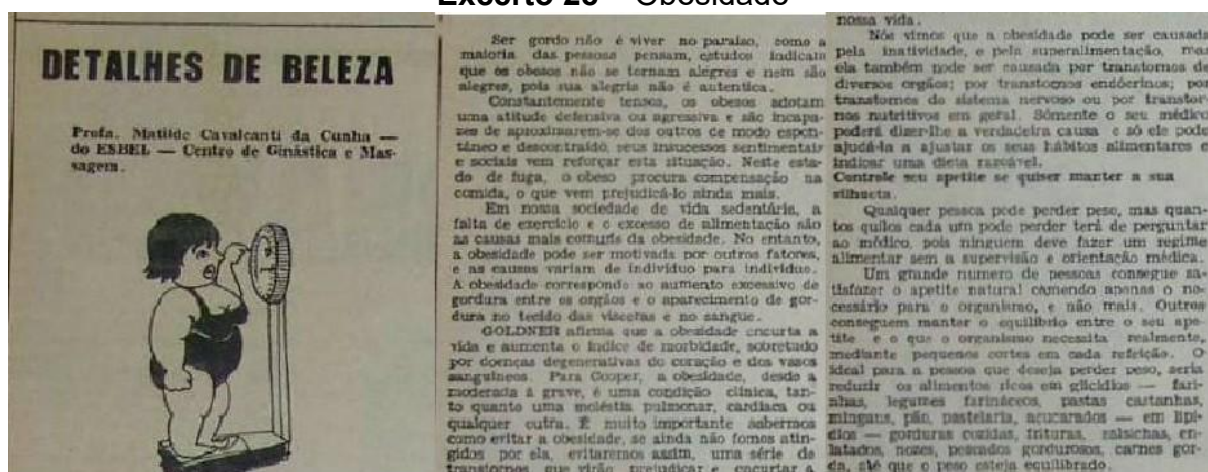
viver no paraíso, como a maioria das pessoas pensam, estudos indicam que os obesos não se tornam alegres e nem são alegres, pois sua alegria não é autêntica.”, além de não apresentar o estudo ou nome do pesquisador a frase pode ser facilmente contestada.

A grande mudança na percepção do peso deve ser compreendida como um dos maiores acontecimentos históricos do século, uma solução direta para os perigos representados pelo movimento das mulheres e por sua liberdade econômica e reprodutiva. O hábito da dieta é o mais possante sedativo político na história feminina. (Woolf, 2024, p. 273)

A vigilância excessiva do peso e o constante estado de fome para as mulheres que tentam manter a magreza quase irreal dos padrões de beleza gera sérios problemas de saúde, cabe diferenciar a magreza idealizada de um corpo saudável. Ambos os extremos de magreza e obesidade podem gerar problemas de saúde, o controle excessivo da alimentação e prática de atividade física em demasia podem ser sintomas de transtornos alimentares e não um estilo de vida saudável. Incontestavelmente nem toda pessoa que pratica exercícios e que tem uma alimentação balanceada terá transtorno alimentar.

A mulher constantemente se vê pelos olhos dos outros, a publicidade, a mídia, a beleza e a magreza como atestado de boa saúde podem causar baixa autoestima e a constante busca de alterar a própria aparência. Moda, juventude e cuidados com o corpo são capazes de reforçar inseguranças construídas em virtude de um ideal de beleza restrito a poucas pessoas, como consequência vê-se um número desnecessário de intervenções cirúrgicas em mulheres cada vez mais jovens.

Excerto 28 – Obesidade



Legenda: recorte da página 2, 2 de setembro de 1972.

Fonte: Pergamum (2024)

3.5. SER MULHER NO MUNDO PATRIARCAL

Afinal, o que é ser mulher? Para Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1967), a sociedade que ditará como a mulher performará o que se entende por feminilidade. A autora ressalta que a mulher é vista como o outro na sociedade, ou seja, a mulher é definida a partir do homem, mas como um sujeito incompleto.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (Beauvoir, 1967, p. 9)

Pensando ainda nos papéis sociais atribuídos às mulheres, o cuidado com a família e a casa deveriam assumir o foco principal da vida de uma mulher, independentemente da idade e da classe social. Refletindo objetivamente como isso se aplicaria a vida das mulheres pobres vale reforçar que o trabalho acaba sendo triplicado, além do cuidado com a casa e com os filhos, há a atuação laboral remunerada.

Com a construção histórica da divisão sexual do trabalho e a hierarquia que se consolidou na sociedade a partir disso a mulher passou a ficar mais restrita a vida doméstica e todo o cuidado que envolve manter uma casa e criar filhos. A vida matrimonial e a maternidade, muitas vezes, tomam conta da vida da mulher e ela passa a viver para cuidar do outro. Embora a mulher seja um ser completo, ela passa a existir e viver com base na biologia, exerce o papel de esposa e de mãe muitas vezes deixando de lado a própria personalidade e interesses. Segundo Simone de Beauvoir (1967) uma das maiores dificuldades para a mulher assumir uma vida mais pública, isto é trabalhar fora do ambiente doméstico, é justamente conciliar o trabalho com a maternidade. O costume de casar cedo e ter muitos filhos pode afastar a mulher da vida pública por muito tempo.

A imagem do homem provedor e da esposa cuidadora foi o ideal de relacionamento por muito tempo e rememora a luta das primeiras feministas para que a educação da mulher pudesse proporcionar pensamento crítico e analítico e para que houvesse a possibilidade de mulheres estudarem em universidades e exercerem carreiras. A educação para mulheres com a intenção de formar uma esposa dedicada e culta teve impacto até recentemente, pensando no Brasil das décadas de 1960 e

1970 poucas mulheres trabalhavam fora em decorrência do que era esperado para os papéis de gênero. Vale ressaltar, mais uma vez, que mulheres pobres sempre trabalharam fora de casa por necessidade de complementar renda; essas mulheres foram invisibilizadas pelos debates feministas por muito tempo.

Betty Friedan, ativista dos direitos humanos e feminista, publicou em 1963 um livro chamado *A Mística Feminina*. A autora busca apresentar argumentos sobre como existia uma falsa crença de que as mulheres se realizariam em apenas desempenhar um papel doméstico anulando qualquer outro interesse por parte das mulheres, o livro se tornou um dos marcos para a segunda onda feminista. Friedan aborda entre outros assuntos a desvalorização do trabalho doméstico e o *status* da mulher vir inteiramente das realizações e da vida do marido.

O trabalho da mulher – o trabalho doméstico – não lhe dá status; é um dos trabalhos com menos *status* na sociedade. Uma mulher precisa adquirir seu *status* no trabalho do marido. O próprio marido, e até mesmo as crianças, se tornam símbolos de status, pois quando uma mulher se define como esposa dona de casa, a casa e as coisas dentro dela são, de certo modo, sua identidade; (Friedan, 2025, p. 336)

Os jornais, além de falar de beleza, moda e juventude falavam muito sobre a vida doméstica das leitoras trazendo dicas de como manter a casa, dicas de educação para os filhos, receitas para o dia a dia e datas importantes *etc.* Um segmento muito comum que aparece em quase edições analisadas do caderno é o de cozinha (Figura 29). As dicas vão de receitas especiais como as de Natal, as mais simples como as receitas com foco na alimentação em dias quentes, ainda aliado a ideia de receita a ser preparada em casa foi possível encontrar dicas de saúde alinhadas a uma boa alimentação e muito comumente ao emagrecimento.

Nota-se um alinhamento a uma classe social possivelmente mais elevada, já que muitas receitas são de carnes, peixes e ingredientes um pouco mais caros, o que poderia acarretar uma exclusão de grande parte das donas de casa. Ou seja, o caderno feminino da *Folha de Londrina* não é voltado a qualquer leitora, é importante pensar no recorte para que seja possível entender quem é a mulher ideal para a sociedade londrinense de 1970.

As dicas de costura e artesanato não ficavam restritas ao passatempo das leitoras, o exemplo analisado é de um molde para confecção de luva que se utiliza na cozinha (Figura 31). Dentro do possível era comum que dicas facilitasse a vida das mulheres que as ajudassem no dia a dia. Levando em consideração que era comum que mulheres tivessem noções de costura, uma luva é um artigo básico a ser confeccionado.

Excerto 31 – Molde de luvas



Legenda: Parte da página 7, 8 de julho de 1973.

Fonte: Pergamum (2024)

Em *A Mística Feminina* (2025), Friedan fala sobre como as mulheres desempenhavam trabalhos manuais como costura e que a renda advinda dessas atividades, consideradas menores ou secundárias, de alguma forma ainda possibilitava que as mulheres continuassem como donas de casa. Os ditos trabalhos menores traziam retorno financeiro, sem necessariamente, tirar a mulher do espaço doméstico.

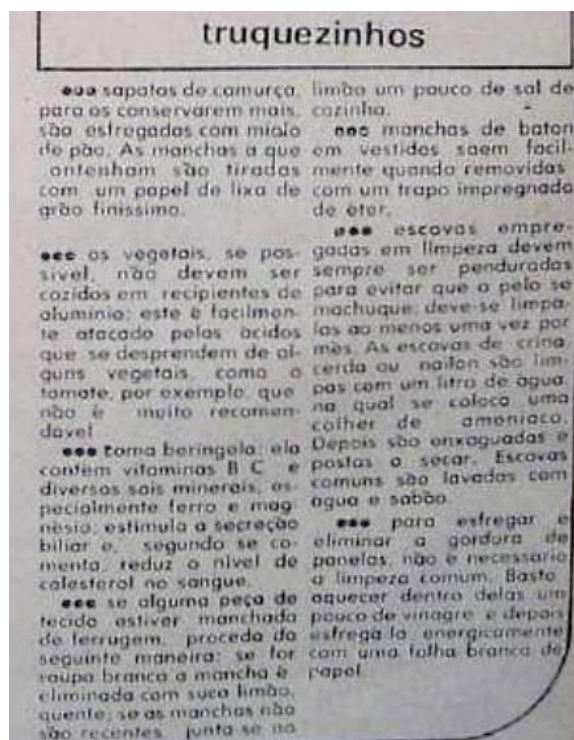
Costurar em casa se tornou uma indústria milionária. Muitas mulheres não saíam a não ser para fazer comprar, levar as crianças aos compromissos ou comparecer eventos sociais com o marido. Meninas cresciam sem jamais

trabalhar fora de casa. No fim da década de 1950, um fenômeno sociológico foi subitamente observado: um terço das estadunidenses trabalhavam, mas a maioria não era mais jovem e poucas estavam interessadas em seguir carreira. Eram mulheres casadas que tinham empregos de meio período, como vendedoras ou secretárias, para ajudar a pagar os estudos do marido, a faculdade dos filhos ou o financiamento da casa. (Friedan, 2025, p.15)

Atividades como de costura e bordado também permitiam que essas mulheres produzissem para a própria família, roupas para os filhos, pequenos reparos, enxoval para casa nova *etc.* ainda sendo considerado um trabalho feminino. A grande quantidade de revistas femininas voltadas para moda e moldes de costura corroboram o grande interesse das brasileiras em relação ao assunto. Cabe ressaltar que a ausência da educação formativa para grande parte da população brasileira fazia com que o acesso a alguns tipos de emprego se tornasse difícil e assim a costura como fonte de renda também se tornava importante não apenas para as mulheres, mas para toda a família.

Pensando na ideia de facilitação do trabalho doméstico é possível encontrar a coluna “truquezinhos” (Figura 32) que tinha como objetivo facilitar a vida da dona de casa, com materiais simples. É importante observar que os truques ensinados quase sempre tinham alguma relação ao cuidado da casa e da família, que era de responsabilidade total da mulher, assim, o local correto do jornal a ser disposto era no caderno feminino corroborando com o que se esperava dos papéis de gênero.

Excerto 32 – Truquezinhos



Legenda: Parte da página 5, 21 de julho de 1974.

Fonte: Pergamum (2024)

Embora a coluna ‘truquezinhos’ tivesse a intenção de justamente facilitar a vida das donas de casa o que Friedan fala sobre a vida doméstica e os hábitos de consumo é justamente o contrário. Segundo a ativista, o trabalho doméstico de certa forma se torna uma carreira em tempo integral e as novas tecnologias acarretaram mais trabalho doméstico em vez de diminuir.

[...] A própria natureza da responsabilidade familiar precisou expandir para tomar o lugar da responsabilidade com a sociedade. Conforme isso começou a ocorrer, cada aparelho doméstico que economizava trabalho trouxe consigo uma elaboração da tarefa que exigia atuação direta. Cada avanço científico que poderia ter libertado as mulheres da labuta de cozinhar, limpar e lavar, assim dando a elas mais tempo para outros propósitos, ao contrário, impôs mais esforço, até que o trabalho de casa não somente se expandisse para ocupar tempo disponível como quase não pudesse ser completado nesse tempo disponível. (Friedan, 2025, p. 299)

Além da promessa de mais tempo para a vida e dos trabalhos domésticos é importante pensar no que isso, produtos que diziam facilitar a vida das mulheres, representaram comercialmente. O consumo tem forte relação com as ditas facilidades que eram prometidas, o hábito de consumo acabava sendo incentivado com a justificativa de mais tempo para a família.

Pensando ainda na mulher como a rainha do lar, a decoração é um importante

representante das atividades domésticas (Figura 33). O cuidado com a casa e estar bem-informada com as tendências de decoração, a atenção necessária aos quartos dos filhos são importantes, afinal uma casa bem cuidada reflete que tipo de dona de casa aquela mulher era, pelo menos para muitas pessoas. Cabe ressaltar que as reportagens sobre cuidados com o espaço doméstico e decoração estavam bem atrelados a anúncios publicitários de lojas de departamento para novos móveis, lojas de tecidos para novas cortinas, carpetes e tecidos para móveis como poltronas e sofás antigos, também o início do que chamamos hoje de decoração de interiores como um novo tipo de emprego. A publicidade para o público feminino de modo geral quase sempre estava atrelada ao consumo e beleza, mas não exclusivamente.

Excerto 33 - Decoração



Legenda: Parte da página 5, 5 de maio de 1974.

Fonte: Pergamum (2024)

Mais uma vez os hábitos de consumo poderiam ser incentivados, mas de formas diferentes. Enquanto a propaganda para os eletrodomésticos se ancorava no tempo de qualidade e maior facilidade para a mulher, a decoração se ancorava na renovação da casa e tendências de moda. Cada publicidade buscava vender com um propósito, mas ambas eram sustentadas pela imagem da boa dona de casa.

Textos jornalísticos sobre educação infantil são muito comuns em um caderno feminino, há uma enorme variedade de artigos sobre roupas adequadas, tipos de presente, saúde física e psicológica das crianças. A maternidade toma um espaço muito grande na vida de muitas mulheres, em algumas situações é difícil diferenciar a mulher mãe da mulher pessoa e a performatividade de gênero tem forte impacto em como as sociedades passam a ver a mulher após a maternidade.

É possível encontrar matérias sobre ideias de criação de crianças com publicidades voltadas às mães leitoras da Folha Feminina. No geral, a forma em que o caderno feminino aborda sobre a criação de filhos é progressista (Figura 34), era recorrente que uma psicóloga infantil chamada Lorena Sanguinetti Lucca respondesse a perguntas de leitoras em relação a criação dos filhos. Fez-se necessário fazer uma transcrição do texto em consequência da baixa qualidade contida na imagem (Apêndice D). No trecho a seguir foi selecionado apenas algumas das perguntas e respostas publicadas:

Excerto 34 – Psicóloga responde



Legenda: recortes da matéria “o assunto é psicologia”, 2 de setembro de 1973.

Fonte: Pergamum (2024)

Na primeira pergunta respondida pela psicóloga podemos ver o questionamento de uma mãe de qual seria a idade apropriada para explicar sobre sexo a uma criança que nunca demonstrou interesse no assunto, já na segunda pergunta podemos ver uma pergunta parecida, mas no caso a mãe fala a idade da criança e ressalta que a menina é muito inteligente. Em ambos os casos a psicóloga fala abertamente o assunto deve sim ser explicado às crianças, possivelmente em idade escolar, em que o responsável deve abordar o assunto inclusive para possivelmente corrigir informações incorretas.

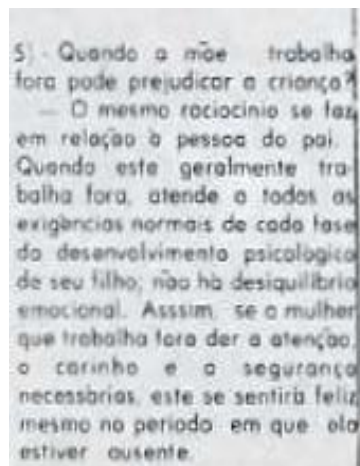
A terceira pergunta é interessante pois pode-se perceber uma defesa das vontades e direitos de crianças, o assunto ainda hoje é pertinente já que muitos

adultos não respeitam vontades e limites impostos pelas próprias crianças. A última pergunta selecionada é em relação a idade apropriada de se contar a uma criança que ela foi adotada, cabe ressaltar a ênfase em que a psicóloga afirma que a criança deve saber que foi adotada antes da adolescência. Todas as quatro perguntas abordam temas que ainda hoje geram debates entre pais e responsáveis, em questões como educação sexual a sociedade brasileira parece até mesmo ter regredido.

A maternidade ocupa um espaço muito grande na vida das mulheres, o cuidado com crianças e adolescentes deveria ser uma preocupação de toda a sociedade e não apenas dos pais. O trabalho das jornalistas em viabilizar o contato e a difusão dos conselhos de uma psicologia é admirável.

Outra edição em que a psicóloga Lorena Sanguinetti Lucca responde perguntas das leitoras é importante ressaltar uma das indagações respondidas pois tem relação direta com o processo de inserção da mulher de classes mais abastadas no mercado de trabalho (Figura 35).

Excerto 35 – Trabalhar fora afeta o desenvolvimento infantil?



5) - Quando a mãe trabalha fora pode prejudicar a criança?
— O mesmo raciocínio se faz em relação à pessoa do pai. Quando este geralmente trabalha fora, atende a todas as exigências normais de cada fase do desenvolvimento psicológico de seu filho, não há desequilíbrio emocional. Assim, se a mulher que trabalha fora der a atenção, o carinho e a segurança necessários, este se sentirá feliz mesmo no período em que ela estiver ausente.

Legenda: Parte da matéria “psicologia”, 19 de agosto de 1973.

Fonte: Pergamum (2024)

Embora a leitura esteja dificultada pelo processo de digitalização é possível ler a seguinte pergunta: “Quando a mãe trabalha fora pode prejudicar a criança?” Além da pergunta ser surpreendente pois demonstra que ou algumas das leitoras começaram a pensar no trabalho fora da vida doméstica ou já trabalhavam fora de casa, mais uma vez a resposta da psicóloga é importante para inferirmos como alguns profissionais da psicologia pensavam no assunto. A visão de equidade entre os pais é de extrema importância para entendermos que a criação de um filho já era vista

como uma responsabilidade de ambos os pais e que problemas na criação de crianças não era apenas culpa das mães.

Poucos anos antes do texto no jornal Betty Friedan abordou em *Mística Feminina*, como era para uma parte da sociedade americana²⁰ o trabalho das mulheres fora de casa:

Mesmo para uma mulher de tradição menos ortodoxa, a arma mais poderosa da mística feminina é o argumento de que ela rejeita o marido e filhos ao trabalhar fora de casa. Se, por qualquer motivo, a criança ficar doente ou o marido tiver problemas pessoais, a mística feminina, as vozes insidiosas da comunidade e até mesmo a voz interna da mulher, culparão a “rejeição” dela ao papel de esposa dona de casa. (Friedam, 2025, p. 446)

Vale pontuar que o ideal social da mãe que fica em casa, cuida dos filhos e se mantém sempre próxima ainda pode ser cultuado em muitos círculos sociais. Portanto, ao escolher defender a possibilidade do trabalho fora de casa a psicóloga e as jornalistas da Folha Feminina dão uma importante sinalização de avanço para as leitoras do caderno feminino, além de equiparar os papéis do pai e da mãe.

Os cuidados com a saúde das crianças não eram apenas em relação à saúde psicológica, a saúde física das crianças também era tema de artigos no caderno feminino. Cabe ressaltar aqui que embora seja um texto em um caderno feminino o texto fala no plural, ou seja, inclui os pais (Figura 36).

A ideia de que um pai pudesse ser desatento a saúde física do filho e que também seria culpa do homem e não apenas da mãe é relevante de se observar. Além de informar os perigos de desatenção em relação ao corpo da criança, o texto também traz informações de como escolher o sapato correto ressaltando as diferenças etárias e quais características deveriam ser levadas em consideração ao comprar sapatos.

²⁰ A sociedade brasileira sempre se norteou e ambicionou ser parecida com sociedades estrangeiras, inicialmente buscava se assemelhar a países europeus como França e Itália, mas após a Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos da América tomaram esse papel. O *american dream* se tornou o ideal de muitos brasileiros.

Excerto 36 – Desatenção dos pais

Pais mal orientados ou mesmo desleixados deixam os defeitos dos pés de seus filhos aparecerem e acontecerem. Ocorre que os cuidados podem começar desde a hora de se comprar o sapato, quando várias recomendações podem ser seguidas.

Por exemplo, até a faixa dos 4 anos, a criança tem nas botas o seu calçado ideal. Estas, sempre em um número maior que o tamanho usado por ela; além de uma complementação por um contraforte no arco do pé, uma palmilha natural do próprio calçado. Essa "elevação" auxilia a criança a andar com muito maior segurança.

Por isso, os pequenos defeitos ou quaisquer outros de maior gravidade podem ser corrigidos com um a consulta a um especialista, que após determinados testes vai prescrever o tratamento específico. As botas corretivas e palmilhas, entram "de sola" neste ponto.

É claro que a qualquer sinal de modificações ou problemas, deve-se levá-lo a um ortopedista, pois quanto mais cedo começa o tratamento, mais rápido acontece a cura.

Uma outra recomendação: apesar de solados retos, de borracha especialmente, serem práticos e mais baratos, eles são prejudiciais, já que trazem problemas de coluna e de postura. E até os seis anos o salto máximo para crianças deve ser de 2 cm, sendo que a sola de couro é preferível, por ser mais saudável. Isso explica-se: pela sua porosidade, esta sola permite que o pé transpire, não deixando com isso um odor desagradável.

O sapato totalmente liso e raso cai do pé, com muita facilidade, e, por isso recomenda-se às meninas que já usam botas, um sapato com pelo menos uma tirinha por sobre o peito do pé.

Ainda que as crianças tenham pés corretos e um andar perfeito, é sempre boa uma orientação, quando se vai comprar um calçado (coisa de rotina, e por isso não é dada importância alguma ao fato). E, pelos motivos descritos aí em cima, seria bom que uma visita anual fosse feita ao ortopedista.

Para a criança que adora andar descalça, existem certas precauções: o terreno deve ser de areia ou gramado, sem pedrinhas para evitar ferimentos delicados.

Legenda: Parte da página, 26 de agosto de 1973.

Fonte: Pergamum (2024)

Além dos cuidados com a casa e com os filhos é possível ver, com certa frequência, a mulher como gerenciadora da economia doméstica. Matérias sobre o preço de volta às aulas (Figura 37), o preço das festas de fim de ano etc. demonstram uma certa autonomia conferida às mulheres que eram as leitoras habituais do caderno.

Embora o dinheiro seja um assunto entendido por muitas pessoas como algo do âmbito masculino a economia doméstica ainda se encaixa na responsabilidade da dona de casa. É mais um dos diferentes deveres que envolvem o cuidar da casa e da família que ficam exclusivos como tarefa da mulher.

Excerto 37 – Custos da volta às aulas

Bolsa, porque as despesas com uniformes (alguns dentro da recente "padronização") e com os livros escolares não são poucas. Pode-se falar que as mesmas chegam a 400

algumas lojas, livrarias e papelerias para que você pudesse ter uma ideia de a quantas andam os preços, a variedade de artigos e a partir daí estabelecer uma média de gastos.

Quanto custa a volta às aulas

Em janeiro passado foi publicada a resolução do secretário da Educação e Cultura do Paraná, Cândido Martins de Oliveira, sobre o único modelo de uniforme a ser adotado pela rede oficial de ensino, nos 1º e segundo graus, um para o sexo feminino e outro para o sexo masculino.

A adoção dessa medida é um processo progressivo, ou seja, primeiro serão os alunos matriculados esse ano nas escolas a adotar o novo modelo, até que se chegue a totalidade dos alunos.

A festa foi geral: finalmente a resolução acenou com a possibilidade dos pais não terem que mudar a cada ano o uniforme dos seus filhos.

Saias para meninas: de 6 a 8 anos: Cr\$ 30,00; de 9 a 11 anos: Cr\$ 35,00; de 12 anos: Cr\$ 38,00; e meninas com mais de 12 anos: Cr\$ 49,50. (as camisas para elas seguem os mesmos preços das dos meninos).

Na mesma Casa dos Uniformes a roupa para os meninos, calça e camisa saem os preços são assim:

1) Calça para meninos de 6 a 8 anos: Cr\$ 41,80; meninos de 9 a 12 anos: Cr\$ 43,20; meninos de mais de 12 anos: Cr\$ 53,00.

2) Blusas e camisas: de poliéster — meninas e meninos de 6 a 8 anos: Cr\$ 22,00; de 9 a 12 anos: Cr\$ 27,00; de tricolina (algodão): de 6 a 8 anos: Cr\$ 16,50; de 9 a 12 anos: Cr\$ 18,50.

chute, que serve tanto para as aulas normais, como para a prática de Educação Física, seu preço varia em torno de Cr\$ 22,80. Se você está procurando algo mais barato eles oferecem sapatos plásticos, que apesar de duráveis esquentam os pés e são um tanto quanto duros, mas que de qualquer forma podem ser convenientes ao seu bolso.

Calçada plástica: do número 28 ao 32 — custa Cr\$ 16,11; do número 33 ao 36 — custa Cr\$ 20,65.

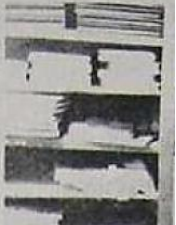
Enquanto isso na Loja Lord as calças compridas para meninos custam de Cr\$ 29,90 a Cr\$ 38,50, dependendo do artigo.

200 folhas que custava Cr\$ 3,90, ano passado, este ano o preço aumentou para Cr\$ 6,00. Tenho um saldo ainda de Cr\$ 3,90, mas as pessoas não querem saber. A crise do papel não influiu em muita coisa nos preços, tanto que normalmente os livros sofriam aumentos variáveis de até 100% de uma edição para outra. Isso antes

ficado nos preços dos artigos escolares: "Foi um aumento 'desgranhado', chegando mesmo em torno de 30%, 40% tanto em livros didáticos, como materiais de papeleria, tudo aumentou na mesma proporção."

"O que ocasiona isso não é somente a crise do papel, essa é decorrência do sistema inflacionário."





Legenda: Parte da matéria "quanto custa a volta às aulas?", 10 de março de 1974.

Fonte: Pergamum (2024)

Pensando de forma geral, a economia doméstica não fica restrita a compra de móveis, compras mensais e decoração. A responsabilidade das mulheres que cuidam da casa é muito maior, os gastos com material escolar e uniformes acabam por fazer parte das responsabilidades da dona de casa que exerce principalmente o papel de cuidadora do marido e dos filhos. A possibilidade de ter uma participação como apenas provedor permitia aos homens que tivessem uma participação mínima nos problemas domésticos e com a entrada das mulheres no mercado de trabalho os costumes não mudaram totalmente. A divisão sexual do trabalho fez com que muitas mulheres exerçam jornadas duplas e em algumas vezes até mesmo triplas.

Alinhando tudo que já foi analisado temos essa matéria sobre o preço do Natal (Figura 38) que coloca a mulher como centro da organização de uma festa de fim de ano, é ela quem escolhe o que será feito para comer, quais serão os presentes dados, como decorar a casa e todo o cuidado com todos da família.

Cabe ressaltar o cuidado com que a jornalista fala das pessoas desafortunadas que também passam o Natal até mesmo sem ter o que comer, embora o caderno feminino seja claramente para uma classe econômica mais elevada é interessante

perceber que as responsáveis pela Folha Feminina sempre têm um cuidado de lembrar das pessoas necessitadas e como as leitoras poderiam ajudar a essas pessoas. O segmento feminino se torna um espaço para a ampliação da realidade vivida por essas mulheres.

Excerto 38 – O preço do seu Natal



Legenda: Parte da matéria “qual o preço do seu Natal”, 17 de dezembro de 1972.

Fonte: Pergamum (2024)

Um bom exemplo de matéria que fala sobre administração do que seria o dinheiro do lar e um olhar para os necessitados (Figura 39) é a escrita por Christiane Helena sobre as compras do dia das crianças. As jornalistas do caderno feminino possivelmente sabiam que tipo de influência elas poderiam exercer na vida das leitoras e como deveria ser utilizada a influência sempre trazendo informações de saúde, situação das pessoas que moravam na mesma cidade e avanços na vida das mulheres, mesmo que de forma tímida.

Excerto 39 – Dia das Crianças

* Christiani Helena

Dedicamos estas páginas às crianças, não só para homenageá-las pelo próximo dia 12 — Dia da Criança — mas também porque, para elas, sempre, devemos voltar nosso pensamento. Com a aproximação da sua data especial, há um burburinho: é hora do comércio explorar o quanto possa todos os sentimentos e afetos que se tem para com os pequeninos. Cartazes, letreiros, desenhos, fotos, palavras — tudo é usado para que ninguém se esqueça de presentear.

A criança também não deixa por menos. Aproveita a hora para pedir tudo aquilo que há algum tempo deseja. É a boneca loira que fala e anda; ou o trenzinho veloz, que apita nas cruvas. Quem sabe, a bicicleta que se desmonta, e por que não, o jogo completo de panelinhas, xicaras, latinhas e de quebra o fogão?

Até os 10 ou 12 anos, ninguém tem vergonha de pedir. E o faz muito naturalmente. Passada esta idade, há apenas um desejo íntimo de ganhar qualquer coisa, mas existe também uma força imperativa que faz disimular todas as aparências, na ansia que todo adolescente tem de não ser mais criança. Embora os pais tenham em perguntar o que desejam, os juvenzinhos, principalmente as meninas que tem uma tendência maior a precocidade, jamais pedirão algo.

É a fase crítica e difícil da adolescência que se estende até os 17, 18 anos, embora muitos jovens apresentem um porte ativo e desenvolvido, antes mesmo de ultrapassar essa faixa etária. Para os adultos, pais, mães, avós, principalmente,

todos são crianças. E o serão sempre. Lembro-me de vovó chamando seus cinco marmanhões de “minhas crianças”, quando o mais novo deles já havia completado 40 anos...

Mas voltando ao dia 12, data em que muita gente vai dispor de algum dinheiro para comprar caros presentes para suas crianças queridas, gostaria de fazer um apelo. Nossos filhos, nossos sobrinhos, afilhados, irmãozinhos, todas as crianças que gostamos, ficarão felizes com os presentes ricos que iremos dar-lhes. Porém, lembrem-se: existe uma infinidade de crianças que jamais ganharam uma lembrança, em todos os 12 de outubro que já viveram. São as crianças dos asilos e

lares. Para elas, não há bonecas loiras, nem trenzinhos, nem bicicletas. Mas ficariam também felicíssimas com uma peteca, uma bola, um saco de balas ou chocolates.

Quem sabe, muitos dos brinquedos caros que vamos dar a nossos filhos, trarão contentamento por dois ou três dias, ficando depois encostados como todos os outros. Com este dinheiro, talvez menos, você poderá presentear dezenas de crianças de alguma instituição. Não faça apenas sua criança vibrar de alegria na próxima quinta-feira. Vibre você muito mais, vendo tantas carinhas rissonhas e agradecidas pelo carrinho ou pela peteca, ou pelo pirulito que custou tão pouco para você.

Se você nunca fez isso, visite um orfanato com seus filhos, levando doces e balas. Não se esqueça que lá também existe muita criança a espera que alguém se lembre dela, especialmente.

Legenda: Texto da Christiani Helena sobre Dia das Crianças, 8 de outubro de 1972.

Fonte: Pergamum (2024)

3.6 O ANTIFEMINISMO E OS DISCURSOS HEGEMÔNICOS NA *FOLHA DE LONDRINA*

A década de 1960 é de extrema importância para o movimento feminista, o foco foi a autonomia do corpo feminino, ou seja, a luta por direitos reprodutivos como métodos anticoncepcionais e aborto, além da liberdade sexual das mulheres. As brasileiras por outro lado tentavam lutar pelos mesmos direitos, mas em um contexto de censura e repressão.

Pode-se perceber que a segunda onda apresenta particularidades em diferentes países, nos Estados Unidos por exemplo a segunda onda tinha influência do movimento contra a guerra do Vietnã, já no Brasil o movimento feminista teve relação direta com os grupos de resistência, direitos humanos e principalmente envolvimento com a luta pela anistia. O contexto de luta feminista é de extrema importância pois o movimento é apresentado de outra forma na sociedade brasileira, foi muito mais custoso e pouco popular falar sobre a luta das brasileiras abertamente, o melhor exemplo na imprensa é o periódico *Brasil Mulher*. As feministas brasileiras de modo geral precisaram muitas vezes adotar um discurso moderado, articulando um feminismo possível dentro da repressão.

Embora a *Folha de Londrina* não fosse abertamente contestadora ou contrária à ditadura militar brasileira, é possível perceber uma certa aproximação de conteúdos progressistas. No relatório final da Comissão da Verdade da UEL fala-se brevemente sobre a *Folha de Londrina* sofrer com censura mais do que os jornais estudantis e provavelmente isso se deve a forma de fazer jornalismo, ou seja, a *Folha de Londrina* apresentava um jornalismo mais tradicional e institucionalizado, diferente da imprensa independente.

Outro método de pressão contra o movimento estudantil era o de minar a capacidade de produção e distribuição do jornal *Poeira*, órgão oficial do DCE. A *Folha de Londrina*, principal jornal da cidade, sofria com a censura. Um censor dizia o que podia ou não ser publicado pelo jornal. Já o *Poeira* era livre, ainda que os editores tomassem certo cuidado para continuar existindo. (Comissão da Verdade da UEL, 2025, p.60)

Ainda na Comissão da Verdade da UEL (2025)²¹, o depoente Marcelo Oikawa²² afirma a solidariedade da *Folha de Londrina* com os estudantes, o jornal *Poeira* era

²¹ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/19jrtLzMXXPX3V7hyPT52YMLD1Hsr1DkD/view>

²² Marcelo Oikawa foi aluno da UEL, uma figura emblemática do movimento estudantil de Londrina, trabalhou no *Poeira* e posteriormente a formação universitária foi um jornalista e escritor relevante para o Paraná.

impresso justamente pela *Folha de Londrina* até que a pressão da censura fez com que o periódico londrinense não fizesse mais esse trabalho para os alunos responsáveis pelo jornal independente de alta relevância no Paraná.

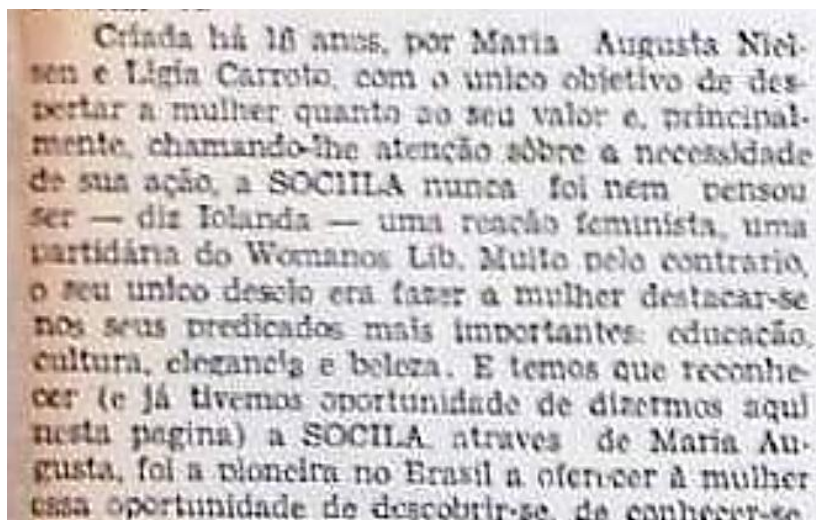
Levando em consideração artigos, textos jornalísticos e depoimentos sobre a *Folha* fica evidente que o jornal apresentava uma aproximação aos movimentos mais progressistas da cidade de Londrina, tal fato não significa que o jornal concordava politicamente com esses grupos. Considerando todo o contexto político e social da década de 1970 fica claro que mesmo os jornais da mídia hegemônica forçavam limites no que diz respeito à censura e tal fato é perceptível inclusive no caderno feminino.

Ao analisar a imprensa tradicional, é possível perceber que o método adotado pelas feministas foi o de um feminismo possível. Dificilmente essas mulheres apresentavam opiniões abertamente, o contexto de fala era ambíguo e no geral a linguagem moderada. É importante se atentar a situação política em que essas jornalistas viveram para não fazer nenhum tipo de análise anacrônica dos discursos pesquisados.

Obviamente o movimento antifeminista tem muita força no caderno, considerando que nem mesmo a esquerda via com bons olhos o movimento, é evidente a pouca popularidade das feministas na sociedade brasileira. As críticas às feministas apareciam com certa frequência no caderno, menos do que esperado, mas ainda assim com relevância.

Em 1972 a *Folha Feminina* fez um artigo sobre o grupo SOCILA (Figura 40), uma escola de boas maneiras fundada no Rio de Janeiro por Maria Augusta Nielsen e Ligia Carrato.

Excerto 40 – SOCILA



Legenda: Parte da matéria sobre uma escola de etiqueta, 10 de dezembro de 1972.

Fonte: Pergamum (2024)

O recorte da matéria diz o seguinte “Criada há 10 anos por Maria Augusta Nielsen e Ligia Carrato com o único objetivo de despertar a mulher quanto ao seu valor e, principalmente, chamando-lhe atenção sobre a necessidade de sua ação, a SOCILA nunca foi nem pensou ser – diz Iolanda – uma reação feminista, uma partidária do *Women’s Lib*. Muito pelo contrário, o seu único desejo era fazer a mulher destacar-se nos seus predicados mais importantes: educação, cultura, elegância e beleza. [...]” A primeira coisa que chama a atenção na fala de uma das professoras da escola de etiqueta é que elas não fazem parte de um grupo feminista, enfatiza-se a diferença do que a escola pensava de valor feminino do que um grupo feminista também pensava de valor feminino.

Os ditos valores femininos para as mulheres do SOCILA eram educação, cultura, beleza e elegância, esses mesmos valores são uma reprodução da performance de gênero. Levando em consideração que provavelmente a educação falada aqui é o modo de se comportar e não a aquisição de conhecimento, é perceptível que a dita mulher educada para elas é a que não questiona os costumes, se apresenta como uma mulher discreta e é muito compreensiva. Já por elegância podemos pensar em uma mulher que segue tendências de moda e que se veste e se comporta de modo que sempre agrade o outro, elegância também pode apresentar uma relação direta com a cor dessas mulheres, o cabelo afro foi por muito tempo estigmatizado. Por cultura podemos inferir uma mulher com acesso e interesse por literatura e música, o tópico lembra um pouco o tipo de educação que era

proporcionado às mulheres antes da conquista do direito a uma educação formadora. E por fim temos a beleza feminina colocada como um valor, mais uma vez mulheres sendo retratadas e reduzidas apenas a aparência.

Se analisarmos os predicados elencados pelas mulheres do grupo SOCILA podemos concluir que são qualidades do que se esperaria de uma boa esposa. Friedan fala em *Mística Feminina* (2025) sobre como a formação da identidade da mulher girava entorno dos relacionamentos e de como seria vista socialmente:

A identidade para um rapaz é primordialmente uma questão vocacional-ocupacional, ao passo que a autodefinição para uma moça depende mais diretamente do casamento. Muitas diferenças resultam dessa distinção. A identidade de uma moça se centra mais exclusivamente no papel de seu sexo – de quem serei esposa, que tipo de família terei [...] (Friedan, 2025, p. 200)

Fica claro que o grupo de etiqueta buscava formar mulheres para serem bem aceitas socialmente, mas que não ambicionavam de forma alguma ajudar as jovens alunas a desenvolverem a própria identidade. Todos os predicados ficam restritos ao papel de gênero que era esperado que mulheres desempenhassem.

A matéria de 1973 sobre serviço militar para mulheres (Figura 41) pode se apresentar como resultado da luta pela equidade entre os gêneros, mas acaba por reforçar a imagem da mulher como cuidadora. A responsável do projeto, Ecilda Haensel, era uma das mulheres membro do grupo gaúcho chamado Ação Democrática Feminina Gaúcha (ADFG). Segundo o pesquisador Eduardo dos Santos Chaves (2014) o grupo de mulheres ADFG ficaria marcado pelo forte valor cristão e a vigilância anticomunista, sendo um dos inúmeros grupos de direita que surgiram na década de 1960 que se colocavam em oposição ao governo de João Goulart.

O texto propriamente dito vai abordar um projeto da Ecilda Haensel nas Forças Armadas em que mulheres poderiam exercer cargos como professora, enfermeira, socióloga e médica. Segundo a autora do projeto “Como se vê não se trata de uma atitude feminista, mas do aproveitamento e cooperação da mulher no plano do desenvolvimento nacional.” Em outras partes da matéria Haensel ainda fala que as mulheres não devem passar pelo treinamento militar e que historicamente a mulher se aliar ao progresso não quer dizer que causará prejuízos a sua feminilidade. A matéria aborda ainda como as mulheres seriam selecionadas, qual sistema de trabalho seria aplicado a elas e a similaridade com o Projeto Rondon.

É interessante pensar, a partir do enunciado, como para muitas pessoas a feminilidade depende de uma passividade atribuída ao papel feminino. Esta mulher

está fazendo um trabalho além do doméstico, há uma declaração de tentativa de equidade, mas ainda assim é necessário que essa mulher se diferencie por causa da feminilidade, uma característica intrínseca da mulher que não deveria ser perdida ao desempenhar o trabalho ofertado. Não há busca por equidade e não há busca por independência para as mulheres.

Excerto 41 – Serviço militar para mulher



Legenda: Parte da matéria sobre serviço militar para mulheres, 19 de agosto de 1973.

Fonte: Pergamum (2024)

Em 1974 uma pequena nota chama a atenção, falando sobre moda o que era muito comum ao caderno feminino, a coleção de André Laug inspirada na atriz Marlene Dietrich no filme *A Imperatriz Vermelha* de 1934 (Figura 42). O diferencial da matéria é que a coleção assinada pelo *designer* era dita abertamente contra o feminismo, segundo o texto jornalístico “[...] André Laug organizou um desfile em homenagem a Marlene Dietrich e em maio deste fez observações sarcásticas sobre o movimento feminista. De sua coleção para outono-inverno Laug diz que os modelos foram inspirados na Dietrich [...]. Esta mulher não se assemelha em nada com as do movimento feminino de libertação.” Cabe ressaltar ainda que segundo a matéria a coleção era composta por túnicas em estilo de casaco, vestidos e saias, nenhuma calça faz parte da coleção, na década de 1970 já era comum que mulheres usassem calças. Fez-se necessário fazer uma transcrição do texto em consequência da baixa qualidade contida na imagem (Apêndice E).

Para muitas pessoas a imagem da mulher feminista é totalmente preconcebida e vai além das características de personalidade e ativismo desempenhado por elas.

Friedan aborda os mitos envolvidos nas suposições sobre o movimento feminista e as mulheres que participaram/participam dele.

O mito de que essas mulheres eram “monstros antinaturais” era baseado na crença de que acabar com a subserviência feminina concedida por Deus destruiria o lar e escravizaria os homens. Esses mitos surgem em todos os tipos de revolução que promovem igualdade para uma nova porção da família do homem. A imagem das feministas como inumanas, ferozes e devoradora de homens, seja expressa como ofensa contra Deus ou nos termos modernos da perversão sexual, não é diferente do estereótipo do negro como um animal primitivo ou do sindicalista como um anarquista. (Friedan, 2025, p.99)

Excerto 42 – André Laug



Legenda: matéria do dia 28 de julho de 1974.

Fonte: Pergamum (2024)

Em uma entrevista concedida ao caderno feminino em 1973 a escritora Maria Leopoldina Rezende falou abertamente sobre o movimento feminista (Figura 43), inclusive afirmou que o assunto era explorado demais e por isso já estava chato. A matéria começa que as mulheres do movimento feminista tinham uma falsa ideia do que seria a libertação feminina. A autora entrevistada faz duras críticas ao que ela considera um comportamento característico de feministas, fala das responsabilidades de uma mulher moderna e da imagem da dona de casa.

Excerto 43 – Maria Leopoldina Rezende



Legenda: Início da matéria sobre Maria Leopoldina Rezende, 1 de julho de 1973.

Fonte: Pergamum (2024)

Segundo a literata paranaense, a presença da mulher era mais importante em casa, mesmo que fosse apenas para supervisionar o cuidado com os filhos e que não se cobrava mais socialmente a imagem de dona de casa perfeita. A autora achava que a libertação feminina poderia vir do trabalho como dona de casa para as mais inteligentes, é a partir deste pequeno trecho que somos apresentados ao título da entrevista “Mulher-escritora, escritora mulher. Sem problemas.”

Podemos ver aqui a uma mulher que, provavelmente, acreditava que a obrigação de todas as mulheres era primeiro com os filhos, lar e matrimônio e apenas a partir do tempo que sobrava do trabalho não remunerado doméstico que ela poderia se desenvolver como um ser complexo. É um exemplo claro e prático de como a vida doméstica, a divisão sexual do trabalho e a maternidade afastam as mulheres da vida pública, neste caso por ideologia da própria Maria Leopoldina Rezende (Figura 44). Nos próximos dois excertos podemos entender melhor como é a vida e como pensa a autora.

Excerto 44 – A literatura aconteceu



Legenda: Parte da matéria sobre Maria Leopoldina Rezende, 1 de julho de 1973.

Fonte: Pergamum (20240)

Em 1929 Virginia Woolf lançou o importante ensaio chamado *Um Teto Todo Seu* em que fala sobre a necessidade de mulheres que trabalham com literatura e ficção em ter dinheiro, espaço e um teto todo seu para trabalhar. Analisando as afirmações de Maria Leopoldina Rezende a partir do ensaio de Virginia Woolf tem-se uma noção de como o discurso feminista era visto e rejeitado por parte da sociedade brasileira. Diferente do que Woolf fala Rezende apenas produzia literatura no tempo vago da vida como mãe e dona de casa, Rezende também afirma que não ambicionava carreira, pois o único compromisso que tinha era com a casa e a família.

Vale ressaltar o receio do julgamento partindo da própria família "Meu único compromisso é com a casa e os filhos, porque amanhã ou depois eu também vou ser julgada por eles.". No segundo tópico do trecho selecionado a entrevistada volta a falar de forma negativa do movimento feminista, Rezende utiliza psicologia para falar mal das mulheres do movimento "Os psicólogos dizem que toda pessoa agressivamente rebelde, que quer a todo custo quebrar uma estrutura, tem sua explicação na infância. Ela deve ter sido uma criança rebelde, quem sabe recalçada." Maria Leopoldina Rezende faz generalizações utilizando a psicologia para afirmar que

as mulheres do movimento feminista foram crianças rebeldes, cabe aqui indagar qual seria a estrutura que Rezende afirma que as feministas querem quebrar.

É interessante perceber que ao afirmar que as feministas gritam demais e são infantis ela afirma que as reivindicações são incoerentes, que elas são insensatas e que se deveria aspirar melhorar o relacionamento entre homens e mulheres. A partir de duas afirmações de Rezende podemos perceber como a sociedade moldou essa mulher, primeiro o medo do julgamento por parte da família em, possivelmente, aspirar uma carreira e depois reivindicações que pudessem contribuir para uma melhora nos relacionamentos entre homens e mulheres.

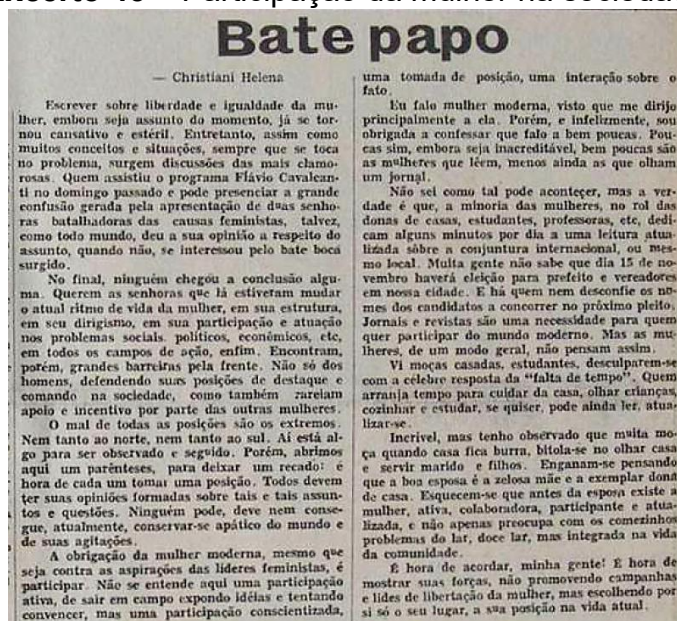
Infelizmente Maria Leopoldina Rezende se torna um exemplo de apagamento da autoria feminina na literatura. Mesmo que o jornal a defina como escritora não foi possível encontrar nenhum exemplar de sua produção literária. A autora é citada três vezes no livro *Ouro Verde e Café Quente 50 Anos de Literatura em Londrina* (2005), de Carlos Francovig. Na primeira citação aparece como uma das vitoriosas, junto com outros londrinenses, do Festival de Música e Poesia de Paranavaí, na segunda citação aparece com uma menção de honra no Concurso de Poesias Londrina-40. Já a terceira menção à Maria Leopoldina Rezende é feita quando Francovig está fazendo uma diferenciação entre o Grupo Base de Literatura (GBL), da qual Maria Leopoldina Rezende fazia parte, e o Grupo Aberto de Literatura (GAL).

3.7 O FEMINISMO POSSÍVEL NA FOLHA FEMININA

A existência de um caderno feminino que tem como foco a maternidade e vida doméstica por si só é representativo de como a *Folha de Londrina*, apesar de apresentar momentos de progressismo, estava totalmente em concordância com a sociedade brasileira. É possível observar que o caderno feminino gradualmente aborda textos de discussão acerca dos direitos das mulheres, predominantemente com uma linguagem voltada ao informativo.

Um dos poucos exemplos de textos opinativos encontrados é assinado por Christiani Helena em que ela apresenta certa ambiguidade no pensamento (Figura 45). O texto é de 1972 e fala sobre um programa de televisão que recebeu duas mulheres participantes dos movimentos de libertação.

Excerto 45 – Participação da mulher na sociedade



Legenda: coluna Bate Papo, 1 de outubro de 1972

Fonte: Pergamum (2024)

Chama atenção que logo no início do texto a jornalista deixa claro ter uma posição mais central nas discussões já que "o mal de todas as posições são os extremos". Nem tanto ao norte, nem tanto ao sul." Apesar de mais uma vez termos uma pessoa reforçando a imagem da feminista raivosa e que grita é possível observar que a autora ao falar das dificuldades das mulheres do movimento feminista elenca o pouco apoio das mulheres e o homem, no seu local de privilégio, defendendo justamente o lugar de destaque que eles ocupavam na sociedade.

Christiani Helena, ao afirmar que as mulheres precisavam fazer parte da vida pública/social, ressalta que para tal não era necessário seguir as ideias feministas, mas que a mulher moderna deveria tomar as rédeas da própria vida. Ao falar sobre a mulher moderna Helena inclui as donas de casa, professoras, estudantes etc. para evidenciar que essas mesmas mulheres que tinham a vida tão ativa não liam mais ou ao menos sabiam que teria eleição para cargos importantes para a cidade de Londrina.

Todo o texto é muito revelador de que para muitas mulheres, como a autora, o meio do caminho entre o feminismo e a sociedade da época era o ideal, entretanto, chama a atenção como a escritora inicia o último parágrafo “Incrível, mas tenho observado que muita moça quando se casa fica burra, bitola-se no olhar casa e servir marido e filhos. Enganam-se pensando que a boa esposa é a zelosa mãe e a exemplar dona de casa. Esquecem-se que antes de esposa existe a mulher, ativa, colaboradora, participante e atualizada, e não apenas preocupada com comezinhos e problemas do lar, doce lar, mas integrada na vida da comunidade.” (Pergamum, 2024).

No fim do texto Christiani Helena termina chamando as leitoras a uma vida mais ativa, não necessariamente fazendo o que as feministas faziam, mas escolhendo seu lugar na sociedade. É possível observar que provavelmente o maior problema com as mulheres do movimento de libertação era o rotulo de feminista e toda a carga negativa que acompanhava o termo, pois essencialmente um dos maiores propósitos do movimento feminista é conferir autonomia e poder de escolha as mulheres.

Ao conclamar participação feminina no espaço social e nas decisões políticas Christiani Helena faz um discurso feminista, mesmo que involuntariamente. O estereótipo do que se entendia por feminista afastava mulheres que sem perceber concordavam com as reivindicações.

As décadas de 1960 e 1970 são marcadas, entre outros eventos, pela luta pela autonomia física da mulher. Um grande exemplo da luta feminista é a do controle da natalidade, com a chegada do anticoncepcional no Brasil em meados de 1960 a discussão acerca da saúde da mulher e os efeitos do remédio entraram em debate (Figura 46).

Excerto 46 – Os problemas da pílula

OS PROBLEMAS DA PÍLULA

Há aproximadamente 10 anos, depois de muitos estudos e experiências nos laboratórios, foi lançado no mercado um produto que ainda hoje apresenta amplo campo para as mais calorosas discussões sobre seu uso, e, principalmente, sobre as consequências de sua ação no organismo da mulher, sua única consumidora: a pílula anticoncepcional.

Hoje já se faz necessária uma revisão sobre os efeitos desse produto num período prolongado, sem constantes averiguações médicas e, o que é pior, sobre os efeitos indesejáveis, provocados no organismo, além da função unicamente terapêutica do produto. Em linguagem médica são denominados: "efeitos colaterais".

Não paira dúvidas de que, para uma gravidez não desejada, a pílula cumpre sua missão. Em virtude disso, entre todos os outros anticoncepcionais, a pílula bate recorde na quantidade de vendas, mesmo entre os países onde impera a desaprovção religiosa, como é o caso do Brasil.

Mas um problema aflora junto aos benefícios dados pela pílula: são os "efeitos colaterais", que a responsabiliza como causadora de nada menos que 125 distúrbios, que vão desde a simples dor de cabeça, até ao mais grave e atroz: a trombose (coagulação súbita de sangue dentro dos vasos).

O sangue coagula quando sai fora dos vasos, o que faz parar uma hemorragia através do tampão hemostático. Mas, se ficar paralisado dentro de uma veia ou artéria, forma um "trombo" e, dependendo do tamanho deste, impede a circulação dentro do vaso, ocasionando distúrbios cuja gravidade é avaliada conforme a importância do vaso atacado.

A relação entre a pílula e a trombose não foi ainda totalmente aceita. A possibilidade, embora casual, foi despertada por publicações médicas, feitas nos Estados Unidos, nos anos de 1965 e 1966. Os primeiros artigos, mencionando tal relação —, pílula-trombose — fez com que muitas americanas deixassem de fazer uso da droga. Contudo, isso não chegou a refletir na venda do produto, pois para cada mulher que deixa de comprá-lo, aparece outra disposta a experimentar.

Dados importantes a respeito do problema foram apresentados num relatório do Comitê Britânico de Drogas, em 1967, e mostravam que a mulher que faz uso da pílula corre risco maior de vir a sofrer uma trombose. Aqui reside o principal ponto de apoio àqueles que são contrários a pílulas, pois enquanto os outros males desaparecem ao ser interrompido o tratamento, o risco da trombose continua muito sério. Em virtude disso, o Comitê Suíço de Saúde solicitou aos médicos que não recitassem o uso desse anticoncepcional.

Outros povos também se interessaram pelo assunto, e tomaram a decisão de "esperar para ver no que dá". Esta cômoda posição tem acerbadas críticas por parte da classe médica, de um modo geral, dos que defendem a retirada do produto do mercado. Por outro lado, o Jornal Médico Britânico apresentou um estudo sobre um determinado componente químico utilizado na fórmula de vários anticoncepcionais que possui propriedades trombogênicas.

A grande dificuldade encontrada por todos os que defendem, e também os que acusam, a pílula, é provar que as mulheres atacadas de trombose, se não fizessem o uso da droga, viriam ou não acometer-se da doença.

Existem mulheres jovens em quantidade que nunca tomaram a pílula, e, no entanto, foram acometidas pelo mesmo mal. Ainda é bom lembrar que sempre existiu o problema da trombose entre as mulheres mais jovens, antes mesmo do advento da pílula, só que as causas não eram de todo identificadas.

Nesse emaranhado de discussões e dúvidas, sabemos que realmente a pílula pode ocasionar distúrbio ou "efeitos colaterais", como é o caso de dores de cabeça, cansaço, enjôo, vertigem, aumento de peso e até mudança do timbre de voz, e quem sabe mesmo a trombose, que é mortal. Mas sabemos também que a pílula exerce com eficiência a função para a qual foi criada: preservativo anticoncepcional.

* Christiani Helena

Outros povos também se interessaram pelo assunto, e tomaram a decisão de "esperar para ver no que dá". Esta cômoda posição tem acerbadas críticas por parte da classe médica, de um modo geral, dos que defendem a retirada do produto do mercado. Por outro lado, o Jornal Médico Britânico apresentou um estudo sobre um determinado componente químico utilizado na fórmula de vários anticoncepcionais que possui propriedades trombogênicas.

A grande dificuldade encontrada por todos os que defendem, e também os que acusam, a pílula, é provar que as mulheres atacadas de trombose, se não fizessem o uso da droga, viriam ou não acometer-se da doença.

Legenda: matéria sobre a saúde da mulher,
Fonte: Pergamum (2024)

Em 1971 uma das responsáveis pelo caderno, Christiani Helena, falou abertamente sobre o uso da pílula anticoncepcional e os possíveis efeitos no corpo das mulheres. A jornalista inicia o texto falando sobre os 10 anos de pesquisa e desenvolvimento do medicamento, fala brevemente sobre os efeitos colaterais e deixa claro a eficácia do remédio para o que ele se propunha. No decorrer da matéria ela deixa claro a possibilidade ou não de efeitos colaterais e principalmente fala sobre a temida trombose, que ainda hoje é listada como efeito colateral do uso do medicamento e pode acontecer mesmo em quem não faz uso da pílula.

A matéria ainda aborda alguns estudos feitos em relação a trombose e que embora muitas mulheres tenham desistido de fazer uso do remédio no geral a procura ainda era grande, Helena ainda ressalta que várias pessoas que eram contra o uso de remédios para controlar a natalidade encontraram nos efeitos colaterais uma justificativa de não uso. Christiane Helena termina sua matéria afirmando mais uma vez que embora existam sim riscos de efeitos colaterais o remédio é eficaz no controle de natalidade.

É interessante observar que a autora aborda uma linguagem imparcial, ressalta os 10 anos de pesquisa, fala sobre o lado negativo e se ampara em pesquisas acadêmicas para tal, mas a mensagem final do artigo jornalístico é que o

anticoncepcional é eficaz. Cabe ressaltar que embora tenha chegado no Brasil no começo de 1960 pode-se perceber que provavelmente a pílula não tenha se popularizado, pois a matéria é de 1971 e a matéria parece ser introdutória em relação ao uso do medicamento.

Ainda sobre informações sobre métodos contraceptivos em 1974 o caderno feminino mais uma vez aborda inovações relacionadas aos contraceptivos orais. A provável autora do texto, não é assinado, começa o texto abordando o programa de planejamento familiar chinês e explica como funcionaria a cartela do medicamento que se assemelhava a uma folha com selos (Figura 47).

Antes de terminar o artigo observa-se a citação do médico Dr. David Berliner que teria escrito um relatório sobre remédio em visita a China o descrevendo como “um dos mais notáveis e avançados projetos chineses de controle de natalidade”. Ambas as matérias sobre medicamentos anticoncepcionais são parecidas, apresentam linguagem didática, neutralidade da escritora e uso de autoridades médicas para produzir argumentação acerca da eficácia.

Excerto 47 – anticoncepcional chinês



Legenda: Parte da matéria sobre anticoncepcional chinês, 3 de março de 1974.

Fonte: Pergamum (2024)

Betty Friedan fala em *Mística Feminina* sobre as opções em relação aos direitos reprodutivos das mulheres e as novas possibilidades na vida e sexualidade das mulheres.

As mulheres também tiveram que confrontar sua natureza sexual, e não a

negar ou a ignorar como feministas anteriores fizeram. A sociedade tinha de ser reestruturada a fim de que mulheres [...] pudessem fazer uma escolha humana e responsável sobre ter ou não – e quando – crianças, sem depois serem barradas de participar da sociedade como é seu direito. Isso significa direito a métodos anticoncepcionais [...]; direito à licença-maternidade e a creches, se as mulheres não quiserem se afastar completamente da sociedade. (Friedan, 2025, p. 488)

O método contraceptivo não é o único responsável pela autonomia feminina, como pontuado por Friedan, outros importantes aspectos são relacionados aos direitos trabalhistas e a possibilidade de um local seguro de educação para que essas mães pudessem deixar seus filhos.

A possibilidade de um método anticoncepcional promoveu liberdade sexual, dentro do que aquela sociedade permitia, mas principalmente possibilitou que as mulheres não ficassem restritas ao espaço da casa e do cuidado. A pílula foi responsável por uma revolução na vida das mulheres.

Em 1974 algumas das conferências mundiais como a da ONU procuraram falar da condição da mulher. Em decorrência dessa movimentação social, a ONU declarou que 1975 seria o ano internacional da mulher. O caderno feminino tem pelo menos duas publicações relacionadas ao assunto, excertos a seguir (Figura 48):

Excerto 48 – Fórum internacional



Legenda: Parte da matéria sobre reivindicações de direitos, 31 de março de 1974.

Fonte: Pergamum (2024)

O texto começa com “não devem ser poupados esforços para assegurar às mulheres o desempenho de um papel semelhante ao dos homens na formulação de programas e diretrizes de desenvolvimento nacional”. A matéria fala sobre discussões em um fórum internacional, com participação de líderes femininas, de um plano de

ação para que as mulheres tenham acesso ao estudo profissionalizante, oportunidades de emprego em variados setores de serviço, estímulo para que as mulheres ingressassem na vida pública, igualdade jurídica etc.

As jornalistas do caderno feminino faziam um bom trabalho informativo, apesar de não ser constante, sobre a luta pelos direitos da mulher (Figura 49). A matéria de 1974 fala sobre as reivindicações discutidas na “Comissão sobre a Posição da Mulher”, ainda segundo a autora a maior parte dos assuntos discutidos foram as dificuldades de as mulheres conseguirem igualdade no trabalho, o poder da mulher dentro e fora da família e o uso indevido da imagem da mulher na publicidade.

Provavelmente o que mais chama atenção na matéria é o tópico “Nos Empregos” em que a sugestão da ONU para a igualdade é o livre acesso de mulheres a novas oportunidades, isto é, o fim da necessidade da permissão de um marido ou juiz para que a mulher pudesse exercer a atividade em questão.

Excerto 49 – A ONU e as mulheres



Legenda: matéria do dia 5 de maio de 1974.

Fonte: Pergamum (2024)

A busca por equidade ainda é uma luta que deve ser de todos, embora as mulheres não precisem de autorização masculina para desempenhar novas atividades

ou adentrar no ensino superior, há a necessidade de luta por igualdade salarial. Segundo o 5º Relatório de Transparência Salarial e Critérios Remuneratórios as mulheres recebem cerca de 21% a menos que os homens no setor privado no Brasil, dados do Ministério do Trabalho e do Emprego. As mulheres lutam por equidade no âmbito laboral a mais de cinquenta anos no Brasil e já era noticiado em um caderno que não tinha compromisso com a luta feminista.

Em 1970 as jornalistas do caderno feminino da *Folha de Londrina* já se perguntavam o que é ser mulher (Figura 50), na tentativa de responder uma grande pergunta se recorreu a correntes filosóficas e doutrinas da época. A jornalista usa o que seria a definição do que é ser mulher para o marxismo, existencialismo, corrente personalista e famosos pensadores como Beauvoir e Fourier.

Não necessariamente o texto toma uma posição progressista em relação ao ser mulher, mas vale ressaltar que a autora aborda as visões do marxismo e de Simone de Beauvoir inclusive escrevendo a famosa frase “Não se nasce mulher, torna-se. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico, define a figura que reveste a mulher no seio da sociedade.”, por isso, é interessante observar uma certa liberdade em abordar temas que provavelmente poderiam ser conteúdo de censura para uma publicação de um jornal tradicional durante o AI-5.

Excerto 50 – Maneiras de ser mulher

AS DIVERSAS MANEIRAS DE SER MULHER

Por trás das diversas atitudes pode-se distinguir em nossa época as principais doutrinas que propõem uma explicação para a natureza e a vocação da mulher. Existe, inconscientemente ou não, a «concepção tradicional», que pretende que a mulher deva trazer filhos ao mundo e alimentá-los; não é considerada senão como referência ao lar e à família.

Para o marxismo, a mulher, de um modo semelhante ao proletariado, se acha alienada pela sociedade capitalista e pelo homem: só exercendo uma atividade profissional e assumindo responsabilidades de ordem econômica ou política poderá libertar-se.

O existencialismo pede que a mulher exerça seus direitos de um modo idêntico ao homem — confunde igualdade e identidade — e que obtenha as mesmas vantagens no plano sexual e econômico.

A corrente personalista, de inspiração cristã, fez-se presente e conta hoje com muito boa acolhida nos setores responsáveis do mundo contemporâneo. Parte de um reconhecimento da dignidade da mulher como pessoa humana e afirma a igualdade da natureza para ambos os sexos.

Todas as doutrinas — diz Maria Dolores de Assis Carrote — mesmo com sua disparidade de soluções e mundo moderno. Não deixa de ser curioso que o século XX, mesmo em suas atitudes mais «snobs», continue se filtos que já vinham surgindo no século XVIII; a nova relação homem-mulher como resultado da mudança social, os problemas do trabalho feminino, a participação da mulher na vida cidadã.

Um dos utópicos socialistas do século passado, Fourier, dizia: «A decadência da ordem social coincide com a menor liberdade da mulher» e naquela época Flora Tristan, na revolução de 1848, fazia as seguintes propostas:

— Que se reconheça, em princípio, a igualdade de direitos do homem e da mulher como único meio de constituir a unidade humana;

— Que se reconheça a urgente necessidade de dar às mulheres do povo uma educação moral, intelectual e profissional, a fim de que sejam agentes moralizadores dos homens do povo.

Se os conflitos são hoje os mesmos, os termos vata-lavras superadas. Ainda que se perceba uma tendência a superar os extremos e buscar o lugar de cada um para conseguir uma enriquecedora colaboração homem-mulher, continuam de pé duas ideologias radicais: o existencialismo e o marxismo.

«Não se nasce mulher, torna-se. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico, define a figura que reveste a mulher no seio da sociedade», escreveu Simone de Beauvoir. A voz de Simone de Beauvoir não foi o grito mais estridente, a explosão que pulverizou com maiores traços o ideal tradicional feminino ao esvaziar em seu projeto de mulher muitas das essências imprescindíveis para realizar-se.

A mulher, com o marxismo, fica reduzida a sua capacidade de trabalho, e a supremacia absoluta concedida ao trabalho leva consigo a negação de valores espirituais importantes: a mulher é só um sujeito produtivo.

No Ocidente, a sociedade de consumos está delineando um tipo de mulher que recolhe o ultrapassado da doutrina tradicional e o materialismo mais chão de nossa época. A mulher é objeto de luxo, ocasião de prazer. Talvez nenhuma romancista espanhola tenha sido tão lúcida como Carmen Kurtz, para denunciar esta mulher-objeto. O tipo de mulher que a romancista quer é a que reage contra a asfixia do ambiente e é capaz de correr o risco de abrir-se a uma sociedade nova, com a ambição de se criar um futuro melhor.

A escritora se aproxima do ponto de partida de outra corrente de pensamento que vem surgindo hoje: o personalismo. Trata-se de defender a dignidade da mulher como pessoa humana, sem que perca nada de sua feminilidade, esta maneira de estar no mundo próprio da mulher. Para isto, o personalismo propõe a formação e educação da mulher, de onde tomará consciência de suas possibilidades e valores, para uma cooperação com o homem no lar e no trabalho.

Só conquistando o difícil equilíbrio entre a liberdade e a feminilidade a mulher encontrará seu caminho de reflexão, educação e capacitação, para salvar aspectos importantes do ser humano numa época materialista como a que vivemos.

Legenda: Matéria de 22 de março de 1970.

Fonte: Pergamum (2024)

A matéria escrita de maneira informativa vai além do que se acreditava ser mulher para a época, *O Segundo Sexo* foi publicado originalmente em 1949 e até hoje

a icônica frase de Beauvoir ainda não é bem aceita por alguns grupos sociais²³. A busca por uma definição do que é ser mulher atrelada as mudanças no relacionamento entre homens e mulheres nos mostra que na verdade o texto serve como uma afirmação de que há uma pluralidade em ser mulher.

Embora a linguagem apresentada seja neutra, o que faz com que não possamos afirmar a concordância ou não da jornalista existe uma importância de local e publicação, o texto serve para uma difusão de pensamentos que poderiam não ser acessíveis.

A matéria informativa mais surpreendente encontrada durante a pesquisa no caderno feminino foi a em que Betty Friedan, Kate Millett e Gloria Steinem foram apresentadas às leitoras em 1974 (Figura 51). O texto é didático e possui linguagem neutra; apresenta a vida pessoal e acadêmica das três, e não há nenhum tipo de opinião da autora da reportagem no caderno feminino.

Betty Friedan é apresentada como “mãe” do então movimento feminista americano, o texto aborda a vida pessoal e carreira acadêmica da teórica feminista e define o livro *A Mística Feminina*, um dos livros utilizados na pesquisa, como “Um estudo cuidadosamente documentado, embora apaixonadamente, seu tema central diz que ‘a mística feminina’ é um canto da sereia que leva a mulher a abandonar a busca de sua identidade individual, deixando-se dominar pelo marido, pelo lar e pelos filhos...” (Pergamum, 2024).

Kate Millett é definida como culta e profana, além de ser chamada de sacerdotisa do *Women's lib* em decorrência da publicação da tese de doutorado chamada *Política Sexual* em que a autora trabalha as relações entre sexo e poder e como afeta a vida das mulheres, a matéria fala sobre a trajetória acadêmica da ativista e como o tema de pesquisa surgiu.

Por fim, Gloria Steinem é apresentada como vinda de uma família em que a avó era conhecida por ser a presidente da associação pró-sufrágio, a mãe foi jornalista em uma época em que as mulheres não assumiam profissões além do cuidado do lar, após entrar no movimento Steinem se tornou rapidamente um dos rostos do

²³ Após uma questão no ENEM em 2015 a escritora foi alvo de diversos ataques nas redes sociais, mudanças no verbete online Wikipédia que a colocavam como pedófila e nazista, chegou ao ponto de duas câmaras municipais, Sete Lagoas (MG) e Campinas (SP), proporem moções de repúdio a prova do exame.

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2015/10/31/interna_politica,703285/vereador-preocupado-com-questao-do-enem.shtml

movimento. Apesar de apresentar as feministas com os méritos devidos às carreiras brilhantes a jornalista não corrobora o pensamento feminista nem com as reivindicações do movimento feminista.

Excerto 51 – As mulheres *Women's Lib*

Fonte: *Correio da Manhã*

Três aspectos dos direitos da mulher, causando impacto em sua época, impacto elogiado às vezes mercedário. Para você conhecê-las melhor, aqui vão alguns dados pessoais sobre as três.

mulheres - Betty Friedan, Gloria Steinem e Kate Millet - são, provavelmente, as mais conhecidas líderes do "women's lib" nos Estados Unidos. Escrevem e discursam sobre os vários

O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DA MULHER

BETTY FRIEDAN

A "mãe" do atual movimento feminista nos Estados Unidos, Betty Friedan, é uma ex-dona de casa suburbana de 52 anos, divorciada, cujo best seller popular, "The Feminine Mystique", atingiu as listas de best-sellers em 1963. Traduzido para treze idiomas, o livro já teve 15 edições, num total de 1.250.000 exemplares. Um estudo cuidadosamente documentado, embora apertadamente, seu tema central diz que a "mulher feminina" é um signo da sociedade que leva a mulher a abandonar a busca de sua identidade individual, deixando-se dominar pelo marido, pelo lar e pelos filhos.

Em outubro de 1966, convencida de que a necessidade de um movimento de direitos civis de mulher tinha chegado a um ponto de urgência explosiva subterrânea, Betty Friedan fundou a Organização Nacional de Mulheres (NOW) e tornou-se sua presidente. Como a maior das organizações feministas, a NOW procura a reforma, mediante melhoramentos na educação, legislação e ação jurídica, concentrando-se principalmente na igualdade de emprego.

Mais tarde, tornou-se chefe de uma coleção de grupos feministas que, no dia 16 de agosto de 1970, realizou manifestações para reivindicar três coisas: Direito de aborto, centros assistenciais gratuitos de tempo integral e igual oportunidade de emprego e educação.

Betty Naomi Goldstein nasceu em Peoria, Illinois,

KATE MILLET

Culta e profana, Kate Millet, de 38 anos, foi considerada a "secundária" do "women's lib", depois da publicação de sua tese de doutorado - "A Política Sexual: Um Surpreendente Exame do Meio Arbitrário Tolice da Sociedade", no verão de 1970.

Nascida em St. Paul, Minnesota, no dia 14 de setembro de 1934, a jovem Kate ingressou na Universidade de Minnesota, onde, em 1956, recebeu os Honors de B.A., em Inglês, com honras e da Sociedade Phi Beta Kappa. Sua tese de mestrado, operante, tendência a "escurecer" o convencionalismo assumiu um fio rico, zeloso guardião da reputação da família, e enviou a Universidade de Oxford, para estudos de pós-graduação. Kate achou, porque, como disse, "era isto ou um balcão de jogo".

Estudou Literatura Inglesa, especializando-se na Era Victoriana. Permaneceu dois anos em Oxford, até 1958. Voltou ao ensino na Universidade de Carolina do Norte, mas o abandono em meados do semestre e mudou-se para o bairro de Boverly, na Cidade de Nova York, onde iniciou carreira como pintora e escultora. Em 1961, viajou para Tóquio, para dois anos de estudos místicos. Sua estada ali terminou com o seu casamento com um escritor japonês e uma decisão, predito pelo oráculo, de voltar para a América.

Participa do "women's lib" desde o início do movimento, tendo nota ingressado quando trabalhava para sua doutorado em Inglês e Literatura Comparada na Universidade de Columbia. Eleita Presidente do Comitê de Educação da NOW, em 1966, tornou-se uma veemente defensora dos direitos estudantis e da reforma da Lei do Aborto, bem como do movimento de libertação da mulher, agitação que culminou, em 1968, em sua expulsão da Faculdade. Em sua forma germinativa "Política Sexual" foi um pequeno discurso que fez numa reunião do "women's lib" na Universidade de Cornell, em novembro de 1968, começou a ampliar o discurso, fazendo dele a sua tese de doutorado.

GLORIA STEINEM

A língua-ferina de Gloria Steinem, a "glamour girl" do movimento de libertação da mulher, desce de uma família de conhecidos iconoclastas: seu avô foi presidente da Associação pro-Sufragio Feminista e delegada a reunião em 1908 do Conselho Internacional de Mulheres; seu pai foi repórter em Toledo, Ohio, durante os anos de depressão, quando o lugar da mulher era em casa.

Carrou a Smith College, onde se formou em Administração, com honras, em 1956. Após uma experiência de dois anos em uma unidade de desastres em Calcutá, como voluntária, voltou a Nova York com a intenção de lançar-se na carreira de escritora. Sua assinatura apareceu pela primeira vez numa edição de 1962 num artigo sobre a revolução sexual, intitulado "That Was the Week That Was" em 1964. Subsequentemente, seus artigos começaram a aparecer regularmente no "New York Times" e no "New York Herald Tribune". Quando foi nomeada para o "New York Herald Tribune" em 1968, foi contratada como correspondente. Entre a redação, passou a

usar uma coluna intitulada "The City Politic", em apoio das candidaturas políticas favoráveis e suas causas - principalmente Eugene McCarthy - e, depois, Robert Kennedy. Após a firmeza da guerra no Vietnã, o Partido Republicano e a maioria dos políticos de Nova York, favorecendo por outro lado, alguns grupos minoritários. Seu primeiro contato com o "women's lib" realizou-se em novembro de 1968, quando foi assistente a uma reunião em Nova York, do grupo feminino desmoldado "The Redstockings", a fim de colher material para a sua coluna.

"Antes daquela reunião dos Melos Vermelhos, disse mais tarde, pensei que meu problema era que meus problemas e experiências pessoais eram meus e não parte de um problema político maior... Não podia imaginar que fizessem parte de um problema de grupo". Em sua opinião, o problema político está no fato de os homens, conscientes ou inconscientemente, perpetuarem a subjugação da mulher, tendo em vista ganhos econômicos e sociais.

Brilhante, bonita e, vemente, Gloria Steinem tornou-se logo um dos mais atarefados proleiros do movimento, levantando patos, falando nas reuniões, participando em programas de televisão, escrevendo, meditando, organizando, e...

Legenda: parte da matéria do dia 6 de janeiro de 1974

Fonte: Pergamum (2024)

Assim como a matéria em que é apresentada as diversas formas de ser mulher introduzir teóricas feministas que foram grandes novas da segunda onda é extremamente relevante e significativo. Mais uma vez podemos observar um trabalho informativo não opinativo que sua presença por si só já diz mais do que está propriamente escrito.

Surpreendendo mais uma vez na edição posterior podemos ver as respostas das leitoras em relação ao artigo sobre as mulheres do *Women's Lib*. A maior parte da devolutiva das leitoras é negativa. As respostas "nada disso", "as enganadas", "volta para as receitas" e "emancipar o homem" são abertamente contrárias ao tipo de matéria publicada no caderno que a época era assinada por Rose Arruda, algumas das respostas incluem o desejo por receitas, as mulheres do *Women's Lib* como enganadoras, o medo de deixar os homens de lado e emancipação masculina.

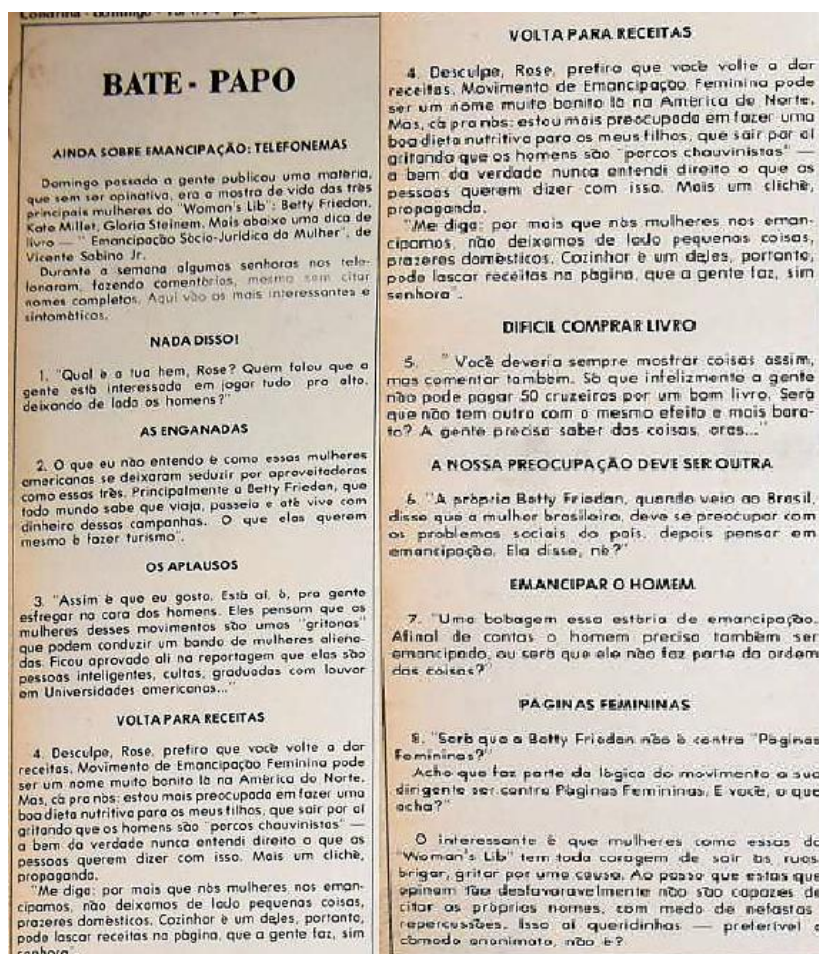
Em relação a resposta “nossa preocupação deve ser outra” a leitora aborda uma suposta fala da própria Betty Friedan de que o Brasil deveria se preocupar primeiro com os problemas sociais do país, uma resposta não tão negativa quanto as outras quatro já abordadas. Há três respostas que podem ser consideradas positivas em relação à aceitação do texto sobre as feministas: “os aplausos”, “difícil comprar livro” e “páginas femininas”.

Na resposta número três a leitora ressalta a notoriedade acadêmica das feministas, falando sobre a imagem que se tinha das mulheres do movimento, mais uma vez vê-se o adjetivo gritona, “Ficou provado ali na reportagem que elas são pessoas inteligentes, cultas, graduadas com louvor de Universidades americanas...” deixando perceptível a admiração da leitora. A quinta resposta mostra o interesse nos livros das autoras feministas e o conhecimento prévio por parte da leitora do jornal, mostra ainda a inacessibilidade que se tinha em relação à compra de importantes livros por causa do preço cobrado.

É interessante pensar que a carreira acadêmica das pensadoras serve como um argumento de validação da corrente defendida por elas, o feminismo que não era bem-visto nem nos círculos progressistas do Brasil. Vale ressaltar que uma das primeiras reivindicações do feminismo foi justamente o direito a educação formadora.

Por fim, a oitava resposta demonstra conhecimento em relação ao pensamento feminista. A leitora deixa um questionamento em relação à existência do tipo de caderno feminino presente na *Folha de Londrina*, como já abordado anteriormente, o foco do jornal era justamente a mulher com interesse em receitas, criação dos filhos sem ter um interesse em matérias mais progressistas. A mesma leitora fala abertamente e positivamente sobre a coragem das mulheres do movimento feminista e fala sobre a falta de coragem das mulheres que pregam, anonimamente, contra o movimento de emancipação da mulher, a crítica também se refere as leitoras do caderno feminino que não querem matérias informativas como sobre as mulheres do *Women's Lib*.

Excerto 52 – resposta das leitoras



Legenda: texto publicado no dia 13 de janeiro de 1974

Fonte: Pergamum (2024)

Embora o caderno feminino do periódico buscasse justamente ressaltar o ser mulher a partir da família, da casa e dos filhos o que encontramos aqui é um trabalho exemplar das jornalistas responsáveis pelo suplemento jornalístico. Dentro das possibilidades de publicação os textos esporádicos informavam as leitoras sobre avanços que viriam revolucionar a vida das mulheres, buscavam chamar as mulheres a uma vida pública mais ativa e conscientizara-las sobre a luta feminina. Levando em consideração que, provavelmente, o jornal era uma das principais fontes de informação na década de 1970 a coragem dessas jornalistas se torna ainda mais notável.

O trabalho das mulheres da Folha Feminina da *Folha de Londrina* foi de grande relevância informacional, dentro do que era possível para o jornal na época. Matérias sobre importância do aleitamento materno, saúde, o incentivo a participação na vida pública e o pouco que se abordou sobre libertação da mulher deveria ter mais destaque nas pesquisas sobre imprensa feminina e feminista. Todo esse trabalho foi

desenvolvido pelas primeiras mulheres que trabalharam na *Folha de Londrina* e que com certeza enfrentavam as próprias dificuldades em relação ao discurso institucionalizado da inferioridade da mulher.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a *Folha de Londrina* sofreu censura durante a década de 1970 e que teve jornalistas observados e observadas pelo Estado, consequentemente, existia em algum nível um cuidado com o que era abordado e trabalhado por todos os colaboradores da *Folha*. O nível de liberdade do jornalismo interfere diretamente na qualidade do produto e como esse trabalho chega aos leitores, pensando nisto, é importante buscar sintetizar como tal contexto se apresentou no caderno feminino.

A pesquisa mostrou que a Folha Feminina era de responsabilidade das jornalistas do caderno. Ficou evidente que existia uma certa liberdade em relação aos assuntos abordados. Embora a variedade de assuntos no suplemento feminino seja surpreendentemente positiva é perceptível que as jornalistas não falavam sobre todas as temáticas que estavam sendo discutidas à época. Aborto, vida sexual da mulher e anistia não aparecem no caderno e quando se fala sobre assuntos com relação política existe um cuidado na escolha das palavras. Em nenhum momento é possível afirmar se as jornalistas eram a favor ou contra os discursos publicados.

A presença de matérias sobre anticoncepcional, importância do voto, participação na vida pública, equidade no cuidado dos filhos *etc.* muito provavelmente foi pensada e desenvolvida pelas mulheres que assinavam o caderno. A busca pela difusão da informação, do acesso facilitado a pensadoras teóricas, tudo o que encontramos é de responsabilidade das jornalistas. É de extrema importância o trabalho que essas mulheres fizeram, dentro do que era possível, no suplemento feminino.

O que acabou chamando muita atenção durante a pesquisa foi o apagamento sofrido pelas primeiras mulheres que trabalharam na *Folha de Londrina*. As responsáveis pela formação cultural e fonte de informação de muitas londrinenses não são conhecidas pelo trabalho que desempenharam durante anos no jornal.

Em 2022 Constância Lima Duarte publicou um livro chamado *Memorial do Memoricídio: escritoras brasileiras esquecidas pela história*, em que a pesquisadora utilizou termo *memoricídio* para falar sobre as escritoras apagadas social e culturalmente, sendo deixadas de lado no que diz respeito principalmente ao cânone literário brasileiro.

Historicamente há um apagamento da autoria feminina, seja pelo cânone

literário que por muito tempo privilegiou autores homens, seja o apagamento na educação e nos livros didáticos da educação básica, seja nos vestibulares (fato que apresenta uma mudança recente), ausência em historiografias literárias e na representação midiática.

No decorrer da história a mulher sempre esteve na retaguarda da sociedade, assim como muitas outras minorias, o direito à educação, ao voto, direito ao emprego, ao ensino superior *etc.* demoraram a ser conquistados. Mesmo após a conquista de direitos e a luta de diversas escritoras para tomar espaços, como poder ser membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), a sociedade perpetuou essa ausência de modo que o apagamento se tornasse sistemático.

A relação de importância já discutida para publicação da autoria feminina em jornais também tem consequência no apagamento. Para muitas autoras o jornal foi a porta de entrada na literatura, ou até mesmo a principal fonte de renda. Ao excluirmos essas mulheres do cânone literário acabamos por excluí-las também da história do jornalismo.

Outra vez faz-se necessário citar a autora Júlia Lopes de Almeida, que foi apagada por muito tempo da literatura e poucas pessoas sabem da participação da literata como colaboradora de diversos jornais importantes da imprensa feminista. Ao apagar uma escritora da cultura toda a contribuição que ela tenha feito a qualquer área é dissipada, a importância de sua obra literária é diminuída, os editoriais publicados são esquecidos e sua vida é reduzida ao âmbito pessoal.

Ao pesquisarmos a autoria feminina no jornalismo não há uma mudança drástica do que encontramos na literatura, como falado anteriormente, até o tipo de relação trabalhista pode interferir no que é deixado para a posteridade. Há muita pesquisa arqueológica ainda necessária para que possamos não esquecer por completo essas mulheres.

Apesar da facilidade no acesso ao acervo da *Folha de Londrina*, tanto por meio da plataforma *Pergamum* ou a consulta pessoalmente ao Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina, existe um grande esquecimento em relação às mulheres do jornal.

Foram encontradas poucas matérias em homenagem às mulheres do periódico, Pedro Moraes foi o responsável por uma das reportagens intitulada “As jornalistas: elas vieram, viram, vencerão e contam suas histórias”. Moraes faz uma linha do tempo destacando algumas das jornalistas relevantes para o periódico no

decorrer dos anos. Foi exatamente por causa da matéria do jornalista que se pode inferir que Christiani Helena, Christiani Helena Moraes, Christiani Moraes (e diversas outras grafias do nome Christiani) são a mesma pessoa, a não visibilidade da autora pela alternância de nomes e sobrenomes acaba por ser, mesmo que de forma equivocada, um apagamento. Rose Arruda aparece em mais reportagens, há uma entrevista de 10 minutos no canal do YouTube da *Folha de Londrina* em que ela pode falar sobre seu período de formação como profissional no jornal e tudo que vivenciou.

No site do jornal é possível encontrar colunas, e matérias publicadas anteriormente no periódico, como um resgate de memória de textos importantes geralmente intitulados “Histórias da Folha”. Proposital ou não há uma ausência de citação de três jornalistas que foram importantes, tanto dentro do periódico quanto para a imprensa brasileira como um todo. Linda Bulik, Joana Lopes e Teresa Urban aparecem em poucas menções de jornalistas contemporâneos a elas na redação. Ao pesquisar sobre a carreira dessas mulheres não faltam menções e reportagens, diferente do que aconteceu com a história delas no jornal.

Não se pode afirmar o porquê do esquecimento em relação às jornalistas por algumas pessoas, assim como não se percebe nenhuma ação do próprio periódico em preservar a memória de jornalistas e seus textos além da preservação e doação do acervo do periódico à UEL.

As primeiras mulheres da *Folha de Londrina* ajudaram a moldar e informar uma geração de pessoas que todos os dias liam o jornal e hoje são nomes estranhos para grande parte dos londrinenses. No Paraná as jornalistas tiveram a oportunidade de exercer a carreira dentro de periódicos hegemônicos o que faz com que o trabalho de pesquisa se apresente de outra maneira, há uma necessidade de continuidade no trabalho de coleta e pesquisa de mulheres no jornalismo paranaense para que a contribuição dessas mulheres não seja perdida.

REFERÊNCIAS

360 VR FOLHA DE LONDRINA. “**Era um período de uma Londrina efervescente**”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xTA0pEvkmqg>. Acesso em: 24 dez. 2025.

A imprensa feminista e o papel da mulher são abordados pela Comissão da Verdade. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=338599>. Acesso em: 24 dez. 2025.

ADAMOLI, Marco Antônio; LIMA, Elisane Pinto da Silva Machado de. Uma análise discursiva das designações em “Bela, recatada e do lar” A Discursive Analysis of the Terms in “Beautiful, Maidenlike and a Housewife”. **Polifonia**, [s. l.], v. 25, ed. 37.1, p. 73-87, 2018.

ALMEIDA, E. A. S. de. A participação das mulheres no jornalismo impresso e diário de Curitiba durante a ditadura militar e pós-abertura política. **XXV Encontro Anual de Iniciação Científica**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016

ALTERNATIVO. In: **HOUAISS**, Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://houaiss.online/houaission/apps/www2/v8-0/html/index.php>. Acesso em: 10/11/2024.

ALVES, Patrícia Maria. **Folha de Londrina - Folha de Londrina**. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/transmidia/folha-de-londrina-2958739e.html>>. Acesso em: 24 dez. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2ª edição. ed. São Paulo: Difusão Europeia dos Livros, 1967.

BORGES, Carla; MERLINO, Tatiana. **Heroínas desta História: Mulheres em busca de justiça por familiares mortos pela ditadura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019

BRASIL. Comissão da Verdade. **RELATÓRIO DA COMISSÃO DA VERDADE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA** Profa. Joana D’Arc Bizzotto Lopes. Brasília, 2014.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Summus, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. **História (São Paulo)**, v. 30, n. 2, p. 196–213, dez. 2011.

CARDOSO, Elizabeth. Imprensa feminista brasileira pós-1974. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. spe, p. 37–55, dez. 2004.

CAPUCHINHO, Nadiesda Carolina Dimambro. Mulheres no Brasil dos anos 1970:

militância, mídia e padrão de beleza. **Revista Extraprensa**, São Paulo, Brasil, v. 12, n. 2, p. 157–178, 2019. DOI: 10.11606/extraprensa2019.155487. Disponível em: <https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/155487>. Acesso em: 01 nov. 2024.

CHAVES, Eduardo dos Santos. Mulheres de direita: a “vigília anticomunista” das gaúchas da ADFG. **Revista Aedos**, [S. l.], v. 6, n. 15, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/50969>. Acesso em: 20 dez. 2025.

CORREIA JUNIOR, Odir Taborda. Ditadura civil-militar: análise do movimento estudantil da Universidade Estadual de Londrina por meio do jornal poeira (1974 – 1978). **Revista Tempo Amazônico**, [s. l.], p. 187-199, 2021.

DAEFIOL, Regina Celia. Imprensa, informação e censura: uma reflexão sobre as relações de poder na ditadura militar por meio do jornal Libertação, produzido pela Ação Popular (AP). **Boletim do Tempo Presente**, [S. l.], v. 13, n. 01, p. 186–211, 2024. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/tempopresente/article/view/21414>. Acesso em: 01 fev. 2025.

DEBÉRTOLIS, Karen Silvia. **Brasil mulher: Joana Lopes e a imprensa alternativa feminista**. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3505>. Acesso em: 4 fev. 2025.

DIAS, Geofrei Rodrigo dos Santos. **A imprensa londrinense nos tempos da ditadura civil-militar (1964-1973)**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Estadual de Londrina, [S. l.], 2008.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil século XX: (1900-1949)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

FELDMAN, Estelio. Missão para sempre: escrever o Editorial. **Folha de Londrina**, [S. l.], p. 00, 13 nov. 1998. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cadernos-especiais/missao-para-sempre-escrever-o-editorial-107870.html?d=1>. Acesso em: 1 dez. 2025.

FRANCOVIG, Carlos. **Ouro Verde e Café Quente: 50 Anos de Literatura em Londrina**. [S. l.: s. n.], 2005.

FRANÇA, Aline de Souza de Souza Araújo. Imprensa de mulheres, imprensa para instruir mulheres: a atuação de Francisca Senhorinha da Motta Diniz no periódico O sexo feminino. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 891–908, 2021. DOI: 10.12957/riae.2021.63435. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/63435>. Acesso em: 01 nov. 2024.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2025.

Grupo Folha de Londrina. Disponível em:

<<https://www.folhadelondrina.com.br/grupofolha/>>. Acesso em: 24 dez. 2025.
HISTÓRIAS da Folha. **Folha de Londrina**, [S. l.], p. 00, 12 ago. 1998. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/historias-da-folha-91848.html?d=1>. Acesso em: 1 dez. 2025.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. [S. l.: s. n.], 1991.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. São Paulo: Cultrix, 2019.

MARCON, Pedro. Folha completa 70 anos de história. **Folha de Londrina**, [S. l.], p. 00, 13 nov. 2018. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/reportagem/folha-completa-70-anos-de-historia-1020216.html?d=1>. Acesso em: 1 dez. 2025.

MARCON, Pedro. Folha de Londrina completa 69 anos de história. **Folha de Londrina**, [S. l.], p. 00, 13 nov. 2017. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/folha-de-londrina-completa-69-anos-de-historia-993100.html?d=1>. Acesso em: 1 dez. 2025.

MARTINS, Marina Solon Fernandes Torres; NUNES, Márcia Vidal. A IMPRENSA ALTERNATIVA COMO ALIADA AO MOVIMENTO FEMINISTA DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL: uma análise no jornal Nós Mulheres. **Revista Latino-americana de Jornalismo**, [s. l.], p. 493-510, 2020.

MELLO, Alessandra. Câmaras Municipais propõem moções de repúdio à prova do Enem. **Estado de Minas**, [S. l.], 31 out. 2015. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2015/10/31/interna_politica,703285/vereador-preocupado-com-questao-do-enem.shtml. Acesso em: 1 jun. 2026.

MOURA, Rayane. Desigualdade salarial: mulheres ganham 21,3% menos que homens, mesmo com alta do emprego. **G1**, [S. l.], 27 abr. 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2026/04/27/desigualdade-salarial-mulheres.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2026.

MUZART, Zahidé Lupinacci. UMA ESPIADA NA IMPRENSA DAS MULHERES NO SÉCULO XIX. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 225, 2003. DOI: 10.1590/S0104-026X2003000100013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013>. Acesso em: 01 nov. 2024

NDPH recebe acervo de professora perseguida na década de 70. Disponível em: https://www.uel.br/com/agenciaueldenoticias/index.php?arq=ARQ_not&FWS_Ano_Edicao=1&FWS_N_Edicao=1&FWS_Cod_Categoria=2&FWS_N_Texto=23914. Acesso em: 24 dez. 2025.

NUNES, Máira; RIBEIRO, Regiane. Primeira Onda: feminismo e a participação de mulheres na imprensa curitibana (1853-1953).. **Estudos Históricos**, [s. l.], v. 38, ed. 84, 26 fev. 2025.

OLIVEIRA, Jota. A primeira saia da Redação. **Folha de Londrina**, [S. l.], 13 nov. 1998. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cadernos-especiais/a-primeira-saia-da-redacao-107888.html?d=1>. Acesso em: 1 dez. 2025.

PILOTTO, Osvaldo. **Cem anos de imprensa no Paraná: 1854-1954**. [S. l.]: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, p. 15–23, 1 jun. 2010.

RÊGO, Ana Regina; MOURA, Ranielle Leal. Jornalismo, gêneros e diversidade cultural nas revistas brasileiras. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 35, n. 2, p. 101–128, dez. 2012.

RESENDE, Antônio José Calhau de. Aspectos do regime estatutário e o regime celetista na administração pública. **Cadernos da Escola do Legislativo**, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://cadernosdolegislativo.almg.gov.br/cadernos-ele/article/view/160>. Acesso em: 1 fev. 2025.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 2, n. 2, p. 113–128, 1990. DOI: 10.1590/ts.v2i2.84806. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84806>. Acesso em: 27 jan. 2025.

ROMAN, Marcos. A transformação da cidade nos anos 50. **Folha de Londrina**, [S. l.], p. 00, 29 nov. 2017. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/a-transformacao-da-cidade-nos-anos-50-994442.html?d=1>. Acesso em: 1 dez. 2025.

SANTOS, MARIÂNGELA DIAS. **A INSTITUIÇÃO DO ENSINO DE PRIMEIRAS LETRAS NO BRASIL (1757-1827)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, [S. l.], 2011.

SILVA, Daiane Lopes da; NOGUEIRA, Joani Almeida dos Santos. BELEZA E MODA DA MULHER REPRESENTADAS NA IMPRENSA FEMININA DOS SÉCULOS XX E INÍCIO DO XXI. **Verbum**, [s. l.], p. 146-167, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/56586/38537>. Acesso em: 1 jun. 2025.

SILVA, Laila Thaís Correa. **Josephina, Ignez e Délia: a literatura combativa das mulheres de letras no Brasil de fins do século XIX**. Londrina: EDUEL, 2024.

SOUZA, Lidiane Aparecida Silva de. **IMPRENSA FEMININA: A mulher vista nas páginas das revistas**. 2002. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Juiz de Fora, [S. l.], 2002.

TAVEIRA, Caroline Gonçalves. Quem coloca a bunda em Caras não coloca a cara em Bundas – Um resgate da Imprensa Alternativa no Brasil. **Revista Alterjor**, São Paulo, Brasil, v. 10, n. 2, p. 95–109, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88325>. Acesso em: 11 nov. 2024.

HEMEROTECA DIGITAL NACIONAL

- 1 - JORNAL A VIOLETA.** 17 de setembro de 1849. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=361674&pesq=&pagfis=2>
5. Acesso em: 20 dez. 2025
- 2 - O BEIJA FLOR.** 17 de novembro de 1850. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=766755&pesq=&pagfis=7>
4. Acesso em: 20 dez 2025
- 3 - O SEXO FEMININO.** 14 de setembro de 1873. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706868&pesq=&pagfis=6>
. Acesso em: 20 dez. 2025
- 4 - ECHO DAS DAMAS.** 3 de agosto de 1880. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=248207&pesq=&pagfis=1>
7. Acesso em: 20 dez. 2025
- 5 - A FAMÍLIA.** 29 de dezembro de 1888. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pesq=&pagfis=3>
9. Acesso em: 20 dez. 2025
- 6 - QUINZE DE NOVEMBRO DO SEXO FEMININO.** 6 de abril de 1890. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=228559&pesq=&pagfis=9>
. Acesso em: 20 de dez. 2025
- 7 - A PALAVRA.** 19 de fevereiro de 1898. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=809888&pesq=&pagfis=2>
6. Acesso em: 20 dez. 2025
- 8 - A MENSAGEIRA.** 15 de outubro de 1897. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=352438&pesq=&pagfis=2>
. Acesso em: 20 dez. 2025
- 9 - O LYRIO.** 5 de novembro de 1902. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=828343&pesq=&pagfis=5>
. Acesso em: 20 dez. 2025
- 10 - REVISTA FEMININA.** Janeiro de 1917. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=212547&pesq=&pagfis=2>
6. Acesso em: 20 dez. 2025
- 11 - JORNAL DAS MOÇAS.** 1 de fevereiro de 1940. Disponível em https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_04&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=195. Acesso em: 20 dez. 2025
- 12 - BRASIL FEMININO.** Junho de 1932. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=160733&pesq=&pagfis=2>

25. Acesso em: 20 dez. 2025

13 - WALKYRIAS. Setembro de 1934. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=337234&pesq=&pagfis=8>
6. Acesso em: 20 dez. 2025

14 - A MOCINHA. 4 de março de 1888. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=816280&pesq=&pagfis=1>
. Acesso em: 20 dez. 2025

12 - BRASIL MULHER. Março 1978. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=491233&pesq=&pagfis=1>
. Acesso em: 20 dez. 2025

13 - BRASIL MULHER. Março de 1979. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=491233&pesq=&pagfis=8>
. Acesso em: 20 dez. 2025

14 - BRASIL MULHER. 8 de março de 1980. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=491233&pesq=&pagfis=1>
6. Acesso em: 20 dez. 2025

15 - BRASIL MULHER. 8 de março de 1980. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=491233&pesq=&pagfis=1>
6. Acesso em: 20 dez. 2025

16 – BRASIL MULHER. 8 de março de 1980. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=491233&pesq=&pagfis=1>
6. Acesso em: 20 dez. 2025

17 - BRASIL MULHER. Março de 1979. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=491233&pesq=&pagfis=8>
. Acesso em: 20 dez. 2025

18 - BRASIL MULHER. Março de 1979. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=491233&pesq=&pagfis=8>
. Acesso em: 20 dez. 2025

19 - BRASIL MULHER. Março de 1979. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=491233&pesq=&pagfis=8>
. Acesso em: 20 dez. 2025

PERGAMUM

20 - FOLHA DE LONDRINA. 10 maio de 1970. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001d7/0001d723.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

21 - FOLHA DE LONDRINA. 18 de abril de 1971. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001f1/0001f1cf.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

22 - FOLHA DE LONDRINA. 17 de junho de 1973. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/000205/00020591.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

23 - FOLHA DE LONDRINA. 2 de julho de 1972. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c3/0001c39e.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

24 - FOLHA DE LONDRINA. 16 de agosto de 1970. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001d7/0001d7f1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

25 - FOLHA DE LONDRINA. 29 de julho de 1973. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/000203/0002035d.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

26 - FOLHA DE LONDRINA. 7 de julho de 1974. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c7/0001c7ef.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

27 - FOLHA DE LONDRINA. 22 de outubro de 1972. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c7/0001c7e3.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

28 - FOLHA DE LONDRINA. 2 de julho de 1972. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c3/0001c39e.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

29 - FOLHA DE LONDRINA. 22 de outubro de 1972. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c7/0001c7e3.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

30 - FOLHA DE LONDRINA. 30 de setembro de 1973. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/000203/000203a6.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

31 - FOLHA DE LONDRINA. 8 de julho de 1973. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/000203/0002034d.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

32 - FOLHA DE LONDRINA. 21 de julho de 1974. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c7/0001c7fb.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

33 - FOLHA DE LONDRINA. 5 de maio de 1974. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c4/0001c4b2.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

34 - FOLHA DE LONDRINA. 2 de setembro de 1973. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/000203/00020369.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

35 - FOLHA DE LONDRINA. 19 de agosto de 1973. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/000208/00020879.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

36 - FOLHA DE LONDRINA. 26 de agosto de 1973. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/000208/00020880.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

37 - FOLHA DE LONDRINA. 10 de março de 1974. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c4/0001c476.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

38 - FOLHA DE LONDRINA. 17 de dezembro de 1972. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c1/0001c192.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

39 - FOLHA DE LONDRINA. 8 de outubro de 1972. Disponível em. Acesso em: 20 dez. 2025

40 - FOLHA DE LONDRINA. 10 de dezembro de 1972. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c1/0001c16f.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

41 - FOLHA DE LONDRINA. 19 de agosto de 1973. Disponível em. Acesso em: 20 dez. 2025

42 - FOLHA DE LONDRINA. 28 de julho de 1974. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c8/0001c801.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

43 - FOLHA DE LONDRINA. 1 de julho de 1973. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/000203/00020339.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

44 - FOLHA DE LONDRINA. 1 de julho de 1973. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/000203/00020339.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

45 - FOLHA DE LONDRINA. 1 de outubro de 1972. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c7/0001c7d4.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

46 - FOLHA DE LONDRINA. 27 de junho de 1971. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001fe/0001fe49.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

47 - FOLHA DE LONDRINA. 3 de março de 1974. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c4/0001c46b.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

48 - FOLHA DE LONDRINA. 31 de março de 1974. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c4/0001c4ac.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

49 - FOLHA DE LONDRINA. 5 de maio de 1974. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001c4/0001c4b2.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

50 - FOLHA DE LONDRINA. 22 de março de 1970. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001ce/0001ceeb.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

51 - FOLHA DE LONDRINA. 6 de janeiro de 1974. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001ce/0001cef2.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

52 - FOLHA DE LONDRINA. 13 de janeiro de 1974. Disponível em <https://www.memoria.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/0001ce/0001cef8.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DO EXCERTO 2

As mulheres e sua importância

Alfredo em huma das nossas últimas conferências, 1ª te pronunciaste bastante contra as Mulheres e com a tua [costumada] eloquência quiseste mesmo provar-me a sua nenhuma utilidade a sociedade; esta tua opinião fez nascer em mim o desejo de estudar o caráter da mulher com mais atenção do que até então o tinha feito. Para poder abraçar a tua opinião quando verdadeira, e repeli-la quando errônea.

Li as história do antigo Christianismo, e com espanto principal a sentir a falsidade da tua asserção por que ali deparei com Mulheres que cheias do mais nobre entusiasmo tomarão grande parte nos sucessos [...] d'aquella época e que trabalhavão com bastante desvello e energia a prol do restabelecimento do novo culto, ali deparei com Mulheres que alegres cantavão para o suplicio animando com a maior heroicidade, e requintado valor a fé vacilante de seus pays, esposos, irmãos, etc. ali deparei finalmente com Mulheres que denodo e consumado heroísmo impávidas arrostarão em resignação o jogo da mais cruel tyrania quaes anjos destinados a cingir a coroa da gloria e do martyrio sobre a froute respeitável das victimas sucumbidas pela fé do novo culto.

Li igualmente a história Grega e Romana, assim como a história dos Gaulezes e Germanos; e também ali vi muitas Mulheres, que por sua virtude e por seus feitos se tornarão ídolos de adoração d'aquelles povos, taes forão por exemplo as Vestaes, as Matronas, as Cortezãs e Druidas: ellas pelo seu sempre inalterável valor e sangue frio sustentavão a coragem dos guerreiros nos mais nenhidos combates e a rigidez dos costumes tendo sempre por divisa o amor da Patria.

Meu amigo, tu antes d'imitir a tua opinião a este respeito devias considerar que em todos os paizes aonde as Mulheres tem sido tratadas com igualdade ao Homem a civilização tem progredido: para te convenceres desta verdade basta leres a historia do antigo Egypto, e verás as mulheres tomarem grande parte nos sucessos d'aquella grande nação [...]

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DO EXCERTO 24

Cabeça mais romântica para 1970

O rosto de uma mulher, a cabeça inteira deve ser hoje muito importante para se dar a medida justa daquele que é a moda dos próximos meses, mas também de agora.

A mulher muda de aspecto sempre conforme a moda, no sentido que muda a maquiagem e no penteado, quando a moda muda, quando muda a linha de vestidos. Então, em 1970, a mulher deve mudar de todo, fisicamente [...] em homenagem ao novo tipo de vestuário.

Sua cabeça deve ser pequena, seus cabelos devem ser mais simples, estes devem ser, mesmo se longos, penteados de modo natural e não mais soltos sobre os ombros, devem ter cor originária ou mesmo, ao máximo, podem ter leves reflexos.

Penteados mais elaborados, com ondas feitas “com ferro” como se usava nos anos 30, ou mesmo os cabelos devem ser recolhidos na nuca e um chignon baixo.

Mesmo a maquiagem deve ser diferente, uma maquiagem simples, feita com fundo de cor rose e apenas bege e, ao invés, os olhos são muito maquiados. Os olhos são o elemento do rosto feminino que mesmo este ano devem ser valorizados.

A maquiagem dos olhos deve ser perfeita; mesmo que não está mais em moda o risco negro de máscara, as pálpebras são pintadas [...] de sombras das mais variadas cores, sempre de acordo com as cores dos vestidos.

Os olhos e os cílios devem sempre ser colocados em realce, os olhos devem ser alargados, mas não mais alongados como se usava antigamente. A sombra deve ser bem espalhada.

Todo o resto tem hoje pouca importância, as mulheres são sempre mais exigentes e usam suas cabeças para serem mais atualizadas e também mais belas. A linha da figura, da beleza e do corpo é importante, mas um belo rosto, cuidado e com penteado atualizado é o que de melhor existe para tornar atraente uma mulher, qualquer que seja a idade que tenha.

A cabeça pequena é uma das características desta nova imagem feminina que a moda dos esteticistas europeus aconselha.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DO EXCERTO 26

Cirurgia plástica e “financiamento”

SUZI C. é uma londrinense que gostaria de saber se a exemplo de São Paulo e Rio, por aqui já existe financiamento para cirurgia plástica. Ela diz, em sua carta, que lendo a matéria de domingo retratado “Cirurgia plástica não é complemento de salão de beleza” onde os cirurgiões José Francisco [...] e Ivan Pereira [...] tratavam do assunto interessou-se e pretende saber das condições de financiamento em Londrina.

Pelo que pudemos apurar através de telefonemas rápidos a alguns bancos e mesmo financiadora averiguamos o seguinte. Suzi não há especificamente um financiamento para cirurgia plástica, mas através de uma retirada de crédito pessoal você pode destinar o dinheiro para essa finalidade. Eles quando lhe emprestam determinada soma, neste tipo de crédito, não lhe perguntam sobre sua destinação. Portanto, você pode abrir seu crédito pessoal e fazer a cirurgia plástica que deseja.

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DO EXCERTO 34

1 – Qual a idade em que a criança adotiva deve saber que não é filho legítimo?

R – Dra. Lorena: Na verdade qualquer filho adotivo deve saber da sua situação. Já que isso é de grande importância para seu desenvolvimento psicológico. A mãe adotiva deve contar à criança [...] de história infantil nos primeiros anos de sua vida. No período pré-escolar deve relacionar estória infantil já memorizada pela criança com sua real situação familiar.

IMPORTANTE: O FILHO ADOTIVO DEVE SABER DE SUA CONDIÇÃO, ANTES DA ADOLESCÊNCIA.

3 – Qual a idade apropriada para se falar de sexo a uma criança se ela nunca demonstrou interesse?

R – Logicamente que as perguntas serão respondidas de acordo com a idade da criança que pergunta. Mas no caso do desinteresse o assunto deve ser abordado no período de maior influência da socialização na criança em idade escolar.

4 – Pode-se explicar tudo sobre sexo para uma menina de 10 anos, sendo esta muito inteligente?

R – DEVE SER EXPLICADO. Uma vez que ela é muito inteligente automaticamente sabe tudo por informações conseguidas com outras meninas menos inteligentes pois está no período escolar. Se ela não receber estas informações corretas, que desfaça as informações infantis carregadas de fantasia, pode ter uma imagem deturpada dos fatos.

10 – Os pais devem ter com as crianças brincadeiras irritantes?

R – Aqui cabe uma contra-pergunta: quem gosta de brincadeira irritante? Transporte a pergunta para uma criança que tem menos condições que o adulto para entender e se proteger de tais brincadeiras e a resposta vem fácil.

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DO EXCERTO 42

Homenagem a Dietrich contra o feminismo

De Kama vem a notícia: o costureiro André Laug organizou um desfile em homenagem a Mariene Dietrich e em meio deste fez observações sarcásticas ao movimento feminista. De sua coleção para outono-inverno Laug diz que as modelos foram inspiradas em Dietrich de “A Dama de Escarlate” e que sai próprias de “uma mulher segura de si mesma, completamente realizada, consciente de sua personalidade. Esta mulher não se assemelha em nada com as do movimento feminino de libertação”, concluiu ele.

Em meio a frases deste estilo, Laug apresentou túnicas de estilo casaco, abotoadas do lado, sobre saia midi. De modo geral, evitou as blusas acinturadas detalhe favorito da maioria das costureiras sendo que as blusas eram usadas com cachecol sempre de mangas longas e amplas. Suas jaquetas quase sempre de pele de [...] e a maioria dos chapéus era fabricado de pele [...].

Em todo desfile não se viu uma única calça comprida que foi substituída pelas saias longas com jaquetas ou sob [...]. Para a noite introduziu saias completamente pregueadas usadas com túnica de seda ou blusas. Saias longas de tafetá foram as favoritas, pouco pregueadas no início e caindo em pregas largas adornados com lantejoulas pretas, douradas e prateadas. O rosa foi a única exceção apresentado em um casaco macio de penugem de cisne com um grande capuz. Sob ele um fino vestido de alças bordados com lantejoulas.